



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

CANÍ JAKSON ALVES DA SILVA

**INTERSECÇÕES AMAZÔNIDAS: UMA ETNOGRAFIA DA
COMUNIDADE BALLROOM EM MANAUS**

**MANAUS – AM
2024**



CANÍ JAKSON ALVES DA SILVA

**INTERSECÇÕES AMAZÔNIDAS: UMA ETNOGRAFIA DA
COMUNIDADE BALLROOM EM MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais

Orientadora: Prof^a Dra. Consuelena Lopes
Leitão

**MANAUS – AM
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586i Silva, Caní Jakson Alves da
Intersecções amazônidas: uma etnografia da comunidade
Ballroom em Manaus. / Caní Jakson Alves da Silva . 2024
99 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Consuelena Lopes Leitão
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Comunidade Ballroom. 2. Interseccionalidade. 3. Antirracismo.
4. Psicologia social. I. Leitão, Consuelena Lopes. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

SILVA, C. J. A. da. **Intersecções Amazônidas: Uma Etnografia Da Comunidade Ballroom Em Manaus**. 98f. Dissertação, Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Manaus – Amazonas.

Aprovado em 01/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Consuelena Lopes Leitão
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Orientadora e Presidenta da banca

Profa. Dra. Isabelle Brambilla Honorato
Universidade Estadual do Amazonas
Titular Externo

Prof. Dr. Arcílio Sandro de Medeiros
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Suplente externo

Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Titular Interna

Profa. Dra. Adria Lima de Sousa
Universidade Federal do Amazonas
Suplente Interna

DEDICO ESTA DISSERTAÇÃO A COMUNIDADE BALLROOM DE MANAUS

AGRADECIMENTOS

Me foi ensinado a ser uma pessoa honesta. Durante toda a pesquisa me dediquei no que foi humanamente possível quanto a busca pela compreensão crítica da realidade social de forma honesta e íntegra. Farei assim também neste momento. Decidi escrever meus agradecimentos por último, então vivencio esta escrita também com fortes emoções.

Aos meus parentes que vieram antes, meus antecessores, familiares, antepassados, ancestrais, o meu muito obrigada. Por toda luta vivenciada nos períodos em que a violência de outras formas absurdamente cruéis, sempre serei grata em meu espírito e levarei em meu coração a força para continuar lutando. E a família que conheço nessa existência, a minha mãe Maria Raimunda da Silva Alves que me ensinou a amar a pessoa que sou e que sempre acreditou que poderia ter um futuro diferente através dos estudos e ao meu pai, Bidode, o Borracheiro, que me ensinou a trabalhar o meu muito obrigada. Minha avó Aldeniza e meu avô Ademar, tias, primos, primas, irmãos, parentes, muito obrigada. Meu avô Raimundo Arigó e minha Avó Raimunda Nonato, meus eternos: muito obrigada. Tia Maricota, que também fez parte da minha trajetória educacional, era mais exigente comigo para os coleguinhas não acharem que ela pegava mais leve por ser minha tia e foi exemplo de uma mulher guerreira, muito obrigada. Professor Edvandro e Professora Edilcilene no ensino fundamental que incentivaram muito que eu escrevesse, falavam sobre mestrado e me ofereciam livros para ler, agradeço muito, muito obrigada. Professor Luís também do fundamental que por vezes me ofereceu amparo emocional e habitacional na época de estudos pré-vestibular, muito obrigada. A Ane que me acolheu na sua casa quando precisei vir estudar em Manaus, muito obrigada. Minha eterna filha felina que salvou a minha vida nos curtos 4 anos que tive a imensa honra de cuidar dela, Komugi muito obrigada. Professor Paulo Telles que foi um excelente professor durante a graduação e contribui imensamente para a continuidade na minha vida acadêmica, professora Suky Ramalho, ambos de psicanálise, pessoas que foram gentis comigo enquanto estava sofrendo e incentivaram fortemente na minha continuidade no caminho da psicologia, muito obrigada. Me sinto mal por não fazer uma lista com 100 nomes de professores que gostaria de agradecer, pois guardo comigo todo sentimento de fé que sentia sempre que vocês viram coisas em mim que não conseguia enxergar na época, muito obrigada. A minha terapeuta, Mariana Pelizer, que faz um trabalho incrível, também salvou a minha vida diversas vezes, serei eternamente grata.

Agora uma outra instância da minha gratidão que envolve outras imensidões emocionais de afeto, agradeço primeiramente nesse sentido a minha irmã drag Aritana Tibira, pois existem certas perspectivas de viver em sociedade que só algumas pessoas conseguem enxergar na sua totalidade e esses papos me fortalecem demais, seguimos juntas na luta, nas famílias e na amizade. Agradeço a Comunidade Ballroom de Manaus, a Velha Simas por me ensinar a dançar vogue junta de tantas outras pessoas da nossa cena, as casas. A minha Casa, meu casco, minha rede de apoio, meus amores, minha família Jabutt. Agradeço inicialmente a Princesa Dani Maresia que foi minha primeira filha dentro da Ballroom e a minha primogênita Sinfonia Dorémi, todes meus filhas, que já são muitos, os que estão no Casco ou que já saíram, vocês sempre morarão no meu coração e para mim sempre serão meus filhas, apoiarei, torcerei, incentivarei sempre que puder: Kuenan, Jaú, Angel, Abner, Teresa, Nalude, Viqui, Suru, Charlie, Perséfone, May, Sendí, Cristatus. Eu amo vocês. Agradeço especialmente à pessoa de Thaís Dessana e Pedro Tukano enquanto lideranças do coletivo Miriã Mashã, que protagonizam a luta de pessoas indígenas LGBTQIAPN+ na cidade de Manaus, cujas conversas, afetos e encontros contribuem muito na minha construção pessoal, intelectual, artística e humanitária. Agradeço também a titia Uýra, que além de imensa fonte de inspiração é uma pessoa incrivelmente maravilhosa e que teve a paciência de conversar comigo sobre a

Comunidade Ballroom, processos artísticos e vivências em um mundo que por vezes é confuso, incoerente e chato. Agradeço também a arte drag por ser uma janela de possibilidades de existência, liberdade e reflexão, a minha drag Harmony Dórêmi Myers Yamanaka Jabutt, muito obrigada.

Por fim, onde minha mente, corpo e espíritos chegam neste fatídico momento de encerramento, agradeço. Talvez seja um dos poucos momentos que fico um tanto sem palavras, mas agradeço imensamente à minha orientadora Profa. Dra. Consuelena Lopes Leitão, pelo brilhantismo nos trabalhos intelectuais, sejam estes envolvendo o campo teórico ou prático, admiro demais sua trajetória, conquistas e luta. Sua orientação contribuiu fortemente para o reconhecimento por mim mesma, em acreditar que sou capaz de escrever, construir, continuar e lutar. A Sra. acreditou na minha pesquisa, trabalho, propostas, ouviu minhas ideias, incentivou minha criatividade e eu sinto que floresci. Foram dois anos muito difíceis, desafiadores, com muitos obstáculos e era assim mesmo que eu esperava que fosse escrever uma dissertação, mas definitivamente a sua orientação fez a diferença frente a possibilidade de fazer ciência dentro da minha comunidade, não só enquanto cientista, mas também enquanto artista, liderança comunitária e gente. Obrigada professora respeitar a diversidade que habita em meu ser e realizar esta pesquisa da melhor forma que consegui. Agradeço a CAPES, FAPEAM, Coordenação de Psicologia (seja da graduação ou da pós-graduação), o PPGPSI em si, por termos a oportunidade de fazer um mestrado no Norte do Brasil. Obrigada.

EPÍGRAFE

Durante este treino, que lembro dos segundos se passando em câmera lenta nesta memória específica, será descrita conforme as ressalvas da memória permitam descrever. Eu dançava, fluía e pairava pesadamente ao som do beat de vogue tocando pelo DJ Abnersil Jabutt. As ondas sonoras batiam com força no meu corpo e ouvidos, percorrendo um caminho acelerado até o cérebro e, dele, aos músculos, realizando movimentos no mesmo ritmo. Nesta velocidade marcada por batidas quaternárias que harmonizam meu coração, meus poros se eriçaram, acesos em todo o corpo, permitindo que o suor aliviasse o calor interno. Meus músculos se esticaram, ansiosos pelos próximos movimentos dançantes

8 segundos faltavam, fiz uma sequência rápida de movimentos circulares ao redor do corpo com as mãos e parei, girando-as em cima da cabeça.

6 segundos faltando, a viagem do impulso cerebral, direcionado pela coluna através das vértebras, indicava que minhas coxas deveriam sustentar o equilíbrio correto do eixo das costas, para que a ponta dos pés fizesse o movimento de quique, sustentando na base, fazendo ponta com 8 dedos dos pés, alternando entre cada pé ao chutar com 4 dedos e segurar de cócoras com os 4 dedos do outro pé.

4 segundos, me abaixo, encolho e pulo. Impulsiono o peito e cabeça para cima, o mais alto que consigo pular, enquanto meus olhos se apertam levemente. Vejo ao meu lado direito, pelo canto do olho, a expressão de surpresa de *Mother Xuri*, ao passo que a compreensão da execução iminente do passo de vogue que estava por vir. Naquele momento, me senti um pokémon, brilhando no ar por alguns segundos enquanto tocava uma música dramática, e todo meu corpo se transforma para um novo ser. Naquele centésimo de segundos, eu evolui. Eu assisti inúmeras vezes um vídeo de *Mother Xuri* e *Mother Simas* batalhando no palco do Teatro Amazonas em um festival de dança, realizando, ambas ao mesmo tempo, aquele passo que eu estava a finalizar pela primeira vez: um dip aéreo.

Nos *2 segundos restantes*, meu abdômen contrai todos os músculos que consegue, prendo a respiração para manter a tensão necessária para aterrissar no chão estrategicamente. Meus olhos semiabertos encontram Xuri sorrindo, realizando o movimento que demonstra o respeito a performance de qualquer artista que dance vogue recebe de seus espectadores: *pagar o dip*. Quando alguém executa o elemento *spin and dips* (em tradução, livre, giros e mergulhos), as pessoas presentes esticam o braço e apontam o dedo para quem vai de encontro ao chão, com uma perna para trás e a outra esticada para frente ou para cima, de braços abertos, peito estufado e cabeça torcida para trás ou para o lado. Finalizo o dip ao mesmo tempo que o segundo chega a 0, enquanto o beat de vogue solta a famosa batida que finaliza as performances, o “*clash*”.

SILVA, C. J. A. da. **Intersecções amazônidas: uma etnografia da comunidade Ballroom em Manaus**. 98f. Dissertação, Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Manaus – Amazonas.

RESUMO

A Cultura Ballroom tem origem nas periferias de Nova York por volta dos anos 60 e se disseminou pelo mundo estabelecendo diversas cenas artísticas que compartilham o estilo de dança vogue e se organizam em comunidade. Os integrantes dessa comunidade se organizam em um sistema de casas que se reconhecem enquanto famílias e desenvolvem estratégias para resistir às violências estruturais impostas a corpos marginalizados. Este estudo foi estruturado a partir de dois artigos que estão vinculados a linha de pesquisa “Processos Psicossociais”, e dialoga com debates sobre psicologia, feminismo negro e interseccionalidade, refletindo aspectos psicossociais pertinentes à realidade amazônica, visto que a influência da cultura dos povos originários fortalece os processos de enfrentamento da exclusão racial através da arte, possibilitando ressignificações e o resgate da identidade a partir das vivências. O primeiro estudo discute as dinâmicas de reprodução e subversão, abordando a comunidade Ballroom como um espaço de resistência política, utilizando um método etnográfico baseado em observação participante, anotações sistematizadas em diários de campo e descrição densa. O segundo estudo apresenta dados descritivos sobre o território da comunidade Ballroom em Manaus. Por meio de um mapa, que sinaliza e descreve os locais de treinos nos anos de 2021, 2022 e 2023, descrição das Casas manauaras que compõem a comunidade local e registros de conversas e encontros em treinos que contribuem para a compreensão das diversas dimensões da cena amazônica. Por fim, os resultados parciais do grupo focal com as lideranças e participantes da Comunidade Ballroom de Manaus durante o “Treino Pré-Ball”, realizado em junho de 2024, contribuem para compor a amplitude de dados abrangidos em campo. Os resultados das pesquisas indicam que a Comunidade Ballroom em Manaus, em sua diversidade e complexidade, reproduz e subverte as lógicas hegemônicas de poder, por meio de uma organização social e política de vínculos afetivos, trabalho e arte. Este estudo ressalta a singularidade da Comunidade Ballroom no Norte do Brasil, evidenciando como o contexto amazônico molda suas práticas, reforçando a relevância de pesquisas que contribuam para a compreensão de contextos culturais marginalizados, bem como, para identificar nesses espaços, a possibilidade de construção de políticas públicas a partir das necessidades e protagonismo político destas comunidades.

Palavras-chave: Comunidade Ballroom; Interseccionalidade; Antirracismo; Psicologia Social.

SILVA, C. J. A. da. **Amazonian intersections: an ethnography of the Ballroom community in Manaus**. 98f. Dissertação, Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Manaus – Amazonas.

ABSTRACT

The Ballroom Culture originated in the outskirts of New York around the 60s and spread around the world, establishing several artistic scenes that share the vogue dance style and organize themselves in community. The members of this community organize themselves in a system of houses that recognize themselves as families and develop strategies to resist the structural violence imposed on marginalized bodies. This study was structured from two articles that are linked to the research line "Psychosocial Processes", and dialogues with debates on psychology, black feminism and intersectionality, reflecting psychosocial aspects pertinent to the Amazonian reality, since the influence of the culture of native peoples strengthens the processes of confronting racial exclusion through art, enabling resignifications and the rescue of identity from experiences. The first study discusses the dynamics of reproduction and subversion, approaching the Ballroom community as a space of political resistance, using an ethnographic method based on participant observation, systematized notes in field diaries, and dense description. The second study presents descriptive data on the territory of the Ballroom community in Manaus. Through a map, which signals and describes the training locations in the years 2021, 2022 and 2023, a description of the Manaus Houses that make up the local community and records of conversations and meetings in training that contribute to the understanding of the various dimensions of the Amazon scene. Finally, the partial results of the focus group with the leaders and participants of the Manaus Ballroom Community during the "Pre-Ball Training", held in June 2024, contribute to compose the breadth of data covered in the field. The results of the research indicate that the Ballroom Community in Manaus, in its diversity and complexity, reproduces and subverts the hegemonic logics of power, through a social and political organization of affective bonds, work and art. This study highlights the uniqueness of the Ballroom Community in Northern Brazil, showing how the Amazonian context shapes its practices, reinforcing the relevance of research that contributes to the understanding of marginalized cultural contexts, as well as to identify in these spaces, the possibility of building public policies based on the needs and political protagonism of these communities.

Keywords: Ballroom Community; Intersectionality; Anti-racism; Social Psychology.

SILVA, C. J. A. da. **Intersecciones amazónicas: una etnografía de la comunidad Ballroom en Manaus**. 98f. Dissertação, Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Consuelena Lopes Leitão. Manaus – Amazonas.

RESUMEN

La cultura del Ballroom se originó en las afueras de Nueva York alrededor de los años 60 y se extendió por todo el mundo, estableciendo varias escenas artísticas que comparten el estilo de baile de moda y se organizan en comunidad. Los miembros de esta comunidad se organizan en un sistema de casas que se reconocen como familias y desarrollan estrategias para resistir la violencia estructural impuesta a los cuerpos marginados. Este estudio se estructuró a partir de dos artículos que se vinculan a la línea de investigación "Procesos Psicosociales", y dialoga con debates sobre psicología, feminismo negro e interseccionalidad, reflejando aspectos psicosociales pertinentes a la realidad amazónica, ya que la influencia de la cultura de los pueblos originarios fortalece los procesos de enfrentamiento a la exclusión racial a través del arte, posibilitando las resignificaciones y el rescate de la identidad desde las experiencias. El primer estudio discute las dinámicas de reproducción y subversión, abordando la comunidad de Ballroom como un espacio de resistencia política, utilizando un método etnográfico basado en la observación participante, notas sistematizadas en diarios de campo y una descripción densa. El segundo estudio presenta datos descriptivos sobre el territorio de la comunidad Ballroom en Manaus. A través de un mapa, que señala y describe los lugares de formación en los años 2021, 2022 y 2023, una descripción de las Casas de Manaus que componen la comunidad local y registros de conversaciones y reuniones en formación que contribuyen a la comprensión de las diversas dimensiones de la escena amazónica. Finalmente, los resultados parciales del grupo focal con los líderes y participantes de la Comunidad de Baile de Manaus durante el "Entrenamiento Pre-Ball", realizado en junio de 2024, contribuyen a componer la amplitud de los datos cubiertos en el campo. Los resultados de la investigación indican que la Comunidad Ballroom de Manaus, en su diversidad y complejidad, reproduce y subvierte las lógicas hegemónicas del poder, a través de una organización social y política de los vínculos afectivos, el trabajo y el arte. Este estudio destaca la singularidad de la Comunidad de Baile de Salón en el Norte de Brasil, mostrando cómo el contexto amazónico moldea sus prácticas, reforzando la relevancia de investigaciones que contribuyen a la comprensión de los contextos culturales marginados, así como a identificar en estos espacios, la posibilidad de construir políticas públicas basadas en las necesidades y el protagonismo político de estas comunidades.

Palabras clave: Comunidad de Ballroom; Interseccionalidad; Oposición al racismo; Psicología social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 – Mapa de locais de treinos, eventos da comunidade Ballroom de Manaus em 2021, 2022 e 2023 percurso metodológico para a seleção dos artigos.....	71
---	----

Tabelas

Tabela 1 – Apresentação das (os) participantes do grupo.....	63
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
APRESENTAÇÃO.....	19
ELEMENTOS DA COMUNIDADE BALLROOM.....	22
ESTUDO 1.....	26
RESUMO.....	26
INTRODUÇÃO.....	27
PERCURSO ETNOGRÁFICO.....	29
COLETA DE DADOS.....	30
CASAS BALLROOM COMO FORMAS DE SUBVERSÃO.....	31
A CENA BALLROOM E AS LÓGICAS DE REPRODUÇÃO DOS SISTEMAS DE DOMINAÇÃO VERSUS LÓGICAS DE SUBVERSÃO.....	32
DISCURSO 1.....	33
DISCURSO 2.....	37
DISCURSO 3.....	39
DISCURSO 4.....	40
DISCURSO 5.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
AGRADECIMENTOS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
ESTUDO 2.....	48
RESUMO.....	48
INTRODUÇÃO.....	48
FAMÍLIA NA COMUNIDADE BALLROOM.....	49
FAMÍLIA CONSANGUÍNEA OU FAMÍLIA BIOLÓGICA.....	49
TERRITÓRIO E SUBJETIVIDADES AMAZÔNIDAS.....	50
DO PERCURSO ETNOGRÁFICO AO GRUPO FOCAL – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	58
GRUPO FOCAL.....	60
ORGANIZAÇÃO, LEVANTAMENTO E ANÁLISE ETNOGRÁFICA.....	61
AS PESSOAS DA CENA BALLROOM EM MANAUS.....	63
CASAS BALLROOM DE MANAUS.....	65
1. CENA BALLROOM MANAUARA E CARACTERÍSTICAS LOCAIS.....	76

2. NARRATIVAS PESSOAIS E IMPACTO NA VIDA DOS MEMBROS.....	78
3. INICIATIVAS E FUTURO DA CENA BALLROOM EM MANAUS.....	81
PARA CONCLUIR.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXO A – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL.....	95
ANEXO B – TCLE.....	96
ANEXO C – TERMO DE ATENDIMENTO COM A PSICÓLOGA	99

INTRODUÇÃO

A cultura Ballroom é de origem periférica norte-americana, tendo corpos de pessoas trans negras e latinas como protagonistas de competições, com diversas modalidades de arte performáticas. O movimento surge em resposta à opressão racial dos Estados Unidos por volta das décadas de 60 e 70, possuindo como elemento principal uma estética de dança conhecida como *vogue*. O estilo baseia-se na reprodução de poses, movimentos e expressões marcantes, tendo revistas de moda como uma das fontes de inspiração, ocorrendo em eventos promovidos por essa comunidade, conhecidos popularmente por *balls*. As balls, referentes aos eventos principais da cultura Ballroom, são divididas em diferentes categorias que avaliam critérios distintos para decidir entre as competidoras, quem se aproxima das exigências da banca de “jurades”. Destaca-se que por vezes foram realizadas flexões gramaticais para se adequar a realidade da comunidade aqui descrita, sendo a primeira alteração “jurades”, conforme utilizado em *loco*, em respeito às trans-identidades. A palavra Ballroom não será descrita em itálico, pois adquire características locais e brasileiras no contexto desta pesquisa.

Alguns exemplos de categorias como **Face**, que avalia o rosto mais bonito, expressivo e angular. **Runway** entende-se a caminhada com maior qualidade e precisão técnica, inspirada também na caminhada baseada em modelos de passarela de diferentes partes do mundo. Uma das categorias mais populares na cultura Ballroom é a Vogue Performance, sendo um estilo de dança com três variações, sendo: *Oldway* (velha forma), *New Way* (nova forma) e *Vogue Femme*, dentre outras diversas categorias estéticas, performáticas de cunho multiartístico.

O tema desta pesquisa considera os debates sobre psicologia no âmbito dos aspectos psicossociais em realidade amazônica, cuja discussões voltam-se para feminismo negro com foco no conceito de interseccionalidade e território. O foco da pesquisa vai de encontro a compreensão do funcionamento da Comunidade Ballroom na cidade de Manaus/Amazonas, suas características, experiências e formas de organização sociopolítica. Destaca-se que as vivências comunitárias são permeadas de arte, afetividade e constante reinvenção de formas de enfrentamento às violências sociais, tais quais o racismo, homotransfobia, classismo e demais formas de opressão presentes na sociedade.

Segundo Raabe (2020) a cultura Ballroom surgiu em meados de 1960 no Harlem, Nova York, em que eram comuns concursos de beleza protagonizados por dragqueens e pessoas trans. Nestes concursos frequentemente aconteciam situações de racismo (de forma velada ou não), fazendo com que esses espaços fossem negados para pessoas de pele retinta, por vezes, quando elas competiam, raramente chegavam a vencer, pois os jurados eram influenciados a

votarem em competidoras brancas.

O clipe Vogue da cantora Madonna, de 1990, abriu espaço para que a Ballroom se disseminasse no mainstream, sendo que hoje algumas plataformas digitais ou veículos tradicionais de comunicação transmitem programas que possuem forte influência dessa cultura, como a série *Pose*, o reality *Rupaul's Drag Race* e a competição *Legendary*.

Esta pesquisa não abrange a necessidade latente de promover debates sobre a relação do capitalismo com grupos em vulnerabilidade social e o debate crítico sobre apropriação cultural em maior profundidade, mas destaca-se a inegável importância da Madonna para promoção da cultura Ballroom e a problemática da distorção de símbolos e rituais dessa comunidade por alguns programas no mainstream dominados pela branquitude, que se utiliza de corpos negros e LGBTQIAPN+ para gerar lucro com as demandas sociais de grupos em vulnerabilidade.

Considerando as relações econômicas e culturais na nossa sociedade, o capitalismo se apropria de pautas identitárias para lucrar em cima das minorias, gerando alterações e violências simbólicas em espaços os quais as pessoas precisam se adaptar ao sistema para sobreviverem e terem mais visibilidade. Esse fenômeno também é observado na Comunidade Ballroom quando falamos de mainstream e produções culturais. Sobre a problemática das relações com o mainstream e Ballroom, pode-se salientar que:

Logo, notamos um paradoxo no qual ao mesmo tempo em que a cultura Ballroom subverte a matriz de inteligibilidade da Modernidade, servindo como espaço de sociabilidade e acolhimento emocional e físico para sujeitos divergentes de suas normas, também o reforça através de suas dinâmicas opressivas e cerceadoras (Scudeller & Santos, 2020, p10).

É evidente que as formas de acolhimento emocional e físico provenientes da Comunidade Ballroom são fundamentais para a manutenção do bem-estar e sobrevivência de pessoas majoritariamente negras e LGBTQIAPN+ em grandes centros urbanos ao redor do mundo. Na cidade de Manaus, essas identidades são acrescidas dos povos originários brasileiros, sendo estes os povos indígenas, quilombolas, caboclos, ribeirinhos e demais subjetividades que também tem destaque na cena manauara. Assim, discutir os paradoxos presentes na realidade amazônica nos permitirá compreender a Comunidade Ballroom em Manaus.

Ainda em seu histórico, a Ballroom enquanto manifestação cultural se disseminou por países europeus, chegando até a América Latina, alcançando finalmente o território brasileiro,

tendo Belo Horizonte como cidade referência, onde acontece o maior evento de vogue da América Latina, o *Vogue Fever*. No Brasil, a cena Ballroom começou a ganhar força em Minas Gerais, com forte influência da cultura afro-brasileira (Reis, 2019). Identificamos que um dos eventos mais antigos no Brasil foi o *BH Vogue Fever*, em parceria com a Festa Dengue no ano de 2015 (Vogue Fever, 2022). Segundo Ataíde et al. (2023), a cultura Ballroom cresce no Brasil e é ligada a comunidade LGBTQIAPN+ em que jovens artistas por diversos espaços pelo país, ressignificam suas vivências através da performance, moda e dança.

Percebe-se que uma diversidade de pessoas com marcadores sociais de gênero, raça, classe etc. são recebidos nos espaços onde se vivencia a cultura Ballroom. Na cidade de Manaus, as balls acontecem em bairros da Zona Leste, como Cidade de Deus, em espaços públicos da região central, como na Praça do Prosamim, Praça da Saudade e demais parcerias de eventos com bares, casas de show ou prédios viáveis de receber eventos dessa cultura na cidade. Destacam-se ainda eventos ocorridos dentro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em 2019 e Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2021 e 2023, a considerar treinos, formações, balls e mini-balls.

Foram identificados alguns estudos nacionais e internacionais importantes para embasar inicialmente, contextualizar historicamente e compreender a comunidade Ballroom. São estes Borba (2022) que aborda elementos fundamentais da dança vogue; Scudeller et al. (2020) que abordam o paradigma inicial de acolhimento e subversão em oposição a reprodução de lógicas opressoras que também oprime a comunidade; e Estevam e Geraldles (2021) versam sobre a comunicação e resistência dos corpos presentes na Ballroom, considerando os meios hegemônicos de mídia, destacando a apropriação cultural no sistema capitalista.

A partir disso é lançado o problema: o que é a comunidade, cena e cultura Ballroom na cidade de Manaus? Como ela se estabelece e se organiza? Quais são suas características? Quais as reproduções de violência e formas de subversão desenvolvidas por essa comunidade?

A partir dessas perguntas, é possível traçar hipóteses que auxiliem na elaboração de insights durante a escrita e nortear a pesquisa em campo. Assim, a **Hipótese 1** parte da noção de que a comunidade desenvolve mecanismos para subverter as violências estruturais da sociedade, como por exemplo o racismo e a transfobia. A **Hipótese 2** é de que a comunidade desenvolve formas próprias de compreender a família e outros conceitos que envolvem território nas relações sociais.

Assim, a presente pesquisa tem por objetivo principal compreender a dinâmica de funcionamento da Comunidade Ballroom em Manaus. Este objetivo foi realizado através dos estudos aqui presentes, sendo o Estudo 1 intitulado “Comunidade Ballroom em Manaus:

Atravessamentos, Subversão e Resistência Política no Amazonas” sendo uma etnografia que detalha, vivências, fenômenos sociais, formas de subversão e reprodução de violências. O Estudo 2 “Comunidade Ballroom no Amazonas: Dinâmicas Familiares, Grupo Focal e Território em Manaus” que discute dados da cena local, como mapa de locais de treino, característica da comunidade, das casas de Ballroom e discussão através de um grupo focal com a presença de lideranças.

Importa ressaltar que, em alguns trechos desta dissertação, será utilizada a neolinguagem como uma estratégia para refletir a dinâmica viva e em constante transformação da cena Ballroom e de suas práticas discursivas. Essa abordagem reconhece que a linguagem, especialmente em espaços marginalizados e de resistência, é um elemento performativo que cria e reforça identidades culturais específicas.

Além disso, opta-se por não transcrever a palavra Ballroom em *itálico*, pois o termo já foi abasileirado e assimilado pelo vocabulário da comunidade. Seu uso sem destaque reflete o enraizamento do conceito no contexto cultural brasileiro, em especial dentro das comunidades locais que o praticam e ressignificam. Essa decisão visa respeitar o processo de apropriação e adaptação linguística realizado pelos sujeitos da cena, reforçando sua legitimidade e relevância.

APRESENTAÇÃO

O presente tópico tem por objetivo contextualizar a subjetividade da autora desta pesquisa, considerando a importância da construção de saberes a partir do lugar de subalterno em uma sociedade patriarcalista, racista, violenta, a fim de criar a nossa própria narrativa enquanto protagonistas. Para tal, utiliza-se também de uma escrita decolonial, com características poéticas que apresentam breves textos sobre diferentes assuntos, mas que em algum momento da construção desta pesquisa ebuliram e revelaram outras camadas importantes no processo de escrita científica, pois esta precisa ser contextualizada em espaço, tempo, sociedade, economia e pessoalidade, já que o cientista é também um ser ativo politicamente, não apenas um sujeito que se conforma com o registro escrito, apático e higienizado de uma realidade intensamente complexa, rica de significados e vivências.

A autora participou de diversas balls, treinos em praças e residências artísticas que acolheram a cultura e Comunidade Ballroom na cidade de Manaus do período de 2020 a 2024 na posição de *zero, zero sete* e desde 2023, Mãe da *Kiki Casa Jabutt*. A Casa Jabutt estreou/debutou na Cena Ballroom manauara no dia 1º de setembro de 2023, no *hall* da Faculdade de Educação (FACED), Setor Norte da UFAM. Essas vivências despertaram a atenção da autora pela significativa presença de pessoas negras, indígenas, trans, travestis, não-binárias, de classes populares frequentadoras desses espaços e relações afetivas construídas em comunidade, sentindo-se pertencente.

Em poucos 8 anos morando em Manaus, encontrar a Comunidade Ballroom e desenvolver laços afetivos, oportunizaram sensações de liberdade e autenticidade em minha existência. Tais experiências não me impedem de perceber como este ambiente também pode gerar sofrimentos e reproduzir violências, considerando o caráter competitivo nas categorias ou mesmo o contexto social e suas respectivas violências estruturais. Essa ambiguidade percebida pelo acolhimento e reprodução de violências, também presentes na história da pesquisadora enquanto sujeito, compõem as relações afetivas que trazem uma proximidade imersiva no campo, possibilita a descrição com maior riqueza de detalhes da amplitude emocional/subjetiva experienciada na Cena Ballroom de Manaus.

0.1 Harmony: A necessidade de me colocar enquanto artista perante esta pesquisa, vem dos motivos que me trazem ao campo enquanto cientista social. Desde criança tenho forte relação com a arte e das formas de expressão no que tange a performance, dança, instrumentos de percussão, sopro, canto e desenho. Em 02 de novembro de 2017, nasce Harmony. O nome tem origem de uma fascinação pela mitologia grega durante o ensino médio, sendo Harmonia

a deusa da concórdia, filha de Afrodite e Ares, que foi posteriormente transformada em cobra por castigo dos deuses. Harmony vem para apaziguar as angústias de uma subjetividade atormentada pelas imposições sociais de gênero que tentam tornar em linhas retas a minha expressão que é líquida, mutável e complexa. Uma pessoa nascida no meio dos igarapés na beira do rio Gurupatuba da cidade de Monte Alegre - PA, criada em meio a terra, o barro, no mato e na presença dos ancestrais que me acompanham. O fazer ciência é um dos caminhos possíveis para dar conta dessa agitação pulsante em descobrir como as coisas funcionam, porque e para quem. A arte *drag* também é uma ferramenta potente na luta política e na divulgação científica, bem como experimentação para produção de reflexões do jogo dialético entre gênero, performance e arte. Além disso, através desta arte pude ganhar uma nova irmã, Aritana Tibira, com quem tenho uma troca genuína, permitindo que compartilhem nossas experiências artísticas, científicas e familiares. Os processos relativos à arte performática que atravessam meu corpo, também contribuem para a percepção sensível de lógicas que tentam dar conta de existências diversas, a fim de nos enquadrar, moldar e controlar. Proponho um novo jogo: eu moldo o meu avatar conforme der vontade.

0.2 Dois Espíritos: Trago caos ao mundo dos homens e afundo seus barcos, como contam as lendas. Me utilizarei da expressão artística e materialidade científica para externalizar conflitos internos, originados por lógicas que fazem sentido para muitas pessoas, mas não para mim. Descrever esses conflitos possibilitam pensar sobre os reflexos da colonização na subjetividade de uma pessoa atravessadamente amazônida. Existem lugares na minha mente, sem definição específica de espaço e tempo. Em um desses lugares existe uma floresta semelhante a amazônica, com águas e árvores que projetam profundas sombras entre as raízes imensas que formam alguns pântanos. Ali reside uma cobra imensa. Por muito tempo tive medo de adentrar tais sombras, águas e mata. Ouvia-a sibilar, temia entender o que falava, temia olhar o que pareciam seus olhos. A resistência ao contato comigo mesma resultou num processo de angústia, por negar o que sinto, sou e respiro. Hoje não só escuto, entendo e converso com Caní, como ela também fala através de mim. Caní traz caos para as normas e regras impostas por lógicas coloniais sobre um corpo complexo, ancestral de 2 Espíritos. O casco abriga a mente. A mente acolhe a cobra. A cobra fala dentro do casco. O caso estremece o mundo. Este é um marco pessoal na necessidade de buscar as histórias das minhas famílias, ancestralidade e espiritualidade.

0.3 Formigas, Cobras e Jabutt: As formigas são sempre interessantes. A forma com que andam, se comunicam e se individualizam sem deixar de fazer parte do todo. O poder de reinvenção da matéria, da terra e demais substâncias para fazer dela seu ninho, sustentando a

comunidade. Elas são fortes, estão juntas e ferroam. O caminho da pesquisa e vivências na Ballroom me fazem sentir como uma formiga. Lembro do dia em que conheci uma cobra específica e como a sensação de parentesco, identificação e pertencimento foi forte. Dançando no chão de areia, ao som dos ventos, dos passos e do tambor, nos reencontramos. Nora desperta Caní. Caní desperta Jakson. Sendo uma pessoa com uma aceleração considerável no modo de funcionamento, aprendi a lidar com as ideias de forma esquemática. Levar a vida de maneira calma, pacífica e planejada é um desafio constante, mas aprendi nessa caminhada que se aproveita com maior qualidade as sensações nesta existência caminhando devagar, respirando e se protegendo de ameaças dentro do meu casco. Meu casco é minha família, meus amigos, quem me quer e quero bem. Construções desenvolvidas na base da confiança e da paciência. Por isso Jabutt. A Casa Jabutt é um grande casco que acolhe quelônios e outras vivências descascadas. Cheia de 2 espíritos, um quilombo que acolhe filhas, filhos e filhas negras, indígenas, trans e outras expressões que vivem em um mundo dominado de lógicas incoerentes

04. Troca de Pele: Dos múltiplos papéis sociais que ocupamos durante a vida, o de cientista é por vezes angustiante e desafiador. Essa dinâmica é marcada por mudanças que geram desgastes diferentes, dependendo do lugar que se está e quem se é. Quando esse desgaste se atenua, sinto a necessidade de me reencontrar e ver de novo a cor viva da minha pele, sem papéis, sem máscaras, pois estas também são expectativas do outro. Por exemplo, um indígena do povo Yanonami, Mura ou Sateré Mawé que também é cientista, ao escrever sobre sua cultura, território e identidades, em nenhum momento deixa de ser indígena. Retirar-se do campo é um privilégio que não contempla subjetividades subalternizadas que escrevem sobre a própria vida ou a vida do seu povo. As identidades que compõem a minha subjetividade não são araras de roupa para retirá-las, pendurá-las e utilizá-las apenas quando são convenientes. Sendo uma pessoa preta, em retomada da identidade indígena, mãe de uma casa na Comunidade Ballroom de Manaus, retirar-me do campo é rasgar pele, carnes e quebrar os ossos do que sou. Escrevo sobre a minha comunidade, minha rede de apoio, sob o chão que piso e sobre minha família. Isso é o que há de mais íntimo e sensível a ser dito. Essas reflexões são respostas às epistemologias positivistas que compreendem o ser humano como objeto de estudo, límpido e único, eliminando as diferenças e buscando um lugar de “neutralidade científica” que resultam no epistemicídio de intelectuais negros e indígenas.

ELEMENTOS DA COMUNIDADE BALLROOM

Durante os eventos da Comunidade Ballroom, algumas tradições incluem a presença de rituais, papéis e funções desempenhados por artistas da cena. Serão descritos alguns elementos característicos da cultura estudada, com dados coletados através de diários de campo redigidos pela autora nos anos de 2022 e 2023, em razão da baixa disponibilidade de estudos científicos que descrevam esses elementos com maior riqueza de detalhes. No início de cada ball, é necessário que alguém assuma um dos microfones disponíveis para mediar o evento, apresentando e descrevendo as categorias, as casas ou pessoas de importância para a cena, e os nomes que compõem a banca de jurades. Essa pessoa é conhecida como *commentator*, que geralmente inicia oficialmente as atividades com o *LSS*, sigla em inglês para *legends, stars and statement*. O *LSS* é o momento em que as pessoas que são importantes para a história, construção e desenvolvimento da cena local ou nacional são citadas, nomeadas e destacadas ao caminharem pela passarela.

Legends são pessoas de alta importância para a cena local ou mundial, presentes no evento ou citadas de forma honrosa, possuindo 10 anos de experiência na cena ou contribuição que as reconheça com tal titulação. *Stars* são as pessoas famosas da Cena Ballroom com alguma projeção fora da comunidade, seja aparecendo em notícias, reconhecimento artístico em alguma área ou simplesmente ser conhecida por alguma performance que gere números altos ou reconhecimento externo. *Statement* são pessoas que estão em transição de titulação, ou seja, próximas de serem reconhecidas como legends, stars, ou até mesmo serem tituladas como novas mães ou pais de casa e outros títulos. As lideranças na comunidade Ballroom podem receber diferentes títulos ou formas de reconhecimento do poder e influência dentro da cena. As casas são estruturas que não são necessariamente físicas, mas que representam relações afetuosas, gerando uma ligação familiar entre pessoas da cena, mesmo sem relação consanguínea, compondo assim uma rede de apoio socioemocional dos membros de uma casa. Ademais, os integrantes de uma casa na cena são reconhecidos pelo uso do sobrenome da casa. Na Cena Ballroom manauara, um título novo que surgiu foi o de “Caboclo”, atribuído ao DJ Abnersil Jabutt no dia 06/07/2024, no *Baile FunKonda* da Casa Konda, no Centro de Manaus.

Uma *house* ou *casa* é um grupo de pessoas que desenvolvem laços afetivos e se identificam como família. Esse grupo tem como objetivo marcar encontros para treinos, acolhimentos entre membros, momentos de descontração e preparação para as balls, por exemplo. Cada membro leva o nome da casa em seu sobrenome e será conhecido a partir desse na cena. “As houses são conjuntos de relações sociais entre sujeitos, independentemente de

parentesco consanguíneo, que formam grupos aos quais se referem como famílias” (Scuddler & Santos, 2020. p7). Quem não pertence a nenhuma casa é chamada de *007*, *zero*, *zero sete* ou *double low seven* como identificação.

Existem dois conceitos que diferenciam as casas e cenas Ballroom dependendo da região. *Houses mainstream* são casas originais, responsáveis pelo início do movimento e são conhecidas internacionalmente, possuindo membros com alta importância histórica para a comunidade, projeção e influência no meio. *Kiki houses* são casas que nasceram fora dos Estados Unidos ou algumas regiões da Europa, sendo iniciadas após a expansão do movimento. A maioria das casas em território brasileiro é considerada Kiki, a menos que uma casa mainstream abra um capítulo em outra região, continuando assim com seu título original.

A hierarquia de uma casa pode ser organizada pelos papéis de **mãe** (*mother*), **pai** (*father*) ou **pãe**, sendo este último um termo brasileiro que agrega ambas as identidades (mãe e pai), resultando em uma terceira forma de identificação condizente com a não-binariedade, mesmo que os papéis de pai e mãe remetam a identificações cisgêneras heteronormativas, esses papéis não são impostos de forma rígida ou restritamente binária, possibilitando uma adequação às expressões de gênero das pessoas.

Outras formas de estabelecer papéis de hierarquia ou destaque dentro de uma casa são os papéis de **príncipe** (*prince*), **princesa** (*princess*), **imperador** e **imperatriz**. Esses títulos são atribuídos a membros da casa que lideram ou organizam ações por suas houses, possuindo autonomia na execução de atividades ou no apoio a outros membros. Outras denominações são as **madrinhas** (*godmother*) e **padrinhos** (*godfather*), que são pessoas externas a uma casa, mas que oferecem auxílio ou algum tipo de suporte aos membros ou em eventos. O termo *Overseer* refere-se a um representante de uma casa em outra região ou localidade, fazendo parte ou não de um *capítulo da casa*, que nasce quando a house de uma região estabelece uma família em outro local, levando o mesmo nome de origem e se organizando com um outro grupo de pessoas.

Quando falamos do estilo de dança *vogue*, ele possui três estéticas com características próprias. A *velha forma* (*oldway*) é baseada em marchas militares, artes marciais, hieróglifos e poses criativas e impactantes, semelhantes às modelos em revistas de moda. A *nova forma* (*new way*) foca em movimentos com os braços e mãos, executados de forma rápida e flexível, gerando efeitos de ilusionismo aos espectadores ou outros efeitos visuais. A terceira estética de dança do estilo é o Vogue Femme, que inclui cinco elementos: (1) *Hands* - desenvolve movimentos circulares com as mãos, apontando os dedos em várias direções ou criando ilusões com figuras geométricas, por exemplo. (2) O segundo movimento é o *catwalk* - cuja caminhada

imita a de um gato, é executado com o cruzar de pernas enquanto caminha, realçando o quadril conforme o pé toca o chão, lembrando o caminhar de modelos de passarela, porém de forma dançada. (3) *Duckwalk* – consiste no ato de descer de cócoras, na ponta dos pés, dando pequenos pulos e, no intervalo desses, os pés se alternam dando chutes curtos. (4) *Floor performance* – é uma execução dos movimentos em plano baixo, predominando a permanência dos cotovelos, quadris e pernas no chão; e o último e mais popular por seu impacto visual, são os (5) *spins and dips* – são executados com giros e uma espécie de “mergulho” ao chão, apoiado pelo calcanhar, quadril, costas e mãos, geralmente finalizando uma passagem de oito tempos. Esse elemento possui um grau de execução e técnica muito importantes, pois, se realizado de forma equivocada, pode resultar em lesões sérias.

Os eventos competitivos da Ballroom possuem temas diversos que orientam a forma que as **categorias** se organizam. Essas categorias são diversas, com exemplos de categorias dançantes como Vogue Old Way, New Way e Vogue Femme, que avaliam suas próprias características como critérios de análise. Elas são separadas ainda entre **baby vogue**, para as iniciantes que treinam em até um ano na cena, e **vogue ota**, para competidoras experientes. Outra categoria de dança é a **joga raba**, que considera a intensidade, variação, criatividade e frequência no rebolado.

Existem também categorias com predominância nas produções voltadas à moda e estética, como a categoria de **best look**, que procura uma roupa ou vestido com alto impacto, criatividade e técnica na execução, levando em consideração o material usado na construção das peças de acordo com o tema do evento e outros critérios estabelecidos pelos jurades, organizadores e demais responsáveis. **Best make** é a categoria que avalia a maquiagem que mais se destaca a partir dos critérios, avaliando traços, elaboração e nível de dificuldade de execução de acordo com a proposta. Uma categoria ainda pouco vista na comunidade Ballroom de Manaus é a **bizarre**, cujo objetivo é construir um look fora do comum e do usual nas passarelas de moda, visando o bizarro, o esquisito ou o repugnante, conforme o que se considera julgar, como visto na *SupermerCUNT ball*, promovida pela Casa Matagal em agosto de 2022.

Face e runway são as categorias que consideram o rosto mais bonito e a caminhada de passarela, respectivamente. Por fim, neste tópico, vale a pena citar a categoria **realness**, que remete à performance refinada, de alta qualidade e de convencimento a respeito de um tema ou identidade específica, como visto no aniversário de dois anos da kiki House of Shaolin com o tema “*Nonbinary Realness*”. **Pose ou posing** é a categoria que consiste em imitar poses como as modelos de revista de moda, alternando a pose na última batida de uma sequência

quaternária.

Lypsync ou **dublagem** é uma categoria de performance conhecida por reproduzir com os lábios, letras de músicas, expressando as emoções através de movimentos e expressões faciais, repetindo a letra com precisão e criatividade. A categoria de **Tag Team** são performances em duplas ou times, de acordo com o critério escolhido, mesclando com outras categorias, como *Tag Team: Vogue Femmy em dupla*. **Sexy Siren** é uma categoria que avalia a sensualidade entregue pelas competidoras, utilizando roupas *sexys*, acessórios, sedução, provocação, exibição ou movimentos que podem remeter ao ato sexual.

Por ser frequentada majoritariamente por pessoas em vulnerabilidade econômica e social, é comum que as balls disponham de listas para acesso gratuito para pessoas que pertençam a determinado grupo ou identidade, como as listas de “*transfree*” ou “lista preta e indígena”, direcionadas para pessoas trans, travesti e não-binárias - a variar de acordo com a organização - e pessoas negras e indígenas, respectivamente.

Vale destacar ainda que as primeiras pessoas a promoverem a cultura Ballroom são conhecidas como pioneiras. Esse título pode ocorrer quando uma pessoa participa de uma cena Ballroom já bem desenvolvida e estruturada em outra região e retorna à sua cidade de origem ou vai para uma nova cidade, levando consigo os conhecimentos adquiridos através das experiências vividas. Ao ensinar outras pessoas e promover eventos relativos à cultura Ballroom, essa será conhecida por esse termo. Uma característica presente na cultura Ballroom brasileira é a utilização de dialetos do **pajubá**, um dicionário de palavras desenvolvido principalmente por travestis em suas vivências, como forma de sobrevivência e subversão.

ESTUDO 1

COMUNIDADE BALLROOM EM MANAUS: ATRAVESSAMENTOS, SUBVERSÃO E RESISTÊNCIA POLÍTICA NO AMAZONAS

Ballroom Community in Manaus: Crossings, Subversion and Political Resistance in Amazonas

RESUMO

A comunidade Ballroom teve origem nas periferias de Nova York entre os anos 60 e 70, como forma de resistência aos padrões da sociedade racista e se construiu como espaço cultural para as pessoas LGBTQIAP+ e população negra. Assim, essa comunidade tem sido espaço de resistência e subversão das normas de opressão para pessoas que pertencem a grupos marginalizados, como pessoas trans que encontram por meio do vogue uma forma de desafiar as ideologias dominantes e reivindicar seu espaço de afirmação. Com isso, discutimos as formas de reprodução e subversão para pensar estes espaços como forma de resistência política. No presente estudo foi utilizado a observação participante com recurso de anotações sistematizadas em diários de campo, para posterior processo reflexivo e analítico dos discursos proferidos em vários espaços de eventos da cena Ballroom em Manaus. Com base na reflexividade e na interseccionalidade, as falas foram abordadas a partir da análise do discurso crítico e mostraram a identificação de reproduções e resistências que podem fortalecer reflexões para criação de estratégias e espaços mais seguros para grupos vistos como minoritários exercerem seu direito à cidadania. Como resultados, identificamos que esse movimento é um exemplo marcante de como a organização social, senso comunitário e arte podem ser usadas como forma de resistência, além de um espaço para compreendermos as histórias de exclusão e discriminação de populações minoritárias. Estas reflexões nos permitem entender a importância desses movimentos para ampliação e reafirmação de espaços seguros, para pessoas LGBTQIAP+, população negra e povos originários.

Palavras-chave: Ballroom; LGBTQIAPN+; Poder; Comunidade.

INTRODUÇÃO

A cultura Ballroom, conhecida por “cena Ballroom” ou pelo estilo de dança chamado *vogue*, surgiu como espaço de resistência e acolhimento em torno dos anos 60 e 70 para pessoas marginalizadas pela sociedade, como pessoas LGBTQIAPN+, negras e latinas nas periferias do Harlem, em Nova York. Essas pessoas se reuniam em clubes undergrounds para competir em categorias que avaliavam habilidades multiartísticas, tornando-se estratégias de enfrentamento às imposições advindas das normas hegemônicas. Estes eventos, que incluem competições, são chamados de “*balls*”. As balls são geralmente organizadas em categorias específicas com diferentes objetivos, que variam de acordo com os critérios e habilidades avaliados, sendo as mais clássicas as categorias de *Baby Vogue*, para iniciantes de até um ano competindo na cena. *Vogue Otta* sendo competidoras experientes que escolhem uma das três variações estéticas do vogue, que são o Old Way, New Way e Vogue Femme. *Runaway* refere-se ao desfile de passarela, e *Face* com o rosto mais bonito e expressivo. Os participantes geralmente usam trajes e acessórios exóticos para combinar com a categoria de dança escolhida, e os juízes selecionam os vencedores com base em sua habilidade, estilo e originalidade.

Santos (2018) apresenta uma genealogia das *ballrooms*, destacando que é difícil apontar uma única origem para essa cultura, uma vez que ela está entrelaçada com outras práticas de socialização e performance de grupos LGBTQIAPN+ e se conecta, em alguns pontos, com a história das comunidades negras e de imigrantes dos subúrbios da cidade de Nova York. Para Estevam e Geraldles (2021), a Ballroom resiste a partir de expressões artísticas que vêm sendo exploradas pelo mainstream, dentro de um sistema capitalista de exploração, visto através de reality shows, documentários e outras formas de acesso. Ainda nos anos iniciais, Pepper LaBeija imitou poses de modelos da Revista Vogue em sua performance, tornando o estilo dançante e característico da cultura Ballroom conhecida pelo nome da mesma revista. Existem três estéticas do estilo de dança vogue, conhecido por Old Way, New Way e Vogue Femme. Hoje, algumas plataformas digitais e veículos tradicionais de comunicação transmitem programas que possuem forte influência dessa cultura, como a série *Pose* e a competição *Legendary*.

Scudeller e Santos (2020) destacam que há um paradoxo na comunidade: embora tenha surgido como uma forma de resistência, ainda reproduz essas mesmas lógicas em algum grau. O clipe Vogue da cantora Madonna, de 1990, abriu espaço para que essa cultura se disseminasse em outras partes do mundo, contando com a participação de dançarinos da

comunidade Ballroom que coreografaram as danças no vídeo clipe e na turnê mundial.

No Brasil, a cena Ballroom começou a ganhar força em Minas Gerais, com forte influência da cultura afro-brasileira (Reis, 2019). Identificamos que um dos eventos oficiais mais importantes para a comunidade Ballroom no Brasil foi o BH Vogue Fever, em parceria com a Festa Dengue, no ano de 2015 (Vogue Fever, 2022). Esse evento tem grande importância para a cena Ballroom na cidade de Manaus, pois foi através dele que a pioneira manauara, Simas Zion Maverick – pessoa de referência na propagação da cultura em determinada localidade – se aprofundou nos conceitos da dança e organização comunitária, compartilhando seus conhecimentos na capital do Amazonas no ano de 2019. Assim surgiu a cena Kiki/local de Manaus.

Em Manaus, a influência da cultura dos povos originários no contexto amazônico se estende à comunidade Ballroom, pois é notável a presença de pessoas indígenas na comunidade, evidenciada pela sua participação em eventos e casas da cena. Isso fortalece os processos de enfrentamento da exclusão racial através da arte, possibilitando ressignificações e o resgate da identidade a partir das vivências. Nuñez (2022) aponta para a invisibilização epistemológica, demográfica e política que os povos indígenas sofrem no nosso país, decorrente de estereótipos coloniais que impactam a utilização dos dialetos indígenas e a aparência física correspondente ao imaginário coletivo estigmatizante. A diversidade étnica e cultural da Amazônia brasileira compreende as subjetividades negras, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, extrativistas, caboclas, nortistas e outras expressões que aqui vivem, por vezes estigmatizadas por um viés eurocêntrico presente no imaginário popular, criando um paralelo binário entre selvagem/civilizado, primitivo/avançado, exótico/normal que geralmente é aplicado a expressões que não correspondem às normativas hegemônicas.

O presente estudo é resultado de uma pesquisa de campo sobre a Comunidade Ballroom na cidade de Manaus, realizada no período de 2020 a 2023, na qual buscamos discutir as formas de reprodução e subversão para pensar esses espaços de resistência política, sendo a primeira autora da pesquisa uma das lideranças atuante na comunidade Ballroom. O estudo parte da Comunidade Ballroom em Manaus com o objetivo de explorar os múltiplos atravessamentos entre as subjetividades, compostas por fluxos de sentimentos, emoções e pulsões. A pesquisa busca compreender como a dinâmica desse espaço pode afetar as relações sociais e a construção de identidades, gerando reflexões sobre as dinâmicas de dominação, enfrentamento e subversão presentes na sociedade.

A visão de Peirano (2014) aponta para uma etnografia dos nativos, considerando as vivências ricas a partir do olhar de uma pessoa oriunda da comunidade. Esse fato se manifesta

no campo científico, através da pesquisa, no campo empírico pela vivência artística, no campo comunitário por pertencer a Ballroom e no campo social por abordar aspectos que refletem a realidade urbana de Manaus.

PERCURSO ETNOGRÁFICO

Este estudo é uma pesquisa etnográfica da Comunidade Ballroom em Manaus, que segue a perspectiva de Mariza Peirano, que defende a importância da etnografia como forma de compreender a cultura de dentro, ou seja, a partir da perspectiva dos participantes. Peirano (2014) destaca que a etnografia não é propriamente um método, mas sim uma abordagem flexível e adaptável às particularidades de cada contexto social. A primeira autora deste artigo é uma participante ativa na Comunidade Ballroom em Manaus, o que proporciona uma imersão privilegiada no contexto em estudo.

Parafraseando Peirano (2014): “O que eu estava fazendo na cena Ballroom? Simplesmente dançando...? Ou fazendo etnografia? Ou as duas coisas?” Seguindo a mesma autora, “a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição...”. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas também como nativos/etnógrafos.

Segundo Geertz (2008), o trabalho de campo é mais do que uma técnica de coleta de dados, é uma forma de compreender e atribuir significado aos diferentes arcabouços teóricos que o pesquisador adquiriu. A contextualização espacial e temporal do campo permite que as percepções e interpretações variem e se transformem de acordo com a dimensão da experiência situada e o ambiente em que a pesquisa está sendo realizada. Inspirada pelas experiências de Jaqueline de Jesus, psicóloga e pesquisadora brasileira que estuda a própria realidade, especialmente questões relacionadas à identidade, raça e gênero, a primeira autora deste estudo volta-se para sua realidade a fim de refletir criticamente sobre a complexidade dos fluxos desejanter que permeiam a Ballroom. Considerando a perspectiva da Psicologia crítica, busca-se um conhecimento que traga para o debate as lutas das pessoas contra a dominação, considerando a interseccionalidade (Nogueira, 2017).

Magnani (2002), em seu trabalho, apresenta um olhar que ele mesmo nomeia como “*de fora e de longe*”, remetendo aos distanciamentos que os modelos tradicionalistas propõem, em contraponto, ele propõe o olhar de cunho etnográfico tido como “*de perto e de dentro*”. O autor segue analisando as cidades, seus fluxos e complexidades de sistemas, no sentido econômico, social e político, apontando a complexidade dos fluxos em zonas urbanas, indo ao encontro da

proposta desta pesquisa, que analisa zonas de periféricas em uma das maiores metrópoles da América Latina. As pessoas que participaram da pesquisa foram integrantes da cena Ballroom em Manaus que proferiram discursos, falas, interações durante as competições ou mencionado a história da cultura Ballroom, sobretudo na cidade de Manaus, em treinos, encontros ou interações internas, sejam integrantes de Casas Ballroom ou Zero Zero Setes. Os participantes da pesquisa, são vistos como informantes privilegiados, capazes de oferecer informações sobre sua própria cultura e experiência na cena Ballroom, realizando, assim, uma etnografia nativa (Magnani, 2002).

A pesquisa enfatizou as vozes dos participantes, buscando explorar a realidade urbana e periférica, nesta cena, em Manaus. Neste sentido foi realizado um recorte temporal de 2020 a 2023, período em que 5 participantes proferiram discursos dentro da cena em eventos relevantes para a comunidade e para os objetivos deste estudo. Este percurso etnográfico também se enquadra na perspectiva de Oliveira (1996), nos momentos de olhar, ouvir e escrever. O momento de olhar, como já pontuado, é um olhar de dentro, carregado pelas vivências em comunidade. O ouvir corresponde à observação participante, cuja descrição das sensações e experiências deve ser tão rica que se torne autoexplicativa. Por fim, o escrever é realizado intensa e densamente em um diário de campo e depois analisado para criação de categorias que expressaram nuances encontradas no campo.

No processo de análise do material levantado durante o exercício etnográfico, e com base na análise do discurso crítica foucaultiana, a pesquisa buscou identificar padrões, significados e interações que ajudaram a compreender a dinâmica do grupo e suas relações com a sociedade em geral (Passos, 2019). A análise foi conduzida a partir dos passos a seguir: observação participante com descrição densa e identificação de discursos e vivências, descritos em diário de campo. Conforme Geertz (2008), a contextualização do discurso, com destaque para elementos linguísticos como metáforas, verbos e adjetivações, análise das relações de poder, implicações sociais e reflexão crítica guiada pelos estudos que discutem o conceito de interseccionalidade. A análise continuou com a exploração das condições históricas e sociais que permitiram o surgimento de discursos sobre identidade, resistência e pertencimento, com foco no contexto cultural da comunidade Ballroom na Amazônia. Nesse processo, foram identificadas as normas discursivas que legitimavam determinadas enunciadas, ou seja, as lógicas apresentadas na comunidade e a forma como esses discursos se articulavam com as relações de poder e saber, tanto no âmbito interno quanto no contexto social mais amplo. Por fim, a análise articulou esses discursos às práticas observadas, revelando como as narrativas e performances da Ballroom subvertiam normas hegemônicas e moldavam as subjetividades dos

participantes, criando formas de resistência e empoderamento dentro da cena amazônica. Os resultados foram analisados considerando a descrição e interpretação dos dados coletados, com foco nas práticas sociais e culturais da cena Ballroom em Manaus.

CASAS BALLROOM COMO FORMAS DE SUBVERSÃO

Crystal LaBeija é tida como uma das pioneiras no surgimento da cena Ballroom em Nova York. LaBeija – que remete a “*la belleza*” em espanhol – foi uma mulher trans negra de origem latina, performer e *drag queen*, que, ao sofrer preconceito e discriminação em concursos dominados pela branquitude, subverteu as normas de opressão racial ao fomentar a criação de um espaço para pessoas negras, latinas e outras identificações.

Klitgard (2019) afirma que as “casas” surgem devido à necessidade afetiva decorrente da rejeição e violência estrutural das famílias biológicas, criando outros espaços afetivos. Desde seu início, a Ballroom resiste a diversas violências, como opressão racial, discriminação de gênero e vigilância da sexualidade, criando uma cena *queer* que subverte os valores da branquitude ao exaltar corpos racializados, enfrenta a cisgeneridade ao ser protagonizada por pessoas trans e travestis, e respeita as formas de amar que não correspondem aos manuais monogâmicos de afeto. Dito isso, destacamos como grande exemplo de subversão das violências o modelo familiar desenvolvido na comunidade. Através das casas Ballroom, o enfrentamento da vulnerabilidade gerada por famílias biológicas, geralmente estruturadas em uma configuração heteronormativa que acaba por expulsar suas proles de casa, auxiliam no processo de cuidado e acolhimento. Assim, ao sofrer esse tipo de rejeição, reconstroem-se laços familiares a partir de um espaço de respeito com as expressões individuais e aceitação das “dissidências”, vivenciando um sentimento de pertencimento até então negado pela cisgeneridade. É importante ressaltar que essas casas não são necessariamente estruturas físicas e compartilhamento residencial ou de moradia, mas uma organização familiar baseada no afeto, cuidado, acolhimento, potencialização do desenvolvimento afetivo, suporte emocional e respeito à identidade.

Santos e Scudeller (2020) definem essas casas como conjuntos de relações sociais entre indivíduos, formando grupos que se referem como “famílias”, independentemente do parentesco consanguíneo. São nesses espaços de acolhimento e possibilidade de identificação que os laços familiares da comunidade fortalecem de dentro para fora o processo de resistência contra as estruturas de violência. Ressalta-se ainda que as pessoas que fazem parte da comunidade, mas não pertencem a uma casa, são chamadas *de Zero, Zero Sete*.

As Casas na cena Ballroom se dividem em mainstream e Kiki. As Casas Mainstream têm origem internacional e estão ligadas ao surgimento da comunidade, a exemplo da *House of Gucci*, enquanto as Kiki são nacionais e podem descender de uma Mainstream ou surgir de forma espontânea em uma cena, como a *House of Zion*, *Kiki House of Pimentas* e *Kiki House of Afro Bapho*. Estas casas podem se tornar mainstream conforme suas atividades, destaque e reconhecimento dentro da cena, como as citadas anteriormente, deixando de ser uma casa Kiki. As pessoas podem estar em uma casa mainstream e uma Kiki ao mesmo tempo, e usar ambos os sobrenomes durante as performances em eventos ou optar por representar uma das casas especificamente, dependendo da situação e das escolhas pessoais.

Os eventos geralmente possuem temáticas específicas e um painel de “jurades” composto de três pessoas ou mais, reforçando o uso da linguagem inclusiva na Comunidade Ballroom local. Em Manaus, o primeiro evento da cultura Ballroom foi o Pose Manaus, realizado em 31 de agosto de 2019 no R2 Studio de Dança. O evento foi promovido por Simas Zion, atual *mother* da *Kiki House of Maverick*, conhecida como pioneira da cena na capital amazonense, sendo a *Glitter Ball* o primeiro baile oficial realizado em Manaus, no Casarão de Ideias, em dezembro de 2019. Atualmente, compõem a cena manauara as *Kiki houses of Maverick, Shaolin, La Plata, Yandê Yanê, Konda e Jabutt*, com menções saudosas às casas que contribuíram fortemente para a existência e promoção da cultura Ballroom em Manaus: Dení, Matagal, *Juicy Couture* e Astra.

Na cidade, as balls acontecem frequentemente nas zonas periféricas de Manaus, como no Didikas Fest, Cidade de Deus, zona norte. Também ocorrem em espaços públicos da região central, como na Praça do Prosamim, Praça da Saudade ou outros espaços de manifestação artística que podem decorrer de parcerias privadas. Esses eventos costumam ter uma lista para entrada gratuita de pessoas trans, cujos nomes são coletados por meio de redes sociais conhecida como “*trans free*”, podendo ser compreendidos como uma forma de afirmação da identidade, acolhimento e subversão contra as lógicas de acesso, exclusão e permanência de pessoas em transgênero em determinados espaços. A seguir, descrevemos as lógicas e vivências da cena *ball* em Manaus.

A CENA BALLROOM E AS LÓGICAS DE REPRODUÇÃO DOS SISTEMAS DE DOMINAÇÃO VERSUS AS LÓGICAS DE SUBVERSÃO

As balls de Manaus seguem um roteiro similar ao de outras balls no Brasil e no mundo. Os participantes competem em categorias como moda, dança e performance. No início das

competições, geralmente ocorrem performances individuais, a fim de alcançar a nota máxima da apresentação, um critério avaliativo que permite o avanço para a rodada de disputas. Caso não atenda aos critérios, as/os participantes são eliminadas (os) através do “*chop*”, movimento geralmente feito em X com os braços ou imitação de movimentos de corte com acessórios. Em seguida, iniciam-se fases de batalhas 1 x 1, nas quais a vencedora recebe um prêmio, geralmente um troféu temático, acompanhado de uma quantia, denominado “*cash prize*”.

A Comunidade Ballroom é geralmente organizada em torno de “casas”, que são grupos de familiares liderados por uma “*mother*” ou “*father*” da casa, seguindo uma hierarquia conforme titulação interna. Cada casa tem um nome e características distintas, refletindo seu conceito geral, que pode ser influenciado por culturas indígenas, africanas, orientais, latino-americana e europeias. Destacam-se ainda as variações regionais do contexto amazônico, inspirando casas e eventos com a cultura local, como as caboclas, ribeirinhas, indígenas e quilombolas, com exemplos das casas *Yandê Yanê*, *Jabutt* e *Konda*. Nesse sentido, as falas apresentadas a seguir compreendem exemplos da diversidade de ações e estratégias que membros da comunidade Ballroom de Manaus desenvolvem para subverter, contornar, desviar, romper e driblar as estruturas de opressão social.

DISCURSO 1

“Essa aqui é a M., tava muito ansiosa pra conhecer a Ballroom e começar a treinar. Catei ela lá no centro da cidade enquanto a gente tava num bar, agora é minha filha. A gente já tinha feito o batismo dela de M., ela vai começar a estudar dança na UEA. Foi com a gente que ela aprendeu a fazer dip e usou pra passar na prova prática.” Discurso Da participante 1, denominada de A.T., 27 anos, apresentando sua filha M. a outros membros da comunidade Ballroom, em novembro de 2022, na *Boo-Bicth Ball*. Didikas Fest, Cidade de Deus – Manaus/Amazonas. Fonte: diário de campo da autora, 2022.

No início deste trecho de discurso, é apresentado o papel de “*Mother*”, que remete à Mãe na comunidade Ballroom. Essa nomenclatura é utilizada para se referir a uma figura materna que frequentemente assume o papel de líder para jovens LGBTQIAPN+ que, por vezes, não possuem apoio em suas famílias de origem. As “*Mothers*” geralmente são pessoas com experiência na cena Ballroom e que possuem uma grande influência e respeito dentro da comunidade, ou podem ser integrantes que adotam pessoas na cena, referindo-se a essas pessoas como referências de aprendizado e outras formas de sociabilização. Elas fornecem apoio emocional, mentoria e treinamento em habilidades de dança, bem como ajudam a criar

uma rede de suporte para a comunidade Ballroom e apresentam disponibilidade emocional para acolher os filhos. As posturas e ações das lideranças na Ballroom variam conforma a disponibilidade e interesse da pessoa.

O termo “*filhes*” é uma variação inclusiva de gênero da palavra “*todes*”, que remete à linguagem inclusiva, popularmente conhecida como “linguagem neutra” ou “pronome neutro”. Criar ou utilizar uma linguagem inclusiva para pessoas que não se identificam com o binarismo de gênero tradicional (masculino/feminino) aparece nesse contexto como forma de acolhimento e respeito à identidade de gênero trans não-binária. Essa ação compõe uma lógica de resistência, porque subverte as invalidações da identidade de gênero que pessoas não-binárias sofrem rotineiramente, seja em espaços físicos ou virtuais, articulando-se de forma regular, sendo a linguagem inclusiva habitual dentro da comunidade.

Rubin (1975) argumenta que as normas sociais que regulam a sexualidade e o gênero são produtos da cultura e da história, e que essas normas muitas vezes reforçam desigualdades e opressões. Assim, a comunidade Ballroom resiste reivindicando construções diferentes daquelas consideradas hegemônicas e que oprimem as expressões autênticas das pessoas em suas corporeidades, gêneros e sexualidades. Neste sentido, Foucault (1985) argumenta que o poder é exercido de forma difusa e sutil, afetando todos os aspectos da vida social, e destaca que a resistência é uma parte integrante do exercício dessa lógica, podendo ser uma forma eficaz de desafiar e transformar as relações estabelecidas. Sendo o poder uma força sutil e difusa, as formas de subversão e enfrentamento devem ser diversas e abrangentes, permitindo que as pessoas em condição de opressão possam resistir também através da arte e da cultura.

Contudo, apesar de reproduzir a lógica de uma perspectiva social dominante da ideia de família tradicional, com os papéis binários de *Pai/Father* e *Mãe/Mother*, a Ballroom subverte por meio da lógica de não reproduzir os termos em inglês dos vocábulos filho ou filha, em função de priorizar o termo inclusivo em português com o uso da palavra “*filhe*”, reconhecendo a importância da diversidade de gêneros em nossa língua. Mesmo com os termos binários das lideranças *Pai/Mãe*, esse espelhamento não condiz com a hegemonia de gênero que impõe normas restritivas de expressão, pois os termos atribuídos às lideranças não partem da biologia/genitália, mas da sua auto nomeação a partir do lugar de liderança, possibilitando uma liberdade que também é subversiva.

O termo “*Father*”, que remete ao “*Pai*” de uma casa, apesar de não descrito no discurso, se faz importante pois complementa a lógica de reprodução dominante da família no centro dessa lógica. Este pai exerce um grau de poder pela possibilidade de expulsar membros da casa, se necessário. No papel de “*Mother*”, que remete à mãe, a reprodução social dominante pode

incluir a transmissão de valores relacionados ao cuidado, à afetividade, à responsabilidade e à disponibilidade emocional exclusivas da mulher. Essas características são frequentemente associadas às expectativas sociais sobre o papel da mulher, assim como o papel de homem na família remete à autoridade e imposição, reforçando a dinâmica de poder e opressão. Muitas vezes, reproduzimos padrões opressivos e desiguais sem perceber, havendo a necessidade de desenvolver uma consciência crítica para romper com esses padrões e construir uma sociedade mais equitativa (Hooks, 2019). Sobre a necessidade de compreender as interseccionalidades entre diferentes formas de opressão e marginalização, ela argumenta que não podemos separar questões de gênero, raça, classe, sexualidade e outras formas de identidade e opressão, e que é necessário abordá-las de forma integrada e interconectada.

Hooks (2019) afirma que, apesar da reprodução de papéis de uma lógica dominante como a de família, nota-se uma flexibilidade quanto às normas cis-heteronormativas das figuras apontadas. Identifica-se também nestes papéis a subversão do gênero, pois, sendo pessoas trans ou cisgêneros, o papel de liderança é estabelecido a partir da identificação subjetiva de membros, o que subverte a ideia de pai e mãe dentro de um sistema dominante que estabelece de forma que corresponda exclusivamente ao feminino ou masculino. Por esta perspectiva, a cena Ballroom é conhecida por quebrar padrões de várias maneiras, sendo uma das principais a desconstrução de papéis de gênero rígidos e binários.

Rubin (1975) argumenta que um "sistema sexo-gênero" é perpetuado pela sociedade e que as lógicas binárias de gênero são utilizadas para violentar os corpos que não se enquadram nos padrões heteronormativos. Segundo a autora, a organização social do sexo é baseada no gênero, na obrigação da heteronormatividade e na repressão da sexualidade das mulheres. O gênero é uma divisão social imposta aos sexos e é um produto das relações sociais. A autora destaca a maneira como as normativas de gênero são utilizadas para impor hierarquias e reprimir corpos que não se enquadram na heteronormatividade, perpetuando um sistema de opressão baseado na sexualidade e no gênero. Acrescenta-se neste ponto que a cisgeneridade é outra normativa hegemônica na intersecção de gênero, cujo protagonismo de pessoas trans na comunidade Ballroom é exemplo de resistência e subversão desde o início.

A hierarquia na estrutura de parentesco da cultura Ballroom também distribui funções de trabalho, uma vez que os títulos de Mãe e Pai têm o dever pedagógico de ensinar o que sabem às suas Filhas, Filhos e Filhos, como passos, estilos e poses de dança, modalidades de caminhada, truques em performances ou técnicas de maquiagem e costura, além de ensinar a expertise das ruas e estratégias de sobrevivência no mundo normativo heterossexual branco. É uma função que exige comprometimento e compartilhamento de saberes. E o poder que se tem

é adquirido através de anos de trabalho na cena e aquisição de experiência (Pereira & Peranda, 2020). No decorrer das relações familiares dentro da Ballroom, é comum que membros de casas decidam sair da família e compor novas casas dentro da cena ou se tornem “Zero, Zero Sete”, sendo esse movimento motivado por discordâncias ou desejo de formar uma nova organização dentro da cena. Essas desvinculações não necessariamente significam rompimento de relações, pois a pessoa que decide sair, dependendo da situação, pode continuar próximas dos membros da casa anterior e manter as relações familiares de filhe, irmã ou mesmo mãe/pai com esses membros ou não.

Nesse contexto de relações familiares, é importante destacar o batismo descrito no discurso da participante, sendo um ritual que aparece em vários espaços interculturais LGBTQIAPN+, como na Ballroom e na arte drag, por exemplo, caracterizado pela atribuição ou escolha do nome próprio. Este nome pode ser a forma como a pessoa gostaria de ser chamada na cena ou compor uma personagem/persona específica e até mesmo vir a ser o nome social de pessoas trans, destacando a diversidade das trans identidades. A liberdade de escolha de um nome cuja expressão de gênero seja condizente com a identidade de gênero é um fator de proteção de saúde mental e manutenção do bem-estar social nesse contexto e em diversos outros.

Para finalizar nossa análise desse primeiro discurso, apontamos o “dip” como uma forma de expressão significativa para esse estudo. O termo é traduzido do inglês, que remete a “mergulho” e é o quinto elemento do Vogue Femme, cuja pessoa vai de costas, de encontro ao chão apoiada em um dos tornozelos, esticando cabeça e mãos para trás, ficando a critério levantar ou não a perna que estiver livre.

O Dip, é o elemento mais icônico do Vogue Femme e, também, um dos mais complicados de ser executado, podendo ocasionar lesões na articulação do joelho devido à posição dessa articulação na finalização do movimento. Durante a execução do elemento Dip, a performer deita por cima de um calcanhar com o joelho flexionado, com o tornozelo em flexão plantar e com o dorso do pé estendido, enquanto a outra perna fica estendida e com o pé também em flexão plantar e com dorso estendido [...] (BORBA, 2022, p.10). Ao utilizar o dip do Vogue Femme em uma prova prática de um processo seletivo para uma graduação em dança, Maresia emprega o vogue como uma ferramenta de enfrentamento. Essa escolha reflete a posição de Maresia como uma pessoa que usa sua própria experiência e habilidades para desafiar as expectativas dominantes e subverter as normas sociais. A abordagem que ela utiliza é consistente com as ideias de Michel Foucault (2018) sobre o poder e a formação da subjetividade. Para Foucault, o poder não é apenas exercido externamente por alguns

indivíduos sobre outros, mas também envolve práticas pelas quais os indivíduos são incitados a governar a si mesmos. Nesse sentido, a escolha de Maresia de utilizar uma técnica de vogue, sendo este um estilo não convencional de dança em uma prova prática de vestibular, é um exemplo de como indivíduos podem resistir e desafiar a lógica dominante, reafirmando sua própria agência e poder de governar a si mesmos.

DISCURSO 2

“A comunidade Ballroom é um recorte de pessoas trans, travestis, negras, indígenas, é importante a gente se lembrar disso. Porque foram esses corpos que abriram caminho e levaram as primeiras pedradas para hoje a gente pudesse continuar aqui enquanto corpos marginalizados.” Discurso da participante 2, denominada de J.M., em novembro de 2022, na abertura da Boo-Bitch Ball de Halloween, Didikas Fest - Cidade de Deus, Manaus – Amazonas. Fonte: diário de campo, 2022.

Neste trecho, evidencia-se a pluralidade presente na cena local, atravessada por diferentes intersecções. O “recorte de pessoas” pode ser compreendido como uma metáfora correspondente a uma parcela da identidade desses sujeitos e grupos de indivíduos enquanto parte (cortada) da sociedade. Outros sinônimos também merecem atenção, como dizimadas, destruídas, apartadas, sem direito à vida e, como ressalta Butler (2021), sem direito ao luto, apontando para o fato de que a vida das pessoas vulnerabilizadas e/ou racializadas, como “fantasmas raciais” ou “fantasmas populacionais”, não é contada como perdas na lógica da violência colonial e institucional. Não são contadas como pessoas dignas de direito a espaços de igualdade, referenciando o lugar de marginalidade ao qual esses corpos estão sujeitos.

Bento (2022) destaca que as pessoas negras foram historicamente colocadas em uma posição de subalternidade e exclusão, havendo uma manutenção de privilégios, por parte de pessoas brancas, nas diferentes instituições que são similares e sistematicamente negadas e silenciadas, tendo corpos negros violentados e negados. Ela argumenta que a branquitude se constitui como um pacto social que busca manter essa posição de poder e privilégio, reproduzindo discursos e práticas racistas que naturalizam a hierarquia racial. Além disso, a autora aponta a necessidade de se romper com esse pacto, reconhecendo e enfrentando as estruturas de opressão que afetam as pessoas negras e construindo alianças antirracistas.

Portanto, a Ballroom é um espaço onde corpos dissidentes se reúnem para celebrar as diferenças que são apartadas da sociedade pelas lógicas de dominação, advindas também do colonialismo. Essas lógicas de dominação, a exemplo do pacto narcísico da branquitude, são

normativas que estão presentes não só na subjetividade humana, como também nas estruturas políticas. Butler (2021) critica a violência de Estado e a violência colonial, propondo a defesa de princípios éticos que exigem a reivindicação de valores de igualdade e justiça universalizáveis e ressalta a ausência dessa justiça para populações marginalizadas.

Segundo Akotirene (2019), o maior artifício da colonialidade eurocêntrica é reduzir o sujeito ao corpo que ele ocupa, sem considerar as intersecções daquela realidade, na ânsia de diagnosticar o problema como negro, lésbica, gênero ou latino-americanos. Assim, é possível afirmar que as práticas coloniais que constituem a cervical do corpo social reverberam até hoje nas subjetividades, nas relações, nas instituições e, por fim, nas estatísticas.

Segundo as reflexões de hooks em “Vivendo de Amor” (2000), a escravização gerou consequências íntimas relacionadas ao emocional do povo negro, sendo a repressão de emoções o mecanismo utilizado para sobrevivência em meio à violência. A partir deste contexto, a Ballroom surge como território de subversão das lógicas de repressão emocional, onde as emoções são potencializadas por meio da expressão artística, vínculos de parentesco emocional, acolhimento e pertencimento pelo vínculo comunitário.

Destaca-se ainda a reverência ao pioneirismo e às pessoas que vieram antes na luta, pois a conquista de direitos da população LGBTQIAPN+, bem como outras intersecções presentes na fala, é resultado de um longo processo de resistência. A importância de compreender a história dos que vieram antes nos possibilita pensar o que foi feito, transformar a realidade presente e criar um futuro possível. Por essa perspectiva, visibilizar a realidade de populações minoritárias se torna um ato de resistência. Foucault (2005) destaca que o racismo é um elemento constitutivo do biopoder na história e foi uma estratégia usada no final do século XIX, que desembocou no nazismo. A guerra das raças torna-se racismo de Estado quando o Estado retoma da soberania clássica o direito de vida e de morte sobre os súditos.

Cria-se um aparato da tecnologia disciplinar do corpo que irá instaurar uma biopolítica da população, visando regenerar a raça por meio da eliminação das raças inferiores, da sub-raça, dos indivíduos anormais e dos degenerados, para a normalização dos comportamentos. A morte do outro possibilita a vida e a purificação da raça. O outro torna-se não um adversário, mas um perigo externo ou interno que deve ser eliminado para a regeneração da população, novo objeto da história, trazido pela demografia. Tal afirmação reitera o lugar de subversão da Ballroom ao tratar do recorte de pessoas trans, travesti, negras e indígenas, destacando o quanto estes corpos abriram caminhos para diversos movimentos sociais, permitindo que suas resistências criassem possibilidades de existência em uma sociedade opressiva.

DISCURSO 3

“A cena Ballroom foi feita por trans e travestis negras, ela é resistência afro diaspórica, vamos romper com as amarras que limitam nossas corpos”. Discurso da participante 3, denominada de P. L. P., em abril de 2023 na Once Upon a Ball, Taberna 1069, Centro de Manaus – Amazonas. Fonte: Diário de Campo da Autora, 2023.

A partir da fala da integrante da cena Ballroom manauara, nota-se a relevância de pontuar que a própria comunidade está em diáspora, ou seja, são corpos em dispersão que, a partir de suas próprias vivências, criam um jeito de “fazer” Ballroom, reencontro, organização, valorização das identidades culturais e movimento de retomada. Essa percepção do que é afro-diaspórico associado à Ballroom surge como uma bolha que está imersa em uma sociedade profundamente racista e violenta.

O termo afro-diaspórico ligado à comunidade Ballroom também pode ser entendido como essa bolha onde as pessoas têm a compreensão dessas lógicas de cerceamento, já que fora dessa bolha retorna-se ao campo social de apagamento, invisibilização e opressão. Para compreender essa opressão, a interseccionalidade nos instrumentaliza a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos (Akotirene, 2019). Vale ressaltar que os corpos presentes na Ballroom são marcados por olhares de reprovação e questionamento constantes na sociedade macro-política, mas no microcosmo da comunidade, essas marcações podem ser ressignificados para olhares de admiração, aclamação e celebração. Por mais que a cena artística acabe por também reproduzir violências, existe a compreensão de que esses corpos passam por violações profundas, sendo a Ballroom uma bolha afro-diaspórica onde se pode respirar, para depois sair e retornar à imersão dos discursos de dominação que a sociedade patriarcal impõe a esses corpos.

De acordo com Brito e Correia (2018), o conceito de diáspora, que se originou para descrever a dispersão geográfica das populações judaicas em migrações forçadas ou voluntárias, é atualmente empregado de maneira mais ampla para se referir à dispersão de uma grande variedade de grupos étnico-raciais entre diferentes localizações. As diásporas são marcadas por processos paradoxais de tensão, adaptação e resistência, e por ambiguidades entre assimilação e diferenciação, integração e rejeição, opressão estrutural e rupturas, bem como negociação de pertencimento/aceitação e exclusão e discriminação (Brito & Correia, 2018). Neste sentido, faz-se importante destacar o termo africanidade, apontado por Lélia Gonzales na década de 1980, inserindo-o na perspectiva pós-colonial. Tal expressão surge em um contexto marcado tanto pela diáspora negra quanto pelo extermínio da população indígena.

Pela perspectiva de diáspora, Gonzalez (2011) recupera as histórias de resistência e luta dos povos colonizados contra as violências geradas pela colonialidade do poder. A partir das resistências, como mecanismos estratégicos de visibilidade da história desses grupos, Gonzalez tem por objetivo pensar "desde dentro" as culturas indígenas e africanas e, assim, afastar-se cada vez mais de interpretações centradas na visão de mundo do pensamento moderno europeu.

A Comunidade Ballroom é considerada uma expressão afro diaspórica, na qual se observa a construção de uma identidade coletiva a partir da experiência da diáspora, tendo como elementos centrais a moda, a dança e a performance. Nesse contexto, as competições de vogue são uma forma de resistência, reafirmação da identidade e empoderamento frente à opressão vivenciada pela comunidade LGBTQIAPN+. A cena Ballroom é, portanto, uma expressão cultural que evidencia a continuidade da diáspora africana e a formação de novas identidades diaspóricas na atualidade, a exemplo da luta e retomada indígena experienciada nesta comunidade no Norte do Brasil.

DISCURSO 4

“A comunidade começou sim lá em Nova York, mas a gente na Cidade de Deus, Manaus – Amazonas, não podemos esquecer que a nossa cena é protagonizada por pessoas pretas e indígenas, trans. Aqui a gente faz do nosso jeito!” Discurso da participante 4, denominada C. S. M., em novembro de 2022, na Boo-Bicth Ball, Didikas Fest, Cidade de Deus, Manaus – Amazonas. Fonte: Diário de campo da autora, 2022.

Ao destacar que a origem da Ballroom foi em uma cidade estadunidense, C. S. M. reconhece as raízes do movimento, porém subverte a lógica de dominação cultural ao diferenciar o território no qual a cena manauara se desenvolve. A cultura norte-americana atravessa a subjetividade dos brasileiros de diversas formas, com filmes, séries, propagandas, marcas de bebida, comida ou roupa, música, clipes, revistas e diversas outras ferramentas, moldando e direcionando nossos gostos, atitudes, formas de relações e identidade. Em um mundo globalizado, em que a tecnologia impera, a comunidade Ballroom manauara recebe esse bombardeamento de informações que se dá por meio das redes sociais, programas de televisão e plataformas de streaming, sendo, portanto, esperado observar uma série de reproduções dos valores ou estética estadunidense. Ao destacar a cena manauara enquanto o espaço geográfico que ocupa, é um ato político, pois o “nosso jeito” pode ser interpretado como a valorização dos valores e estética do Norte do Brasil, a exemplo da ball promovida pela Kiki House of Matagal, intitulada Bumba Meu Vogue, realizada em julho de 2022, na qual se explorou a beleza

arquitetônica de prédios e pontos turístico de Manaus, bem como uma das festas populares mais conhecidas da região norte, o Boi Bumbá.

Na obra “Por um feminismo afro-latino-americano”, de 2011, Lélia Gonzalez traz ponderações sobre discursos que permeiam raça, classe e gênero, partindo da condição da mulher negra no corpo social. Fundamentado nisso, utiliza intersecções entre esses recortes sociais para que seja possível articular um feminismo próprio da América Latina, pensado em contraponto ao feminismo perpetuado nos Estados Unidos nos anos 70 e 80, movimentação similar ao que acontece em declarações e falas presentes na comunidade Ballroom de Manaus. Ao diferenciar a Ballroom realizada na “Cidade de Deus, Manaus – Amazonas”, C. S.M. afirma que a Ballroom em Manaus é diferente da que surgiu nas periferias de Nova York, possuindo suas próprias nuances, características e expressões, que são atravessadas pelas subjetividades produzidas dentro da cultura amazônica, região que, por vezes, é percebida como lugar selvagem a ser desbravada e colonizada pelo homem branco, colocando assim os sujeitos que aqui residem no lugar de Outro. Os discursos colonizadores produziram, pela lógica da subalternidade, um lugar social baseado na noção de “outro” /alteridade, cujo sujeito racializado ocupa por excelência (Martins, 2022).

Para Scudeller e Santos (2020), a cultura Ballroom possui sua própria estética, que inclui as experiências do produzir e do fluir, assim como os modos de vivenciá-las e senti-las, pressupondo que são territórios antagônicos e é resistir ao paradoxo da complexidade no qual somos forjados e, como tal, está imbricado nos fenômenos que emergem das relações humanas. Em novembro de 2023, a Kiki House of Jabutt, junto com o coletivo indígena Mirian Mashã na cidade Manaus, promoveu uma ball intitulada “Espíritos Ancestrais”, marcada pelo protagonismo da cultura indígena, contando com lideranças e artistas das diversas etnias da região, com categorias voltadas para o artesanato e moda das culturas locais. Assim, a Ballroom se movimenta para promover o protagonismo dos povos originários e culturas indígenas presentes no contexto urbano.

DISCURSO 5

“Porque eu sou mulher de pau. Ela é não-binária e também tem pau” Trecho de rima Da participante 5, denominada de J. Z. Z., durante a Once Upon a Ball, março de 2023, Manaus – Amazonas. Fonte: Diário de Campo da Autora (2023).

A primeira parte da rima denota a subversão da cisgeneridade, que considera a identidade do indivíduo a partir do órgão genital, estabelecendo uma binaridade rígida e

imutável de homem/mulher. As lógicas que guiam as noções de gênero dentro da comunidade Ballroom partem daquilo que faz sentido ou não para o indivíduo. Rubin (1975) embasa essa discussão, dando importância ao gênero como construção social presente no ativismo da participante. Para Jesus e Alves (2010), o ativismo social, cada vez mais frequente, entre homens e mulheres transexuais e travestis, praticado de forma mais ou menos intuitiva, tem aumentado a consciência política da própria população transgênero. Isso se relaciona ao fato de que as pessoas passam a se perceberem e são percebidas como integrantes de um grupo social antes invisível, que compartilham crenças e sentimentos com outros indivíduos trans, e começam a se comprometer subjetivamente com o grupo (Jesus & Alves, 2010).

Enquanto as normas da cisgeneridade partem da sociedade quanto imposição no nascimento da pessoa, na Ballroom o sujeito tem protagonismo e autonomia em seu processo de experimentação, descoberta e transformação, promovendo bem-estar, saúde mental, sociabilização e ampliação da rede de apoio dessas pessoas, que podem, neste local, viver de forma mais autêntica. A segunda parte da rima aborda outra identidade de gênero trans “não binária”, citando o órgão genital e, a partir daí, rompendo novamente com as noções rígidas estabelecidas pelas noções binárias e biológicas de gênero, sendo a forma como a pessoa se identifica e expressa de maior importância na Ballroom do que características anatômicas.

Gomes et al. (2022) aponta alguns fatores sociais que colaboram nos altos índices de suicídio entre a população trans, sendo o preconceito, discriminação e pouca aceitação familiar. Os autores acrescentam ainda que existe a necessidade de pesquisas com enfoques nas particularidades dessa população. Conhecer a cena Ballroom e desenvolver pesquisa sobre as formas particulares das relações no meio social vai ao encontro aos interesses de pensar novas formas de enfrentamento aos índices de adoecimento desta parcela da sociedade. De acordo com Raabe (2020), a cultura Ballroom foi criada como uma forma de proporcionar um espaço para essas pessoas expressarem sua arte e identidades, competindo em categorias que celebravam a moda, o estilo, a dança e a performance, o que colabora para a promoção da autoestima e autoafirmação, o que consequentemente auxilia na saúde mental dos membros, por poderem se expressar livremente. Neste ponto, reforça-se que tanto o sistema de famílias quanto à expressão artística presente na Ballroom são fatores que contribuem para a saúde mental. Destaca-se ainda que as noções binárias e outras dicotomias podem ser lidas como herança de uma lógica colonial, eurocêntrica e cristã, considerando que outras culturas, a exemplo da própria identidade travesti surgida no Brasil, que, apesar de estar no espectro da feminilidade, não se resume somente à identidade feminina binária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutirmos, no decorrer desta análise, as formas de reprodução e subversão para pensar espaços de resistência política, a partir da Comunidade Ballroom, identificamos que esse movimento é um exemplo marcante de como a cultura pode ser usada como uma forma de resistência política e expressão artística. No entanto, observamos que as lógicas de opressão não atravessam as subjetividades dos sujeitos de forma passiva. Esses sujeitos têm a possibilidade de enfrentamento destas violências a partir do momento em que elas são identificadas e nomeadas. Isso pode nos ajudar a identificar atravessamentos que estão nas entrelinhas do processo de reprodução, resistência e subversão das lógicas dominantes em nossa sociedade. Tais atravessamentos nos ajudam a entender a nossa história, de onde viemos, quem somos e onde estamos.

Pensar a sociedade através destes da cena, imersa a partir de uma análise interseccional, nos fez observar o que alguns autores têm mencionado sobre o histórico da cena Ballroom, que é difícil apontar uma única origem para essa cultura, uma vez que ela está entrelaçada com outras práticas de socialização e performance de grupos LGBTQIAPN+ e se conecta, em alguns pontos, com a história das comunidades negras, e, portanto, subalternizada e marcada por violências. Tal contexto nos forneceu um entendimento introdutório, para pensar em espaços políticos, que possam visibilizar tais violências e criar estratégias para enfrentá-las, mitigá-las e dissolvê-las.

É importante ressaltar que existem outros fenômenos relacionados à cena Ballroom em Manaus que não foram abordados nesta discussão. Por exemplo, as razões pelas quais algumas casas Ballroom deixam de existir, o que pode estar relacionado a vínculos sociais enfraquecidos entre seus membros. Além disso, há a necessidade de reproduzir padrões estéticos de outras regiões do mundo, em detrimento da cultura local, o que pode contribuir para a fragmentação da cena Ballroom e sua perda de identidade regional. Observa-se que, na cena Ballroom de Manaus, é comum a mistura de uma ou mais línguas no dialeto utilizado pelos participantes. Durante as performances, na comunicação informal, marketing e outras situações, é comum a mistura do português com o inglês nas categorias. Essa mistura de línguas é resultado da origem do movimento Ballroom nos Estados Unidos, que influenciou a cena em todo o mundo.

No entanto, essa mistura linguística pode afastar alguns brasileiros da cena Ballroom, seja pela dificuldade de compreensão dos termos, pela pronúncia incorreta ou pelo simples desconhecimento da aplicação. Como resultado, a cultura dos povos indígenas e da cultura

negra pode ser sub-representação na cena de Manaus, o que pode limitar o alcance da cena e sua capacidade de representar a diversidade cultural da região. Ainda assim, é possível notar um resgate tímido dessas culturas na cena de Manaus, que pode ser incentivado e fortalecido para promover a inclusão e diversidade na cena Ballroom.

A Comunidade Ballroom é um espaço que, ao mesmo tempo que reproduz lógicas dominantes, também busca subverter e enfrentar tais lógicas opressivas. No entanto, é importante ressaltar que esse esforço é insuficiente para subverter todo o sistema opressor que afeta não só a Ballroom, mas vários grupos considerados subalternos. Diante desse contexto, é recomendado um olhar mais atento para os afetos familiares presentes nesse cenário. A constituição de novas formas de estabelecer vínculos familiares, que não correspondam aos ideais da cisgeneridade e heteronormatividade, pode permitir que grupos em vulnerabilidade social se ajudem mutuamente, se protejam coletivamente e nutram afetos, que lhes são negados socialmente. Isso pode ser uma forma de fortalecer a cena Ballroom e outros movimentos que lutam por espaços mais seguros e por seus direitos sociais. A criação de novas formas de afeto e família pode ter um impacto mais amplo na sociedade, contribuindo para a desconstrução de normas sociais opressivas e a construção de uma sociedade mais voltada para a cidadania.

Além da criação de novas formas de afeto e família, é importante destacar a necessidade de políticas públicas que garantam espaços seguros e direitos sociais para grupos em vulnerabilidade social, como a cena Ballroom e outros movimentos que lutam por justiça social e igualdade. A garantia de direitos básicos, como acesso à educação, saúde, segurança, moradia, alimentação e emprego, é fundamental para que esses grupos possam se desenvolver e se fortalecer, pertencendo à sociedade enquanto sujeitos. É preciso que o Estado garanta o direito à cidadania plena para todas as pessoas, sem discriminação de gênero, raça, orientação sexual e identidade de gênero. Além da necessidade de políticas públicas que garantam espaços seguros e direitos sociais para grupos em vulnerabilidade social, é fundamental que a sociedade reconheça e valorize a diversidade e a multiplicidade de vozes. Como afirmou a socióloga negra bell hooks, devemos buscar um mundo no qual todas as vozes possam ser ouvidas. Nesse sentido, a cena Ballroom pode ser vista como um espaço de resistência e luta que se constrói nas diferentes formas de expressão e de existência.

AGRADECIMENTOS

A comunidade Ballroom de Manaus, lideranças, Casas e pessoas. À Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen.
- Batista, L. E., Santos, M. P. A. de, Cruz, M. M. da, Silva, A. da, Passos, S. C. da S., Ribeiro, E. E., Toma, T. S., Barreto, J. O. M. (2022). Produção científica brasileira sobre saúde da população negra: revisão de escopo rápida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), p. 3849–3860. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.07782022>
- Bento, C. (2022). *O pacto da Branquitude*. Companhia das Letras.
- Borba, B. L. (2022). *A dança vogue Femme: análise cinesiológica do elemento DIP na articulação do Joelho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Brito, L. F., Corrêa, L. G. (2018). As identidades negras da diáspora e a descolonização da representação. *Revista E-Compós*, 21(3). <https://doi.org/10.30962/ec.1484>
- Brown, W. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. Editora Filosófica Politeia.
- Butler, J. (2021). *A força da não-violência: um vínculo ético político*. Boitempo.
- Cavalcanti, C., Sander, V. (2019). Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. *Cadernos Pagu*, 55, p. e195507. <https://doi.org/10.1590/18094449201900550007>
- Estevam, A. L. G., Geraldês, E. (2021). Vogue, logo, existo: a comunicação política-corporificada da Ballroom. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, 15(1). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2021.186046>
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, UK: Routledge.
- Fever, V. (2022). Linha do Tempo BH Vogue Fever. <https://www.youtube.com/watch?v=W4eRrOSsNt8>.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Foucault, M. (2012). *Em Defesa da Sociedade*. 2. ed. WMF Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Editora Vozes.
- Foucault, M. (2020). *História da sexualidade: a vontade do saber*. 11. ed. Paz & Terra.

- Foucault, M. (2021). *Microfísica do Poder*. 13. ed. Paz & Terra.
- Fravet-Saada, J. (2005). Ser afetado. *Cadernos de campo*, 13(13), p. 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>
- Gomes, H. V., Jesus, L. A. de, Silva, C. P. G. da, Freire, S. E. de A., Araújo, L. F. de. (2022). Suicídio e população trans: uma revisão de Escopo. *Ciências Psicológicas*, 16(1), e-2501. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i1.2501>
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 15(1), p. 69-82. <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv15n1.2021.40454>
- Gonzalez, L. (2020). *Por Um Feminismo Afrolatino Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Zahar.
- Hooks, b. (2000). Vivendo de Amor. In: Werneck, J., Mendonça, M., White, E. C. (Orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Pallas/Criola.
- Hooks, b. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Elefante.
- Jesus, J. G., Alves, H. (2010). Feminismo Transgênero e Movimentos de Mulheres Transexuais. *Revista Cronos*, 11(2), p. 8-19. <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>
- Jesus, J. G. de. (2014). *Transfeminismo: Teorias e Práticas*. Metanoia Editora.
- Klitgard, M. (2019). Family Time Gone Awry: Vogue Houses e Queer Repro-Generationality na(s) Interseção(ões) de Raça e Sexualidade. *Debate feminista*, 57, p.108-133. <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2019.57.07>
- Magalhães, I., Martins, A. R., Resende, V. M. (2017). *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Editora Universidade de Brasília.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), p. 11–29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
- Martins, H. V. (2022). Raça, Colonialismo e Discurso Decolonial: Resistências e Ressonâncias Negras na Psicologia. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume 1*. Brasília: CFP.
- Nogueira, C. (2017). *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Editora Devires.
- Núñez, G. (2022). Efeitos do Binarismo Colonial na Psicologia: Reflexões Para Uma Psicologia Anticolonial. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume 1*. CFP.
- Passos, I. C. F. (2019). A análise foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>
- Pereira, A. R., Peranda, C. (2020). Entre memórias de infância e crianças legendárias: Gênero,

raça e sexualidade dos primeiros anos à cena de Ballroom & vogue estadunidense. *Revista Brasileira de estudos da homocultura*, 03(09). <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.9.10468>

Raabe, C. (2020) O que é cultura Ballroom? Histórias e Elementos da Ballroom. *House of Raabe*. <https://houseofraabe.alboompro.com/post/46681-culturaballroom>

Reis, L. Y. S. (2019). *Voguing e cultura Ballroom: inserção no contexto acadêmico brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física), Universidade Federal do Espírito Santo.

Rubin, G. (1975). The trafficin women: notes on the political economy of sex. In: Reiter, R. R. (org). *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press.

Santos, H. C. (2018). *A transnacionalização da cultura dos ballrooms*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Santos, T. H. R. dos, Scudeller, P. de A. P. (2020). “I am Ballroom’’: Tensões, Reiteraões e Subversões na Partilha do Sensível da Cultura Ballroom Midiatizada. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 9(2). <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3997>.

Oliveira, R. C. de. (1996). O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista De Antropologia*, 39(1), 13-37. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

ESTUDO 2

"COMUNIDADE BALLROOM NO AMAZONAS: DINÂMICAS FAMILIARES, GRUPO FOCAL E TERRITÓRIO EM MANAUS"

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa descritiva sobre a Comunidade Ballroom na cidade de Manaus, discutido através de dados decorrentes dos elementos da Ballroom, dinâmicas familiares das Casas de Ballroom, mapeamento de locais de treinos, encontros, formações e eventos que envolvam a comunidade e a análise de um grupo focal pela categorização dos temas que mais apareceram nas falas das pessoas que participaram, sendo lideranças, membros de casas e participantes. A Comunidade Ballroom é uma organização social que se estabelece através de casas, cujo convívio em comunidade se dá através de eventos e treinos. As famílias que são formadas, respectiva de cada Casa, desenvolvem características próprias, com valores, propostas e especificações únicas em cada território. Nota-se que no Norte do Brasil, as Casas de Ballroom adquirem e reproduzem características referentes às culturas locais, havendo assim uma forma de resistência dos povos originários através da dança vogue e cultura Ballroom.

Palavras-chave: Ballroom, comunidade, grupo focal, território.

INTRODUÇÃO

A Comunidade Ballroom é o resultado da organização política e social de grupos marginalizados em grandes centros urbanos, que rotineiramente são empurrados para as margens. A partir dessa margem, esses grupos se juntam para enfrentar a complexa rede de fluxos e forças opressivas neocoloniais. Esse fluxo de forças se manifesta concretamente através de violências que atingem corpos marcados, como os de pessoas negras, indígenas, LGBTQIAPN+, de classes populares, pessoas com deficiência, mulheres, crianças e outras realidades que experimentam lugares de vulnerabilidade social.

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, conforme a proposta etnográfica de Geertz (2008), que utiliza a observação participante. Considerando um conjunto de estratégias a partir de um grupo focal, com coleta de informações, conversas informais,

mapeamento de pontos de encontro, se descrevem as lógicas provenientes das relações sociais, processos de resistência em família e descrição densa das Casas Ballroom presentes na cidade de Manaus no ano de 2024. Assim, as discussões e descrições presentes neste trabalho são registros da história viva que se desenvolve majoritariamente em zonas periféricas na maior metrópole da Amazônia. Os dados estão descritos na ordem dos elementos da Ballroom, com a descrição das casas, o mapeamento de eventos da cena e, por fim, os dados do grupo focal.

Nesta discussão, a necessidade de conceituar famílias comunitárias e famílias biológicas teve como único objetivo realizar uma diferenciação teórica para compreender as diferentes realidades e configurações afetivas no percurso de pessoas que rotineiramente sofrem de diversos tipos de opressão.

FAMÍLIA NA COMUNIDADE BALLROOM

A Comunidade Ballroom é um espaço culturalmente rico e dinâmico que acolhe e valoriza a diversidade de identidades e expressões. Dentro desta comunidade, a noção de família não está necessariamente vinculada a laços sanguíneos, mas sim a laços afetivos e de companheirismo. As famílias Ballroom, frequentemente conhecidas como "casas", são formadas por indivíduos que compartilham experiências e oferecem apoio emocional, criando assim um ambiente de aceitação e inclusão. Essas casas são lideradas por pessoas conhecidas como "mães" ou "pais", entre outros títulos concedidos ou conquistados dentro da comunidade, e são responsáveis pelo cuidado, orientação e treino dos membros da casa. Essa estrutura familiar é permeada por confiança, compartilhamento de experiências e apoio no desenvolvimento pessoal, funcionando como uma rede de suporte para seus membros. Além disso, a existência de diferentes gerações, hierarquias e uma organização própria solidificam esses laços como famílias comunitárias. Contudo, é importante notar que tensões podem surgir, assim como em qualquer grupo social.

FAMÍLIA CONSANGUÍNEA OU FAMÍLIA BIOLÓGICA

No entanto, muitas pessoas da Comunidade Ballroom enfrentam tensões dentro de suas famílias consanguíneas devido às suas identidades, podendo ocorrer o enfraquecimento do senso de pertencimento e aceitação que buscam. Em resumo, enquanto as famílias consanguíneas originalmente são formadas por laços de sangue e transmissão genética, as

famílias da Comunidade Ballroom são construídas a partir de uma construção social e voluntária, onde se buscam laços afetivos, apoio mútuo e senso pertencimento.

Ao abordarmos o convívio de pessoas LGBTQIAPN+ com suas famílias biológicas, existe a possibilidade de lidarmos com diversos conflitos provenientes das expectativas quanto ao gênero e à sexualidade que os genitores idealizam para seus filhos. A não correspondência a essas expectativas pode resultar em uma série de violências físicas, emocionais, psicológicas, patrimoniais e outras formas de opressão, com várias consequências na vida e futuro desses filhos, que também sofrem com a possibilidade da expulsão de casa. Diante desse cenário, vê-se a necessidade de desenvolver outras relações de compreensão e entendimento da própria existência. Caso este filho encontre uma rede de apoio (na própria família biológica ou comunitária), a possibilidade de seguir com uma vida cheia de desafios sociais permanece.

Espera-se que esta discussão embase futuras leis e políticas públicas que beneficiem famílias, prevalecendo o respeito às diversas formas de configuração familiar presentes na nossa sociedade.

TERRITÓRIO E SUBJETIVIDADES AMAZÔNIDAS

Tendo em vista que a Cultura Ballroom surgiu como um movimento de resistência afro-americano que se opôs ao racismo dentro de competições e, após se difundir para vários lugares do mundo em forma de modelo comunitário de resistência, vê-se a importância da promoção de diálogos que versem sobre o contexto estudado. Tal articulação possibilita compreender também as movimentações presentes na região Norte do Brasil.

Por se tratar da região Norte do Brasil, a presente pesquisa se encontra com saberes originários de povos indígenas e quilombolas. Considerando a forte participação de pessoas negras e indígenas na cena Ballroom de Manaus, a interseccionalidade discutida na pesquisa resultará em saberes interseccionais amazônidas. Gonzaga (2022) aponta para as epistemologias eurocêntricas coloniais estudadas pela psicologia antirracista, propondo como fator de transformação desta o ingresso de jovens negros e indígenas nas universidades.

Essa pesquisa traz um debate introdutório a partir da psicologia antirracista, a fim de potencializar a concepção crítica (Nogueira, 2017), sobre o debate interseccional já contextualizado e de abordar um déficit dentro da psicologia enquanto ciência, que é a promoção de saberes desenvolvidos por e para pessoas negras. Nesse sentido, estudar a Comunidade Ballroom no contexto amazônico, discutindo os dados em sua diversidade

territorial, racial, de gênero, sexualidade, classe e cultura, contribui para as produções que se propõem a debater os conceitos de psicologia antirracista em nosso país.

Historicamente, a psicologia se desenvolveu a partir de epistemologias europeias ou norte-americanas, a exemplo da psicanálise e as teorias comportamentais. Ainda hoje, mesmo no Norte do Brasil e em todo território nacional, parece haver uma predominância de autores que continuam a colonizar profissionais e pesquisadores, desenvolvendo saberes que, por vezes, correspondem a práticas estigmatizantes ou propagadoras de violências.

Nesse contexto, é importante que, enquanto classe, nos perguntamos: como a psicologia pode desenvolver saberes antirracistas? Quais caminhos possíveis a serem trilhados por profissionais e pesquisadores no desenvolvimento de saberes emancipatórios? Quais autores, conceitos ou áreas do conhecimento podem nos auxiliar nessa caminhada?

Temos nas ciências psicológicas e em outras áreas humanas e sociais saberes críticos para pensar problemas históricos no nosso país. Esta pesquisa busca encontrar estruturas teóricas que sustentem práticas, ferramentas, análises e métodos de pesquisa condizentes com uma Psicologia Antirracista. No Norte do Brasil, essa Psicologia Antirracista deve ser abordada sob o viés crítico da interseccionalidade no debate sobre território, pois a realidade amazônica brasileira é diversa, necessitando contemplar outras interseções para desenvolver modos de fazer ciência que não resultem no apagamento ou estigmatização de pessoas ou etnias. Essa diversidade se mostra presente na comunidade Ballroom de Manaus.

Para Almeida (2018), a economia escravista no Brasil foi construída com base na exploração de povos negros e indígenas, que eram vistos como selvagens e não humanos pelos europeus. Esse processo de colonização deságua em 2023, quando as violências coloniais se reinventaram para continuar o extermínio e o cerceamento de direitos da população descendente desses povos. A respeito de pesquisas com populações negras, Batista et al. (2022) afirmam que elas são fundamentais para alcançar o pleno exercício da democracia e viabilizar estratégias de combate à desigualdade.

Quanto à cultura indígena, sob a perspectiva do respeito à diversidade, se faz importante considerar outros modos de relação e bem-viver, em que um grupo não se posicione em função do extermínio do outro (Núñez, 2022). Os povos indígenas no nosso país são muitos e diversos, com perspectivas e costumes específicos de acordo com sua etnia. O debate proposto por Núñez (2022) nos leva a pensar outras formas de relações que não sejam pautadas em saberes eurocêntricos, excludentes, individualistas ou monoculturais. Logo, compreender as relações de afeto estabelecidas na comunidade Ballroom em Manaus, a partir da realidade amazônica,

proporcionará a produção ou registro de saberes emancipatórios frente às lógicas de dominação colonialistas, que são fenômenos constituintes do tecido social brasileiro.

“Numa sociedade multirracial, racista e de hegemonia branca, o ‘a posteriori’ se produz quando o negro enfrenta peito a peito as condições concretas de opressão em que está imerso” (Souza, 2021). Analisar em profundidade as vivências da comunidade Ballroom nos permite compreender quais as condições de opressão às quais os sujeitos negros manauaras estão sujeitos. Destaca-se aqui a pluralidade de identidades dentro da comunidade Ballroom, não limitando os diálogos ao debate identitário e às violências coloniais, utilizando-se da interseccionalidade como conceito teórico e metodológico para uma compreensão crítica e aprofundada desses conceitos (Collins & Bilges, 2023; Nogueira, 2017; Crenshaw, 2002).

“Pensar uma psicologia antirracista pressupõe revisitar [...] a instância definidora de um conhecimento da subjetividade humana” (Martins, 2022. p. 72). Dito isso, esta pesquisa propõe repensar as ideias positivistas de distanciamento emocional entre pesquisador e campo a fim de, supostamente, construir conhecimentos “neutros” sobre as relações sociais de um grupo específico. Considerando que tal realidade está entranhada até as glândulas sudoríparas da autora desta pesquisa, escreve-se também a partir do lugar de membro da comunidade Ballroom de Manaus.

Historicamente, a emocionalidade é negada às pessoas negras, como uma forma histórica de dominação durante a escravização. Segundo as reflexões de hooks em “Vivendo de Amor” (2000), a escravização gerou consequências íntimas relacionadas ao emocional do povo negro: a repressão de emoções foi o mecanismo utilizado para sobrevivência em meio à violência. Saberes positivistas condizentes com lógicas europeias, distantes da realidade amazônica, não contemplam a proximidade que a pesquisa psicológica social amazônica exige. Ainda nesse sentido, destaca-se novamente a psicóloga e pesquisadora Gení Núñez, que diz “E aqui trago as perspectivas indígenas do meu povo: não é possível nos afastarmos do mundo se somos parte dele” (Núñez, 2022).

A cultura Ballroom é de origem norte-americana, porém na região Norte do Brasil, ela adquire características próprias das identidades locais. Frente ao território amazônico (indígena, quilombola, ribeirinho, caboclo) e a uma cena artística das periferias de Manaus protagonizada por pessoas majoritariamente LGBTQIAPN+, esta pesquisa psicossocial, em alguns momentos, rompe com saberes hegemônicos dentro da ciência, a fim de contribuir com saberes antirracistas. Esses saberes são construídos a partir da afetividade decorrente de relações emocionais fortes, que, antes de qualquer coisa, contribuem efetivamente para a

sobrevivência de grupos socialmente minorizados em seus direitos, subvertendo a lógica de exclusão social e reintegrando-se em grupos sociais a partir de comunidades como a Ballroom.

Viver em sociedade é uma necessidade afetiva que é negada a certos grupos minorizados. Protagonizar as narrativas que aqui serão descritas, é por si só, um ato de resistência, pois as vivências desta comunidade serão redigidas também por uma integrante desta, subvertendo assim a retórica de contar a história de um povo pela perspectiva do colonizador. “Cada grupo minorizado deve ter sua autonomia coletiva respeitada quando se trata dos seus meios de nomeação, reconhecimento e identificação” (Núñez, 2022). A comunidade Ballroom, nesse sentido, é um espaço possível de auto nomeação, reconstrução e transformação social.

Para promover um debate crítico sobre os saberes científicos hegemônicos e sociedade, utilizar-se-á predominantemente a epistemologia decolonial. Martins (2022) aponta que a contribuição de saberes decoloniais é a possibilidade de desconstrução do conhecimento estabelecido por lógicas europeias e capitalistas, que produzem sujeitos colonizados sem história e sem direitos. Logo, o registro da história da comunidade Ballroom e o debate psicossocial proposto por esta pesquisa têm a potência de subverter o lugar de colonizado/subalterno/dominado, a partir do momento em que compreende o percurso e os fenômenos sociais presentes nesse contexto. Ademais, o fato de a autora desta pesquisa ser integrante ativa dessa comunidade reforça a narrativa de protagonismo ao registrar a história da comunidade Ballroom pela perspectiva de participante, e não somente do lugar de pesquisadora.

Essa proximidade com o campo possibilita a produção de saberes com riqueza na descrição de sentimentos, emoções, perspectivas intrapsíquicas que atravessam o lugar de pesquisadora, participante e sujeito. Núñez (2022) pontua que a academia é aliada histórica da colonialidade, no sentido de construir epistemologias europeias que não dialogam com as nossas realidades. Assim, vê-se a importância da forte presença de feministas e intelectuais negros, autores indígenas e da região Norte, pesquisadores LGBTQIAPN+ ou aliados da causa, para que a composição teórico-metodológica converse de forma próxima com a realidade estudada.

Outra ideologia componente da realidade social brasileira é a da branquitude, estabelecida de forma histórica, social e política no nosso país. Logo, compreende-se os saberes desenvolvidos por Bento (2022) no que tange ao conceito de branquitude e à forma como essa ideologia estrutura nossa subjetividade de forma estética, intelectual e relacional. Ainda nesse sentido, Missiatto (2021) destaca que a brancura enquanto norma sufoca a pluralidade e soterra

o Outro. Essa forma de relação presente no corpo social resulta na violência e discriminação sistemáticas de pessoas que não se encaixam nos estereótipos estabelecidos durante o processo de formação histórica do país, exterminando culturas, saberes, rituais e tradições de povos originários.

Missiatto (2021) acrescenta ainda que as lógicas etnocêntricas europeias, ao enunciar a branquidade a partir do colonialismo, utilizam o racismo como tecnologia para categorizar e excluir pessoas negras, resguardando assim seus privilégios e espaços de poder. A partir dessa perspectiva, vê-se a comunidade Ballroom como tecnologia de território, desenvolvida por e para pessoas trans e negras. As características culturais da região, a partir do local em que se estabelece, tendem a compor também os caminhos que a Ballroom percorre enquanto comunidade, tecnologia ancestral e movimento social, considerando sua organização coletiva, desenvolvimento de ferramentas e rituais que subsidiam sua coexistência e exercício da cidadania e acesso a direitos dentro de uma sociedade construída com base em violências coloniais.

Portanto, acredita-se que só é possível produzir uma discussão decolonial e interseccional na medida em que aspectos da territorialidade são contemplados, especialmente ao falar de um contexto regional como o Norte do Brasil, que é marcado por diferentes estruturas de desigualdade socioespacial. Essas estruturas envolvem a forma como a zona urbana se estabelece para formar guetos, dificultar o acesso a espaços de produção cultural, fomentar o financiamento por políticas públicas e até a destruição de rios e florestas, o que consequentemente afeta a qualidade de vida de diversas pessoas, em especial a dos povos originários e daqueles com poucos recursos para a manutenção da vida. Pensar a complexidade territorial frente à questão racial remete à necessidade de aprofundar o conceito de interseccionalidade para pensar a realidade amazônica.

Segundo Crenshaw (2002), as formas que o gênero se intersecta com uma gama de outras identidades contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres. Essas intersecções, nomeadas primeiramente por Crenshaw, permitem compreender de que forma as lógicas de poder coloniais se organizam de forma complexa a fim de manter no lugar de subalterno, o sujeito colonizado. “Interseccionalidade é a compreensão de que as estruturas de poder são afluentes do mesmo rio, retroalimentam-se com as águas oriundas da nascente, a colonialidade” (Gonzaga, 2022. p. 166). Compreender os processos estruturais de opressão construídos com sangue negro e indígena na história desse país é parte do processo de compreensão crítica epistemológica de revisitar os saberes construídos pela dominação colonial.

Para Akotirene (2019), o termo "interseccionalidade" de Kimberlé Crenshaw aponta a interação simultânea de avenidas identitárias para compreender as violências colonialistas que oprimem corpos marginalizados. Tais conhecimentos são desenvolvidos pelos movimentos feministas negros e são importantes para o estudo da cena Ballroom em Manaus, que enfrenta formas tradicionais de opressão e lida com a invisibilização de grupos historicamente discriminados. Como apontado por Akotirene (2019), é fundamental destacar as expressões culturais presentes na comunidade Ballroom. A partir das encruzilhadas/avenidas identitárias, podemos compreender as lógicas de dominação sobre corpos marginalizados e combatê-las. Outras feministas negras ao redor do mundo já debatiam questões relativas à interseccionalidade antes da sistematização do termo, como a brasileira Lélia Gonzalez (2020), na obra “Por Um Feminismo Afrolatino Americano”, que aponta para o racismo e sexismo como um duplo fenômeno a partir do lugar em que nos situamos.

“A interseccionalidade considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são interrelacionadas e moldam-se mutuamente” (Collins & Bilge, 2023. p. 16). É importante pontuar que tais categorias não são suficientes para explicar a totalidade complexa inerente ao tecido social, considerando que ele se constitui a partir de diversas linhas lógicas de poder. No entanto, a compreensão interligada entre as identidades que são possíveis de descrever nos permite acrescentar outras perspectivas, como a da comunidade Ballroom manauara, aos debates decoloniais. Logo, propõe-se acrescentar as categorias de análises interseccionais às especificidades de território na realidade Norte do Brasil, sendo esses elementos relativos às culturas amazônicas.

Collins e Bilge (2023) apontam para a importância do contexto nas análises interseccionais, considerando que é a partir dele que se compreende as diferentes formas de opressão em uma realidade social. Visando discutir de forma crítica essa realidade complexa, serão utilizadas epistemologias decoloniais e de outras áreas, contemplando negritude, povos indígenas, quilombolas, questões relativas a gênero, sexualidade, classe, saúde mental e atravessamentos relativos ao poder, violências, subversão e as capacidades de corpos se adaptar e transformar frente condições tão adversas.

Akotirene (2019) nos fala que o termo interseccionalidade demarca um paradigma teórico-metodológico do feminismo negro sobre as condições estruturais do racismo, sexismo e violências correlatas. A compreensão das lógicas estruturantes de violências coloniais sobre grupos marginalizados aponta para saídas possíveis para a subversão dessas artimanhas de exclusão. Tais reflexões possibilitaram uma análise complexa sobre essas relações de poder na

nossa sociedade, resultando em formas sistemáticas de subverter o sistema, tal como ele oprime grupos minoritários.

Nesse sentido, como enfatiza Nogueira (2017), a interseccionalidade não se limita à identificação de múltiplos fatores de opressão; também implica uma reflexão sobre as estruturas sociais perpetuadoras dessas desigualdades. Na realidade brasileira, essas estruturas se apresentam no dia a dia como violências, preconceitos, discriminações e a exclusão sistemática de corpos minorizados de direitos.

Violências raciais, de gênero ou de classe são formas de opressão colonial compreendidas neste estudo como fenômenos sociais. Tais fenômenos são debatidos pelo teórico Michel Foucault pelos conceitos de poder e resistência.

Foucault (2020) argumenta que o poder é exercido de forma difusa e sutil, afetando todos os aspectos da vida social, e mostra que a resistência é uma parte integrante do exercício dessa lógica, podendo ser uma forma eficaz de desafiar e transformar as relações estabelecidas. Para o autor, o poder não é apenas exercido externamente por alguns indivíduos sobre outros, mas também envolve práticas pelas quais os indivíduos são incitados a governar a si mesmos. A existência desse movimento artístico, social e político sugere uma articulação em rede que subverte as violências estruturais estabelecidas na realidade social brasileira.

Segundo Foucault (2021, 2014), as relações de poder produzem efeitos negativos na subjetividade humana, com mecanismos de opressão historicamente construídos que reproduzem relações de poder e desigualdades sociais. Esses mecanismos contribuem para a invisibilização de grupos socialmente marginalizados, como os povos originários. É nesse contexto que a cena Ballroom em Manaus assume um papel na valorização e na ampliação de vozes amazônidas negras e indígenas, em sua maioria LGBTQIAPN+, com destaque para as trans identidades.

A realidade se apresenta de maneira cruel no nosso país quando se trata de violências aplicadas a gênero, sexualidade e cor, pois, ao passo que a comunidade LGBTQIAP+ consegue ocupar novos espaços na sociedade, as violências sofridas por esses grupos só aumentam, como evidenciado nas estatísticas de assassinato de pessoas transgênero, segundo o Dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais – ANTRA (Benevides, 2022). Segundo esse levantamento, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de assassinatos de pessoas transgêneros no mundo, sendo que, no período entre 1 de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021, foram registradas 125 mortes.

É importante refletir o ser humano como um ser múltiplo e complexo, a fim de gerar compreensão mais ampla quanto à diversidade dos modos de ser e viver dos indivíduos no

mundo, sem desconsiderar a construção histórico-cultural e o desenvolvimento da sociedade como ela se apresenta na atualidade, e como isso nos afeta hoje. Neste processo, pretende-se dar ênfase às vivências amazônida, cuja realidade ainda é muito marginalizada e invisibilizada.

Compreende-se a Ballroom como um espaço no qual corpos dissidentes se reúnem para celebrar as diferenças, sobrevivendo a uma sociedade guiada por lógicas de dominação advindas também do colonialismo. Butler (2021) critica a violência de Estado e a violência colonial, propondo a defesa de princípios éticos que exigem a reivindicação de valores de igualdade e justiça universalizáveis, e ressalta a ausência dessa justiça para populações marginalizadas.

Segundo Akotirene (2019), o maior artifício da colonialidade eurocêntrica é reduzir o sujeito ao corpo ocupado por ele, sem considerar as intersecções daquela realidade, na ânsia de diagnosticar o problema como negro, lésbica, gênero ou latino-americano. Assim sendo, é possível afirmar que as práticas coloniais constituintes da cervical do corpo social reverberam até hoje nas subjetividades, nas relações, nas instituições e, por fim, nas estatísticas.

Nesse sentido, Gomes et al. (2022) apontam alguns fatores sociais que colaboram para os altos índices de suicídio entre a população trans, a saber: preconceito, discriminação e pouca aceitação familiar. Os autores acrescentam também que existe a necessidade de pesquisas com enfoque nas particularidades dessa população. Conhecer a cena Ballroom e desenvolver pesquisas sobre as formas particulares das relações no meio social vai ao encontro dos interesses de pensar novas formas de enfrentar o adoecimento dessa parcela da sociedade.

De acordo com Raabe (2020), a cultura Ballroom foi criada como uma maneira de proporcionar um espaço para essas pessoas expressarem sua arte e identidades, competindo em categorias que celebravam a moda, o estilo, a dança e a performance, o que colabora para a promoção da autoestima e autoafirmação, auxiliando, conseqüentemente, na saúde mental dos membros, por poderem expressar-se livremente. Logo, a importância de se estudar a cultura Ballroom em Manaus pode contribuir ainda no debate crítico sobre as formas de promover saúde mental, especialmente para pessoas trans, rotineiramente vítimas de violências neste país. Também se salienta que as noções binárias e outras dicotomias podem ser lidas como herança de uma lógica colonial, eurocêntrica, cristã, considerando que outras culturas, como a própria identidade travesti surgida no Brasil, embora esteja no espectro da feminilidade, foge de uma lógica impositiva e tradicionalista.

Para Jesus e Alves (2010), o ativismo social, cada vez mais frequente entre homens e mulheres transexuais e travestis, praticado de forma mais ou menos intuitiva, tem aumentado a consciência política da própria população transgênero. Isso se relaciona ao fato de que as

peessoas passam a se perceber e são percebidas como integrantes de um grupo social antes invisível, partilhando crenças e sentimentos com outros indivíduos trans, e começam a se comprometer subjetivamente com o grupo (Jesus & Alves, 2010). É nesse sentido também que a comunidade Ballroom se mostra potente, pois, em Manaus nota-se o diálogo sobre diferentes temáticas, seja em balls ou treinos, como as violências de gênero envolvendo pessoas travestis e não-binárias, debates sobre negritude e povos indígenas, corporeidade de pessoas gordas, questões geográficas envolvendo os espaços da cidade e locais dos eventos. Mais recentemente, a *Kiki House of Marevick* realizou em dezembro de 2023, no Didikas Fest, o Baile Vermelho 2, aliado à campanha “Dezembro Vermelho”, em alusão à mobilização nacional de luta contra o vírus do HIV, AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis.

Através desses diálogos, a noção de pertencimento à comunidade se intensifica, pois a estigmatização de pessoas pela pouca frequência de diálogos a respeito das temáticas citadas resulta na discriminação sistemática de pessoas marginalizadas. Ao passo que os encontros dentro da comunidade promovem esses diálogos e criam espaços de resistência, nomeação, estratégias de enfrentamento e reconhecimento da existência individual de cada pessoa, a Ballroom novamente se manifesta enquanto um movimento político, de origem histórica e ancestral, que resulta em ações sociais concretas de subversão das violências estruturais incididas sobre corpos negros, indígenas, LGBTQIAPN+, da classe trabalhadora, mulheridade e demais grupos que residem no Norte do Brasil.

DO PERCURSO ETNOGRÁFICO AO GRUPO FOCAL – CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo foi realizada na Comunidade Ballroom na cidade de Manaus, a partir de uma etnografia com diário de campo e conversas informais e um grupo focal que foi realizado com a presença de lideranças comunitárias da cena. A partir dessas atividades foi elaborado o mapeamento das casas que contribuem para a história local deste contexto amazônico. A etnografia proposta por Geertz (2008) utiliza da descrição densa para o registro de dados dinâmicos no campo de pesquisa, mapeando informações e cruzamentos das lógicas de funcionamento comunitário, das relações sociais e familiares. Assim, foram descritos elementos performáticos do estilo de dança vogue, nomeados aqui como Elementos da Ballroom, com a descrição de 6 casas manauaras de Ballroom e da citação de casas que já passaram pela cena local. Esses registros são continuados pelo mapeamento de locais de treino, encontros e eventos, até chegar à discussão que elenca as falas dos participantes, com a

discussão teórica organizada, durante as pesquisas, para compreender o funcionamento da dinâmica desta comunidade. Este estudo traz as especificidades da comunidade local, ao diferenciar a Cena Ballroom em Manaus de outras cenas no país. Essa diferenciação será fortalecida pela perspectiva de líderes dessa cena, a partir de um grupo focal realizado em duas etapas: uma fase de grupo piloto composta por 4 participantes, que serviu como uma fase mais exploratória para avaliação da metodologia de coleta e acolhimento dos participantes, e um segundo grupo, com a metodologia delineada, composto por um número maior de pessoas e uma quantidade representativa de lideranças das casas manauaras.

A compreensão dessa dinâmica leva em consideração a intersecção de território, desenvolvida neste cenário através do mapeamento de casas, treinos e eventos, para a complexificação da região Amazônica, refletindo a influência que este lugar exerce na subjetividade de pessoas marginalizadas pelas lógicas da colonialidade. Por fim, através desses caminhos, poderemos destacar as influências políticas que a Comunidade Ballroom em Manaus exerce na subjetividade de jovens majoritariamente negros, indígenas, periféricos e LGBTQIAPN+ na cidade de Manaus, vislumbrando, a partir desses dados, saídas possíveis para as violências estruturais que assolam o Brasil.

As experiências vivenciadas em grupo, conforme as ideias da antropóloga Peirano (2014), valorizam a compreensão da cultura a partir da perspectiva de seus participantes, ou seja, de dentro. Nesse sentido, Magnani (2002) vai ao encontro dessas ideias ao propor uma etnografia “de dentro e de perto”. Esta pesquisa compreende que os saberes e a organização social partem de dentro da comunidade para lidar com o contexto social mais amplo e, através dessas formas de enfrentamento às estruturas de opressão social, poderemos pensar em saberes antirracistas contextualizados na realidade amazônica. Esses saberes contextualizado, segundo Conceição Nogueira (2017), partem de uma Psicologia Crítica que leva em consideração o contexto em que se é elaborado um conhecimento, através de discussões e análises sensíveis pelo conceito teórico-metodológico da interseccionalidade frente às categorias de raça, gênero, sexualidade e classes populares. Este conceito vem dos conhecimentos epistemológicos correspondentes ao feminismo negro.

Ainda no sentido dos afetos vivenciados, a presente proposta de pesquisa considerará as orientações etnográficas de Favret-Saada (2023), que sinaliza para a importância de ser afetado a partir das vivências experienciadas em campo. Neste sentido, não só os afetos da primeira pesquisadora, mas do grupo serão registrados como memória-viva de vivências que precisam lidar com as estruturas sociais, pois a escrita localizada pode desvelar a realidade social e comunitária. Segundo Bispo (2023), o conceito metodológico denominado

escrevivência foi cunhado por Conceição Evaristo, que propõe uma escrita acadêmica mesclada com sua experiência, conectando-se com as vivências e memórias de nosso povo. O autor fala sobre o aprofundamento nas discussões psicanalíticas envolvendo raça e gênero através da escrevivência, pois estas memórias remetem a uma coletividade. Considerando a diversidade de pessoas de gênero e sexualidades não hegemônicas na Comunidade Ballroom, bem como a necessidade de discussões raciais contextualizadas no Norte do Brasil, propôs-se a escrevivência como uma ferramenta que auxiliou no registro e na compreensão dos fenômenos sociais vivenciados na comunidade Ballroom de Manaus. A partir da obra de Evaristo (2003), a descrição literária sobre histórias de mulheres negras possibilita a compreensão da vivência de dentro dos contextos. A escrevivência, ainda segundo a autora na mesma obra, nasce de espaços explosivos de criatividade, que nasce de dentro, entre os acontecimentos e fatos narrados. Assim, essa possibilidade de registros sobre as experiências que permeiam a comunidade Ballroom de Manaus se manifesta como um caminho potente para indagações das forças sociais que compõem a nossa realidade amazônica urbana.

GRUPO FOCAL

O presente grupo focal foi realizado durante um treino da comunidade local em junho de 2024, mediado pela Casa Jabutt, cuja mãe também é a primeira autora desta pesquisa. O evento ocorreu no espaço cultural Curupira Mãe do Mato, com a presença de lideranças da cena manauara, com aproximadamente 20 membros da comunidade. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participar do grupo focal.

O local Curupira Mãe do Mato, localizado no centro histórico de Manaus/AM, situa-se na encruzilhada da Avenida Sete de Setembro com a Rua Jonathas Pedrosa. Essas ruas se interligam por marcar histórias da população manauara, comportando diversos bares, lojas e locais de encontro. A arte é viva e presente no ambiente interno, com tons de vermelho e marrom, além de várias ilustrações, grafites e artes de diversos artistas da cena manauara. Esses estilos únicos transparecem nas suas cores as diversas realidades e formas de se (re)existir da população manauara. Luzes de festa, como fios de LED vermelho pendurados no teto e um globo espelhado, iluminam e refletem o verde das plantas presentes no ambiente, tanto no chão, onde cada uma está no seu pequeno mundo que chamamos de vaso, quanto nas paredes empilhadas, uma em cima da outra em movimento. O curupira é um local semiaberto, com um teto que protege as pessoas do sol manauara, conhecido por “queimar” a pele e deixar uma

marca corporal inesquecível de saber como é estar sob o nosso sol. Esse telhado não só protege do sol, mas também salva os visitantes das chuvas enviadas pela floresta amazônica, que aparecem quando querem, sem tomar o protagonismo do sol e seu mormaço. A parte aberta da mãe do mato está na parte de encontro às ruas, um pequeno muro sustenta uma varanda grossa de madeira cujos espaços são preenchidos com pneus coloridos. Esses pneus, de forma estática, sustentam as folhas dos arbustos localizados do lado de fora do ambiente. Árvores onipresentes, tanto na rua quanto dentro do Curupira, enfeitam as grades com seus galhos e folhas, trazendo novas superfícies refletidas pelas luzes de festa e olhares festivos do ambiente. O curupira possui uma área externa e outra interna (a casa). A área externa é bastante grande, em formato de L, esta abriga 4 cômodos: uma sala, 2 banheiros e um bar para as pessoas pedirem seus drinks e bebidas. Dentro da casa é tão lindo quanto fora, sua decoração é assinada por outros artistas de Manaus e possui móveis reciclados, como tonéis que se tornam mesas, pneus usados como apoio das pernas e por aí vai. O espaço externo é onde acontecem os eventos, com mesas e cadeiras postas para serem testemunhas das tardes e noites manauaras. No canto da parede, há um palco de madeira com, no mínimo, 3 metros de largura e uns 50 centímetros de altura. No dia do grupo focal, o palco sustentou o DJ e seus equipamentos, como mesa, computador e caixa de som, essenciais para o treino da Ballroom acontecer, através da música. À frente do palco, foi posto no chão um linóleo, um piso maleável e impermeável costumeiramente usado para dança, evitando o contato direto dos dançarinos com o impacto do chão. O linóleo, usado tinha estampa xadrez, a qual a Comunidade Ballroom de Manaus uniu-se para ser um material compartilhado, usado nas noites de Ballroom e nos treinos.

ORGANIZAÇÃO, LEVANTAMENTO E ANÁLISE ETNOGRÁFICA

Para estruturar os registros e descrições, foram realizados escritos em diários de campo, bem como a observação participante e descrição densa conforme Geertz (2008), compondo o cenário com registros diversos, que possibilitaram uma análise de diversos aspectos, com as categorias de gênero, raça, classe e território. A escrevivência, conforme Evaristo (2003), é uma narração histórica que remete a uma coletividade presente como um conceito teórico-metodológico, que foi utilizado nesta pesquisa como orientação para a escrita acadêmica e como instrumento de pesquisa. Assim, a escrita neste trabalho está ligada a uma realidade compartilhada em comunidade, em arte e em espírito.

De acordo com Fraveet-Saada (2005), a análise reflexiva é fundamental para capturar a riqueza e a complexidade do campo de estudo. A reflexividade e a subjetividade do

pesquisador desempenham um papel relevante na prática etnográfica, moldando a interpretação e a construção do conhecimento antropológico. A análise reflexiva permite que o pesquisador examine suas próprias influências e perspectivas, bem como as dinâmicas de poder e as interações sociais que afetam a pesquisa. Nesse sentido, a abordagem proposta possibilitou uma discussão de nuances sobre a realidade vivenciada na Comunidade Ballroom de Manaus, para a construção de um material contextualizado a partir das dinâmicas sociais existentes, analisando como as dinâmicas pessoais e as influências externas moldam a interpretação das narrativas etnográficas.

A reflexividade desempenhou um papel importante na análise etnográfica, permitindo à pesquisadora refletir sobre sua posição e identidade, o que influenciou diretamente as interações e interpretações dos dados coletados. Ao utilizar a reflexividade, a pesquisadora compreendeu como suas crenças e experiências pessoais auxiliaram na compreensão das narrativas dos participantes. De acordo com Fravet-Saada (2005) e Abu-Lughod (2008), a reflexividade facilita a colaboração entre pesquisadora e participantes, criando um espaço mais participativo e integrador. Esse processo contribuiu para uma análise mais rica das subjetividades e práticas sociais observadas no campo, levando em conta as dinâmicas de poder e as relações estabelecidas.

A análise do material coletado durante a etnografia foi realizada por meio das seguintes etapas: Primeiramente, a pesquisadora identificou sua posição no campo e refletiu sobre como suas experiências e identidade influenciaram o seu olhar, com um exercício constante de desnaturalizar ora como alguém de dentro, ora como alguém de fora, como pesquisadora. Em seguida, analisou o discurso dos participantes, a partir de uma perspectiva foucaultiana, com atenção às expressões e às relações de poder que emergiram (Passos, 2019). Importa ressaltar que durante todo o percurso etnográfico, durante todas as conversas foi realizado um levantamento de informações sobre as casas para realização do mapeamento delas (endereço, nomes das casas, idealizadores e lógica de funcionamento). Tal experiência foi usada para interpretar de forma as dinâmicas observadas, considerando as práticas culturais da cena e as relações que se estabeleciam no contexto amazônico.

A (tabela 1) que se segue é auto descritiva e introduz a discussão dos resultados das dinâmicas da realidade encontrada no campo. Nela, constam o nome artístico das participantes. Esta apresentação é necessária, pois contextualiza a importância dessas pessoas para este estudo e para a cena local. Além disso, constam as descrições das casas Ballroom de Manaus com mapa, cena Ballroom manauara e características locais. Em seguida se apresentam três categorias encontradas a partir dos resultados do grupo focal: (1) cena Ballroom manauara e

características locais, (2) narrativas pessoais e o impacto na vida dos membros, e (3) iniciativas e o futuro da cena Ballroom em Manaus.

AS PESSOAS DA CENA BALLROOM EM MANAUS

Tabela 1 – Apresentação das participantes, incluindo o nome artístico, uma minibiografia (descrição) e Casa à qual pertencem.

Nº	Nome	Descrição	Pertencimento
1	Aritana Tibira Shaolin	Drag escritora, graduada em Letras - Língua e Literatura Portuguesa e mestranda em Letras - Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pertence a Comunidade há 3 anos em média. Se identifica como uma pessoa queer afroindígena, também conhecido como Maicol Barbosa. 27 anos.	Imperatriz da <i>Kiki House of Shaolin</i>
2	Teresa Manicongo Jabutt	Travesti, Indígena em retomada do Povo Purí, nascida no interior de Minas Gerais, pertence à Comunidade há 1 ano e faz parte da Casa Jabutt há 6 meses. 23 anos.	Filha da <i>Kiki House of Jabutt</i>
3	Dani Maresia Jabutt	Dois-espíritos, travesti, indígena em retomada do Povo Sateré Mawé, liderança da Comunidade pela Casa Jabutt, ilustradora, pertence a Comunidade há 2 anos e é Princesa há 8 meses do Casco Jabutt. 22 anos.	Princesa da <i>Kiki House of Jabutt</i>
4	Lord do Caos 007	Não-binarie, pertence a Comunidade local desde 2019, trabalha com design e ocupa o lugar de 007 na Cena, auxiliando com trabalhos e produções digitais nos eventos. 26 anos.	007 - Comunidade Ballroom de Manaus
5	Adão 007	Homem trans, começou a caminhar recentemente nos eventos da Cena local e ocupa o lugar de 007 na Comunidade. 21 anos.	007 - Comunidade Ballroom de Manaus

6	Yamilla Manicongo Maverick	Multiartista, empreendedora pela Maní Biojóia, pertence à Casa Maverick há 6 meses e a Comunidade em torno de 1 ano. 24 anos.	Filha da <i>Kiki House of Maverick</i>
7	Viqui Jabutt	Mulher afroindígena do Povo Pankararu, filha da Casa Jabutt há 11 meses, estudante de psicologia na Universidade Federal do Amazonas, pesquisadora e liderança no Projeto Enegrecendo a UFAM, que é voltado a educação de jovens negros em relação as políticas de cotas raciais. 21 anos.	Filha da <i>Kiki House of Jabutt</i>
8	Surucucu Jabutt	Filho da Casa Jabutt há 6 meses, pertence à Comunidade há aproximadamente há 9 meses, trabalha com produção de roupas e looks. 19 anos.	Filha da <i>Kiki House of Jabutt</i>
9	Perspica Shaolin	Mãe da Casa Shaolin, estudante de Artes Visuais na Universidade Federal do Amazonas, pertence a Comunidade há aproximadamente 4 anos e meio, trabalha com performance, artes plásticas e tecido acrobático. 25 anos.	<i>Mother da Kiki House of Shaolin</i>
10	Simas Zion Maverick	Precursora da Comunidade Ballroom em Manaus, mãe da Casa Maverick, Simas Zion é uma das figuras mais importantes para a Cena local e possui profundo conhecimento sobre categorias, estilos, regras e rituais da Cultura Ballroom. 28 anos.	<i>Mother da Kiki House of Maverick - Pioneira da Cena Ballroom de Manaus</i>
11	Dally Maverick	Pessoa Não-binária e Princesa da Casa Maverick, Dally é conhecida pelo seu talento em performance de diversos estilos e categorias, como <i>vogue femme, soft and cunt, posing</i> e <i>runway</i> . Pertence a Comunidade em média 3 anos e meio, Princesa há 2 anos. 23 anos de idade.	Princesa da <i>Kiki House of Maverick</i>
12	Harmonya Dórémi Myers Yamanaka Jabutt	Dois-espíritos, negra e em retomada indígena. drag <i>queen</i> , psicóloga. Também conhecida como Caní Jakson, autora da presente pesquisa. 26 anos de idade.	<i>Mother da Kiki House of Jabutt</i>

CASAS BALLROOM DE MANAUS

A seguir, serão descritas informações sobre as casas Ballroom na comunidade de Manaus, suas respectivas lideranças e membros da comunidade que exerçam papéis de destaque, movimentações dos grupos, promoção e organização de eventos, com o objetivo de observar o panorama geral do sistema de casas e famílias neste contexto específico.

A *Kiki House of Maverick* é uma casa manauara, fundada em 2022 por Simas Zion Maverick, atual *mother* da Casa, com destaque para o *Imperador* e co-fundador Blue Maverick, uma das referências no pioneirismo da cena local, especialmente no estilo Old Way, e a *Princesa* e co-fundadora Dally Maverick, conhecida por sua alta performance em Vogue Femme. A estética da Casa parte de uma rosa vermelha, com variações de entre dourado, preto, vermelho e azul. A simbologia do nome remete a um modelo de carro com alto custo monetário, remetendo ao luxo que a casa emprega nas performances. É uma característica tradicional das casas mainstream nomearem suas famílias com títulos de marcas luxuosas em perfumaria, moda ou veículos caros, como as casas tradicionais/mainstream: *Gucci*, *Prada*, *Balenciaga* e *Balmain*, evocando a opulência e extravagância performados nos bailes da comunidade.

Mother Simas, uma das pioneiras da cena manauara, fala frequentemente em treinos e eventos sobre a importância de brincarmos e nos divertirmos em nossos encontros. Pensando no sentido simbólico do brincar e na filosofia que permeia a Ballroom, este espaço também permite que nossos corpos experimentem os acessos materiais que nos são negados na sociedade dominante, devido um processo histórico de violência que nos impedem de experimentar marcas caras de perfume ou roupas. Assim, essa lógica de vivenciar o luxo e elegância através das categorias de moda dentro dos bailes não se propõe a subverter a lógica capitalista de consumo em si, mas sim a subverter os acessos que o modelo de economia capitalista nos impede de experienciar. Nos bailes, somos ricas, poderosas e usamos “*look de milhões*”.

A Casa possui atualmente em torno de seis membros, com a mother como pioneira da cena de Manaus. As lideranças desempenham papéis significativos para a história e continuidade da comunidade, desenvolvendo atividades artísticas e de artesanato local. Durante encontros e treinos, a Casa reitera a importância do estudo das técnicas clássicas de *vogue*, a busca de referências em outras cenas do país e na cena global/mainstream, baseando-se nas performances das lideranças para guiar eventos e outras atividades, sem perder a originalidade de cada pessoa.

Outra característica presente na casa, tradicional e uma das principais lutas da comunidade, é o debate sobre prevenção e informações sobre o vírus HIV, assim como outras infecções sexualmente transmissíveis. Um exemplo disso é o Treino + Roda de Conversa da Kiki House of Maverick sobre o Dezembro Vermelho. A roda de conversa abordou a luta contra a AIDS, conscientização e prevenção no uso de preservativos, PrEP e PEP, diagnóstico e tratamento, mediado por um profissional especialista da Fundação de Medicina Tropical. O treino também foi um preparativo para a 2ª Edição do Baile Vermelho, evento promovido pela casa para abordar as temáticas já citadas.

A Kiki Casa *Jabutt*, ou Casco de Jabutt, foi fundada no dia 1º de setembro de 2023, na Universidade Federal do Amazonas, no *hall* Faculdade de Educação, promovendo o Baile dos Insetos. Este evento marcou a estreia ou *debutt* da casa em parceria com o Coletivo Manifesta/AM. Compõem o Casco a Mãe da casa e também autora desta pesquisa, Harmonya Dórêmi Myers Yamanaka Jabutt, com destaque para a *Princesa* Maresia Jabutt, e os filhos Abner, Viqui, Angel, Suru, Nalud, Teresa, Cristatus, Bear Gusta, Perséfone e May Jabutt. A estética da casa predomina nas cores preto e verde, e os simbolismos referem-se à cultura amazônica, valorizando os animais da região e a velocidade com que o jabuti caminha. Isso se refere de forma metafórica à paciência que devemos durante a caminhada que é a vida e à resistência do casco como nossa maior defesa. A Casa destaca ainda a importância das culturas indígenas, africanas e a presença de pessoas dois-espíritos no mundo, sendo uma expressão ou identidade que remete a um lugar de não-binariedade, mas da perspectiva dos povos originários. Essas expressões e identidades já existiam antes da colonização europeia, e esse resgate é um movimento de retomada. A expressão dois-espíritos remete a energias masculinas e femininas existentes na subjetividade de uma pessoa, cujo corpo, possuindo órgãos genitais, não define de nenhuma forma a expressão de gênero que alguém possa ter. Essa identificação, oriunda dos povos originários, observada em povos nativos da América do Norte, América do Sul e alguns povos no continente africano, vai ao encontro da relação de respeito e harmonia que os povos indígenas e afro-brasileiros desenvolvem com a natureza, especialmente dentro de seus territórios, terreiros, quilombos, aldeias e reservas, além do contexto urbano em seus processos de retomada.

A relação com animais dos povos indígenas varia de acordo com a cultura de cada povo, compreendendo seres, elementos ou fenômenos da natureza como seus encantados, seus totens, seus ancestrais e protetores. A pluralidade e especificidade de cada etnia presente na comunidade Ballroom de Manaus necessita de aprofundamento na escuta para expressar minimamente, de forma coesa e coerente, o que cada expressão, traço, acessório e passos

significam. Destacamos alguns povos que tivemos a honra de receber em nossos encontros pela comunidade Ballroom de Manaus: Mura, Sateré Mawé, Tikuna, Tukano, Dessana, Munduruku, Tupinambá, Baré, entre outros muitos parentes. A Casa possui atualmente onze membros, que são pessoas indígenas, negras e de dois-espíritos, em geral. A primeira mãe indígena de uma casa da cena manauara foi Mapinguari Mura, da Kiki House of Matagal.

A Kiki Casa *Yandê Yanê*, ou Ninho *Yandê Yanê*, iniciou com a proposta de descolonizar nomes e expressões estrangeiras, por considerar que nomes em inglês geram resistências ou dificuldades para algumas pessoas. Fundada em 2021, valoriza a cultura local, sendo o nome de origem indígena do tupi guarani, tendo o significado próximo de “nós somos” e alta presença de pessoas trans nas mais diversas identificações. A casa foi fundada pela mãe Gibona Monamour *Yandê Yanê* e é também liderada pela mãe Daniê *Yandê Yanê*. As cores predominantes na Casa são o amarelo, marrom, roxo e preto, e a casa conta atualmente com aproximadamente sete integrantes. Outra simbologia presente na Casa é o ninho. A expressão do ninho, segundo Mãe Gibona, refere-se ao acolhimento para seus bebês passarinhos, para que juntas possam aprender como funciona o mundo e a si mesmos, aprendam a voar em segurança e tenham um lugar para voltar sempre que sentirem vontade.

As violências que atravessam os corpos das pessoas que vivem na comunidade Ballroom dificultam acessos, limitam, restringem ou ignoram direitos, e como isso pode refletir nos nossos comportamentos, escolhas e oportunidades. O ninho é também um lugar para aprender a voar, no sentido de aprender a sobreviver na sociedade atual, pensar nos perigos que podem nos “predar” e como voar sem que nos derrubem, nos acertem ou nos impeçam de cantar. Assim, integrantes da casa trabalham com atividades diversas, desde a Mãe Daniê, que é referência em colorimetria em cachos na região do Amazonas e Norte do Brasil, assim como Bala e Sthefh, que trabalham com venda de comidas e lanches diversos, com opções veganas e ingredientes regionais característicos, como a banana e o tucumã, nomeado de “Larika Trans”, além de produção musical e organização de eventos. A Casa também se destaca pela grande presença de pessoas trans, cuja mensagem e luta pela comunidade trans são constantemente destacadas por esta house. Vale ressaltar ainda que Bala e Sthefh são um casal trans centrado.

A Kiki House of Shaolin é uma casa manauara com fortes influências orientais, inspirada pela *House of Ninja* desenvolvendo sua casa também com referências asiáticas. Fundada pelo *father* Nano Shaolin em 2021 e Mother Perspica Shaolin, é atualmente a casa com maior número de integrantes, com 10 membros. Utiliza vermelho, amarelo, azul e branco como cores predominantes em sua estética e eventos, que remetem a artes marciais, referências

mitológicas e outros elementos condizentes com as culturas orientais e ocidentais. Dentre as diversas modalidades artísticas vivenciadas na comunidade Ballroom, a *Shaolin* explora uma grande diversidade de expressões, com integrantes que desenvolvem a arte da escrita, *drag*, slam (poesia falada), produção musical, *chant* (maneirismos com microfone durante as performances na Ballroom). Destacam-se as *drags* Aritana Tibira Shaolin, formada em Letras e Literatura, mestranda, slammer e escritora; e T-Vírus Shaolin, *drag monster*, uma categoria da arte drag que visa expressar terror e medo através de maquiagens com próteses de machucados, máscaras e outros acessórios, além de ser produtora musical, DJ e doutora em biologia. O *father* Nano Shaolin é referência em new way, um estilo de vogue focado na flexibilidade e ilusionismo de formas, com ênfase no movimento das mãos e braços, além de também ter grande destaque no Old Way, que se concentra em formas e linhas específicas, inspiradas em artes marciais, marchas militares ou hieróglifos. *Mother* Perspica é conhecida pela sua grande habilidade como chanter, além de ser artesã e dançarina de tecido acrobático/circense. Perspica tem marcos na cena manauara com performances inovadoras e criativas, trazendo humor e truques em categorias de lipsync, batalhas de rima/*chant*, ou mesmo categorias de moda, como *runway* e *best look*, que geralmente são destaques desta liderança e para a casa de modo geral. Morgana Shaolin é formada em Música pela Universidade Federal do Amazonas, conhecida pela sua caminhada certa e sensualidade refinada, explorando elementos característicos da Shaolin. Morgana Shaolin, também conhecida como Agnes, ensaia sua caminhada em comunidade para encarar a sociedade hegemônica e utilizar as técnicas de caminhada como forma de enfrentamento e resistência social.

A Kiki House of La Plata é a casa mais antiga na cena atualmente, surgindo ainda no ano de 2020 com a *mother* Xuri La Plata. O nome advém de influências latino-americanas, sendo a cor prata escrita em espanhol, também predominante em sua estética, por motivos da mãe da casa usar prata como marca de assinatura em suas performances em outros espaços artísticos, conhecida também por Xuripratinha, também uma das pioneiras da cena. A predominância da prata em performances remete à opulência e extravagância do metal, além de se associar ao sentido de “*la plata*” como dinheiro. No mundo artístico vivenciado pelas pessoas da comunidade Ballroom, a desvalorização, precarização e exploração do trabalho é uma dura realidade. Nesse sentido, a *La Plata* é uma lembrança de que devemos ser bem remuneradas pela nossa arte e não aceitar exploração. Essa ideia é reforçada entre os integrantes da casa e da comunidade Ballroom, pois é muito recorrente a exploração de pessoas em situação de vulnerabilidade e organização política também envolve reivindicações de direitos, mas por não termos educação financeira tradicional ensinadas em nossos lares ou escolas, temos que

aprender. Durante as movimentações iniciais da cena Ballroom em Manaus, as fundadoras da casa definiram como regra a proibição do uso cocaína entre seus filhos e lideranças da *La Plata*. A maioria das pessoas desta casa tem atividades relacionadas à arte, eventos e trabalhos culturais, característica presente na maioria das casas. Mother Xuri é uma das maiores referências da cena manauara em vogue performance, executando técnicas de altíssimo nível e dificuldade, participando de diversos eventos pela cidade e sendo reconhecida pela sua habilidade em dança. Muitos dos *looks* usados por Xuri são produzidos por Alessandra e Zuri, que são referências em moda e *styling* dentro e fora da comunidade Ballroom.

A *Kiki House of Konda* tem como *Overall Mother* Odara Konda, que também é uma das pioneiras da cena manauara, e *Mother* Ariska Konda. O *debut* da casa foi em 16/12/23, na segunda edição do Baile Vermelho, produzido pela Kiki House of Maverick. A seguir, um trecho da carta de apresentação da casa cedido pelos próprios integrantes:

“A Casa Konda é composta atualmente por 11 membros, dos quais 3 estão na liderança: as mães Odara Mahá e Ariska Deri; e o pai Buiú. O projeto da Casa Konda nasceu em um momento de transição e conflitos na cena Ballroom local, a partir disso a identidade deste aquilombamento busca na simbologia das cobras regionais ressaltar elementos como, a cura, o perigo, a esperteza, a territorialidade, a sensualidade, os mistérios das encantarias e a perpétua certeza da renovação de ciclos. Por uma escolha do coletivo, houve um período de afastamento das movimentações (treinos e balls) da cena, no qual a Casa focou em se articular, preservar e se cuidar internamente em treinos e encontros fechados (com exceção de um deles que contou com a presença de algumas lideranças das outras casas para um primeiro anúncio de formação da nova casa). A Casa Konda debutou em 2023 durante o Baile Vermelho, organizado pela *House Of Maverick* (Carta de apresentação da casa, 2024).

Compondo anteriormente as lideranças da Casa Matagal, Odara Konda além de outra das maiores pioneiras que temos na cena manauara, é referência em Vogue Femme, especialmente o estilo *soft and cunt*. Este estilo consiste na aplicação das técnicas do vogue através da leveza, delicadeza e sensualidade, características que o estilo pede, sendo a sigla CUNT uma tradução livre de carisma, singularidade, coragem e talento. Odara é estudante de dança, participa de festivais municipais, estaduais e nacionais, com participação em grandes trabalhos através da dança como o Festival de Parintins, Cabaré Chinelo e Gandihcats. Outra grande referência na cena manauara na categoria *best look*, entregando conjuntos fashionistas de roupas e acessórios trabalhados de forma artesanal e chegando em resultados originais é Ariska Konda. Mãe da Konda, Ariska é uma grande referência de artista artesanal, criando looks com materiais não convencionais e recicláveis, sempre se destacando em categorias estéticas e de caminhada, projetando performances de alta elegância e sofisticação.

Atualmente, Ariska é estudante de mestrado no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAS-UFAM) e sua dissertação versa sobre a moda também dentro da comunidade Ballroom. Buiú, pai da Konda, também é uma referência em vogue performance, com apresentações de alto impacto ritmo, variação e criatividade na aplicação de diversas técnicas diferentes de dança dentro do vogue, como o *break*, *frevô*, *free style* e dança de rua.

As violências relatadas na carta de apresentação da Casa Konda, cedida à pesquisadora, referem-se a diversos episódios de racismo e transfobia que ainda persistem na comunidade. São sugeridos encontros e rodas de conversas para mediação e educação frente a esses conflitos e violências, mas com pouca adesão e baixa aplicabilidade, o que parece reproduzir um modus operandi estrutural da nossa sociedade, onde as violências são reproduzidas contra corpos marginalizados sem que haja meios efetivos de prevenção, educação ou mesmo acolhimentos dos corpos violentados.

De outra forma, esse funcionamento voltado para o interno da casa, a fim de se proteger dentro da própria comunidade (que teoricamente nasce para combater essas estruturas e violências), por entender que a própria comunidade reproduz as violências das quais busca se defender, criando assim um grupo mais fechado e seletivo, escolhendo os lugares e tempos em que gostaria de se relacionar e decidindo quais pessoas podem se aproximar ou não de seus membros, funcionamento e formas de cuidado. A Mãe Odara também comenta que essa forma mais interna de funcionamento objetiva o cuidado específico com cada filhe, no sentido de saber se está se alimentando, se tem onde morar ou precisa de alguma outra coisa que possam ajudar, pontuando que os treinos são importantes, mas que a vida de seus filhos têm maior grau de prioridade.

A Casa Konda também dá forte visibilidade às questões ancestrais de negritude e aos povos originários da nossa região, valorizando a cultura, estética e as tradições dos povos africanos e indígenas do país. O caráter regional é uma marca da resistência local que a comunidade exerce ao se manifestar artisticamente em uma metrópole regida por lógicas de extrema direita com altos índices de violência social. Ao valorizar a identidade de povos ainda oprimidos nessa estrutura de sociedade, a Ballroom, através do seu sistema de casas, também se manifesta politicamente em suas propostas. Assim, consequentemente ou até diretamente, as violências que atingem os corpos que compõem a comunidade Ballroom de Manaus são mitigadas, evitadas ou contra-balanceadas nesse jogo de forças e poder, de dominação e dominado, de opressor e oprimido.

As casas que encerraram as atividades na cena, mas contribuíram para a existência da comunidade em Manaus, são as Kiki casas Dení, Astra, Matagal e Juicy Couture.

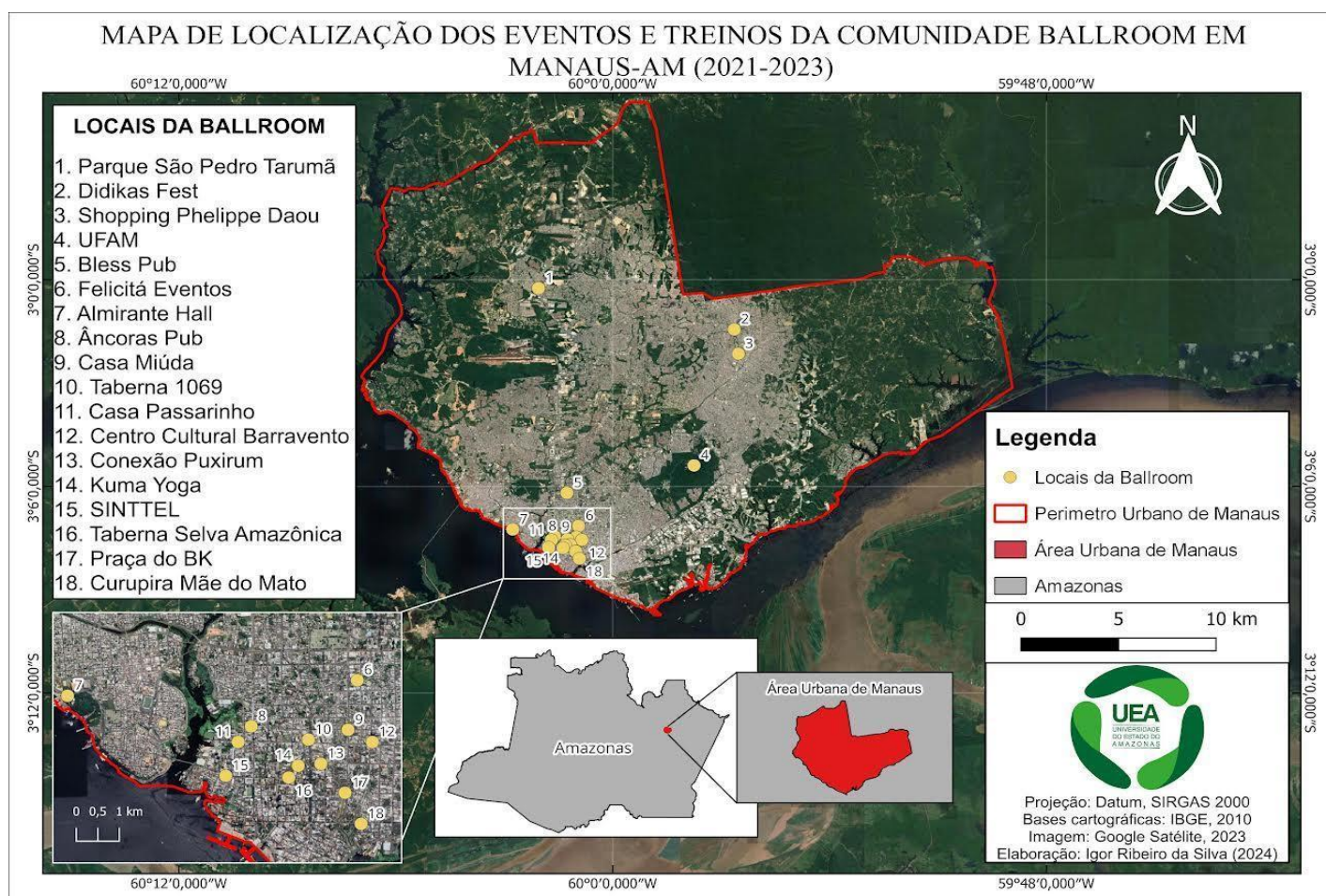
Kiki House of Dení foi a primeira casa de Ballroom na cidade de Manaus, nomeada em referência aos Denís, um povo indígena com origem próximo ao rio Juruá, no Amazonas. A Casa nasceu no ano de 2019, e encerrou suas atividades em 2021, marcando a história da cena Ballroom na região Norte do Brasil. Destaca-se como uma das representantes da casa, Afrika Dení, que é referência não binária da cena Ballroom Manauara.

Kiki House of Astra foi um capítulo da *House of Padam-Astra*, aberto em 2020 e encerrado em 2022 na cena manauara, fundada originalmente no ano de 2017 em Brasília.

Kiki House of Matagal foi uma casa predominantemente composta por pessoas pretas e indígenas da cena manauara. Fundada em 2021, e encerrou suas atividades em 2022 após alguns integrantes relatarem casos de racismo e outras violências sociais.

Kiki House of Juicy Couture foi um capítulo aberto na cena manauara no ano de 2021 e encerrado no ano de 2022, após os integrantes da casa fundarem a Casa Maverick. A *House of Juicy Couture* é uma Casa mainstream, fundada em 2009 nos Estados Unidos e que recentemente venceu a terceira temporada do *reality show Legendary*, de competição entre casas Ballroom.

Figura 1. Mapa de locais de treinos, eventos da comunidade Ballroom de Manaus em 2021, 2022 e 2023.



1 - Parque São Pedro - Tarumã Treino de New Way - Yan Astra em 2021. O treino do segundo estilo de Vogue New Way, promovido pelo Father Yan Astra no Parque São Pedro, consistia em aulas abertas para a Comunidade Ballroom de Manaus, focando em flexibilidade, agilidade, criatividade e desenvoltura.

2 - Didikas *Fest* - Cidade de Deus em 2021, 2022 e 2023. O local trata-se de uma residência cuja família nuclear é a da pioneira da Cena Ballroom de Manaus, Mother Simas Maverick. Em dias de festas, treinos e encontros, a garagem da casa e parte da área de convivência transformam-se no Didikas Fest, com pista de dança, cadeiras, mesa do DJ Didikas e jurades, sendo palco de intensas expressões artísticas nas suas mais diversas modalidades. O bairro está localizado na Zona Leste de Manaus e é composto majoritariamente por uma população de classes populares. Os ônibus que circulam por esta região não são muitos, e o acesso por transporte particular, dependendo do local de saída, pode sair caro. O Didikas Fest se mostra como um dos lugares com maior frequência de ocorrência de eventos, treinos e encontros da comunidade. Esse fato pode estar atrelado à sensação de segurança e intimidade experimentada nesse espaço, pois, além de ser um ambiente familiar de uma das referências da cena em Manaus, oferece conforto ao caminhar durante as categorias competitivas, com um respeito, segurança e acolhimento proporcionados pelos responsáveis pelo imóvel, que são gentis e atenciosos com as pessoas que frequentam o lugar. Durante algumas categorias, pode haver exposição corporal, incluindo nudez e sensualidade, o que pode gerar sensação de insegurança entre os participantes, já que a menor expressão de dissidência, ou até a liberdade corporal de pessoas lidas pela ótica da marginalidade, resulta em retaliação e repressão desses corpos. É nesse sentido também que a comunidade Ballroom se concretiza como movimento de resistência, permitindo a existência e expressões autênticas de pessoas que sofrem interjeições violentas por suas identidades, permitindo assim que essas vidas sejam protegidas e suas trajetórias continuadas, pois o Didikas Fest se mostra como um território de acolhimento e segurança para a Comunidade Ballroom de Manaus. A garagem da casa destina-se à pista de dança, à mesa dos jurades e ao DJ. Além disso, o espaço dispõe de dois banheiros para participantes, um quarto com espelho para a troca de roupas e acessórios, e uma área ao ar livre nos fundos da casa, utilizada para descanso, encontros e planejamento entre os membros, com vistas a alcançar sucesso nas categorias competitivas. O piso, coberto por uma lona xadrez em preto e branco, transforma-se em um palco onde se expõe o que muitas vezes é ocultado ao caminhar pelas ruas do mundo cis-heteronormativo e branco. Quando a audiência fecha o corredor da passarela, a fantasia do reconhecimento surge por meio de aplausos entusiásticos,

rimas proferidas pelo apresentador ou votos dos jurades, sejam eles de aprovação ou de eliminação nas categorias.

3 - Ensaios Regulares no Shopping Terminal 4/ Shopping Phelippe Daou, Zona Norte em 2022 e 2023. Por conta dos frequentes treinos realizados no centro de Manaus, os integrantes que moram na Zona Leste sugeriram que alguns treinos fossem realizados em locais de mais fácil acesso na região. Assim, decidiram treinar em uma praça nas proximidades do Shopping, cujo ponto de referência é o Terminal Rodoviário 4.

4 - Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Zona Leste/Centro-Oeste em 2021 e 2023. No ano de 2021, a Kiki House of Shaolin promoveu uma mini-ball no Setor Norte da UFAM. Em 2023, ocorreu o debutt da Casa Jabutt na Faculdade de Educação (FACED), em parceria com o coletivo Manifesta-AM, com a ball intitulada “Baile dos Insetos”.

5 - Bless Pub - Nossa Senhora das Graças: Competição de Vogue Performance em 2021. Este evento foi pontual e específico, devido à não continuidade dos eventos neste local. Trata-se de um pub de formato interno irregular, com bar, banheiros, luzes e vitrine para visualização dos transeuntes. O bairro é composto por empreendimentos de alto investimento e custo de consumação, com acesso por ônibus que passam por alguns bairros da cidade, e há em torno de três shoppings pela localidade, uma área nobre da cidade.

6 - Ever After Ball - Lenine Charlie 007, Felicitá Eventos em 2023. No dia 05 de agosto de 2023, ocorreu no Felicitá Eventos, no bairro Praça 14 de Janeiro, Manaus/Am, a comemoração do aniversário de 15 anos (+10) de Lenine Charles. Primeiro, houve o baile de aniversário, com recepção a partir das 20hrs, buffet, mestre cerimonial, decoração, open bar e música. Em seguida, iniciou-se o baile competitivo, encerrando o evento às 2hrs da manhã. Ao tomar o destino nas mãos, Lenine decidiu reescrever sua história, comemorando o aniversário de 15 anos que 10 anos atrás lhe foi negado em sua adolescência. Na região norte do Brasil, comemora-se nesta data a apresentação de moças para a sociedade formal, com a intenção de demarcar a mocidade. A mãe de Lótus, Jane Uchôa, verbalizou em seu discurso sobre o histórico da aniversariante: *"Para a sociedade, Lenine já é moça."*

7 - Almirante Hall - Baile Fuzuê - Ballroom MAO Intervenção em 2021. O Baile Fuzuê foi organizado por pioneiras da cena local, Odara e Normani, que promoveram um evento com uma categoria fechada de vogue performance, cuja premiação foi o valor arrecadado com as entradas. O evento contou ainda com a performance de dupla (*tag team*) de outras duas pioneiras locais, Simas Zion e Xuri La Plata, que compuseram as atrações do baile.

8 - Âncoras Pub - Rainbow Kiki Party Ball em 2021. Tratou-se de um evento pontual promovido pela organização da Comunidade Ballroom local, que contou com 3 jurades e 7

categorias na noite, marcando esse encontro com pessoas que ainda marcam a cena local, como a DJ e Dra. T-Vírus.

9 - Casa Miúda. A Mini Gospel Ball, promovida pela Casa Matagal em 2022, foi um evento com 3 categorias: Caminhada (*Ota Runway - Sapatinho de Fogo*), Performance de Dupla (*Tag Team Vogue-Irmãs de Fé*) e Dublagem (*Lypsync - Diva Gospel*).

10 - Taberna 1069 tratou-se de um bar localizado em uma avenida muito movimentada no centro de Manaus, que acolheu alguns eventos da Comunidade Ballroom de Manaus, servindo como residência artística. Um dos eventos ocorridos neste local foi a *Once Upon a Ball*, promovida pela *Kiki House of Shaolin* no ano de 2023, com as categorias de *Baby Vogue*, *Runway*, *Bizarre*, *Vogue Femme*, *Sex Siren*, *Old Way vs New Way* e, por fim, *Commentator vs Commentator*.

11 - Casa Passarinho foi uma residência artística para a Comunidade Ballroom de Manaus, acolhendo atividades como o “Curso de *Vogue Femme* Iniciante” em 2021, ministrado na época por Odara Matagal, referência em *vogue performance* e *vogue soft and CUNT*, sendo este último uma modalidade conhecida pela leveza, elegância e delicadeza na execução dos passos. A atividade inclui a rotina tradicional de alongamentos e aquecimentos antes de qualquer atividade física e aborda os elementos clássicos da dança vogue.

12 - Centro Cultural Barravento também realizou a atividade de residência artística para a comunidade, com um exemplo sendo o “*Masterclass MerryCUNTmas*” em dezembro de 2021, com as lideranças das houses na época Astra, Matagal e Zion, sendo a House of Zion uma Casa mainstream, cuja pioneira da cena manauara Simas Zion é filha. O curso tratou de 2 estilos do vogue, o Old Way e o Vogue Femme.

13 - Conexão Puxirum foi um espaço de ocupação da Comunidade Ballroom de Manaus por alguns anos. No ano 2022, destacaram-se diversos eventos neste espaço, como o *Duelo Shaolin*, *Elements* - Kiki House Of Shaolin; *Fora da Casinha* Ballroom - SUJAREC; *Cine* Ballroom, *Pré-evento para o Baile Vermelho* - Ballroom MAO e Roda de Matraca, Byxalidade, Travestylidade, Não Bynariedade. Além disso, ocorreu o *Baile da Terceira Idade* da Casa Yandê Yanê em fevereiro de 2023, marcando a época de carnaval com categorias de samba, looks e performance.

14 - Kuma Yoga - Centro de Manaus em 2021, 2022 e 2023. A Kuma é uma escola de *yoga* e *thai massage*, sendo também uma residência artística que acolhe projetos de artistas emergentes da região. Por conta da pandemia de COVID-19, os treinos ocorriam com limitação de público e cuidados com as normas sanitárias recomendadas na época, e através de incentivo financeiro das políticas públicas de ajuda a artistas, que enfrentaram uma alta situação de

vulnerabilidade devido à diminuição das atividades culturais. O espaço localiza-se no Centro de Manaus e compreende-se em um prédio comprido, sem andares superiores, pintado na cor branca, com plantas em vasos ao redor. O acesso é por um portão de ferro preto, fechado a cadeado e correntes. As construções vizinhas e arredores são compostas por vilas, prédios residenciais, comerciais e uma avenida altamente movimentada na cidade, com passagem regular de ônibus para a maioria dos bairros de Manaus, e fica próximo de pontos turísticos, praças e escolas.

15 – SINTTEL: *O baile de halloween* da Casa Miga + *House of Astra*, em 2021, ocorreu em um terreno grande. Na entrada, havia uma casa com arquitetura da década de 60/70, usada em atividades administrativas. Na parte de trás, havia um galpão amplo, coberto por telhas de alumínio e com altas paredes brancas, decorado com enfeites temáticos do evento. No centro do espaço, havia um palco, sem andares superiores. O acesso se dava por um corredor lateral, através de um portão de ferro preto com correntes, e uma segunda entrada onde era realizada a conferência de nomes em listas e aplicação de pulseira para sinalizar a liberação. Essa área do centro de Manaus é rodeada por prédios comerciais antigos, escolas, bares e bordéis. Em frente ao prédio, existe uma igreja católica amarela e, a poucos metros de distância, uma ponte relativamente grande que dá acesso a outro bairro da cidade. Um dos marcos desse evento foi a parceria da comunidade Ballroom com a Casa Miga, uma organização humanitária que acolhe pessoas de gêneros e sexualidades dissidentes, especialmente pessoas trans, nacionais ou estrangeiras. O evento contou com categorias exclusivas para pessoas trans e travestis, evidenciando, assim como outros eventos, o protagonismo de corpos discriminados socialmente.

16 - Ball Espíritos Ancestrais - Casa Jabutt e Miriã Mashã, Selva Amazônica em 2023. O evento Espíritos Ancestrais foi promovido pela Casa ou Casco de Jabutt e pelo coletivo de jovens e lideranças indígenas LGBTQIAPN+ da cidade de Manaus e região Miriã Mashã. O baile ocorreu no Café Amazônia, localizado no Largo São Sebastião, que também abriga o Teatro Amazonas, na zona central metropolitana. O evento foi realizado em um galpão na parte de trás do restaurante, amplo e alto, com aproximadamente 15 x 9 metros de dimensão, com um palco de concreto e aparelhos de iluminação que não foram utilizados. A ornamentação foi disposta a partir do centro do galpão, organizando a pista para disputas em círculo, com as cadeiras para jurades dispersas ao redor. A decoração incluía galhos e folhas secas, papel colorido e tiras de fitas vermelhas, amarelas e verdes. O círculo feito para a avaliação dos jurades remete à organização em roda, muito presente nas culturas indígenas e africanas. Cada jurade segurava um leque de palha produzido de forma artesanal por artistas indígenas da

região, e as premiações eram cuias de palha com adesivos temáticos que remeteram ao baile. A organização convidou lideranças e artistas indígenas para compor o painel de jurades e participar em categorias específicas, como a “*Rainha Tecelã*”

17 - Praça do BK em 2021, 2022 e 2023. Parque Brooklin Manauara/Praça Desembargador Paulo Jacob, popularmente conhecida como Praça do BK ou simplesmente BK, é cercado por grades de ferro pretas e uma mureta baixa vermelha, com a presença de grama, pontes, bancos, postes, quiosques de alimentação e quatro entradas através de portões ao redor do local, abrigando praças para lazer e encontros. Possui ainda quadras para atividades esportivas, como vôlei de areia e para futsal – que, por vezes, também é usada para treinos da Ballroom –, pista para patins e ciclismo, e é atravessado por um igarapé, no centro de Manaus. A localidade é contornada por casas residenciais, algumas fruto de políticas públicas habitacionais, prédios de faculdades particulares, bares frequentados majoritariamente por uma população jovem adulta, de gênero e sexualidades dissidentes, com pessoas que podem ser lidas como negras e de classes populares, o que inclui também a comunidade Ballroom local. As paradas de ônibus dão acesso à maioria dos bairros ao redor, porém ficam a algumas quadras de distância, o que pode oportunizar situações perigosas, como assaltos e outras situações adversas.

18 - Curupira Mãe do Mato em 2023 ocorreram a *Dinastia Shaolin*, promovido pela *Kiki House of Shaolin* e o *Missão Impossível, 007 Ball*, organizado pela Ballroom MAO e SUJAREC. Ambos os eventos remetem a categorias competitivas com temáticas específicas que consideraram caminhada, performance, looks e sensualidade. Destaca-se ainda que Curupira Mãe do Mato é um espaço que vem acolhendo a comunidade de forma frequente, sendo considerado uma residência artística de encontros periódicos para exercícios voltados à dança vogue e suas respectivas estéticas. No ano de 2024, a frequência semanal da residência é intitulada como “Club Ballroom”, sendo cada treino mediado por lideranças, Casas ou outros coletivos que sejam aliados da comunidade.

1. CENA BALLROOM MANAUARA E CARACTERÍSTICAS LOCAIS

A cena Ballroom em Manaus teve seu início em 2019, em um contexto de luta e resistência das comunidades marginalizadas. Desde então, a cena tem se fortalecido ao longo dos anos, mesmo enfrentando desafios significativos.

Aritana Tibira Shaolin destaca a importância da sistematização das casas e a criação de uma estrutura familiar alternativa:

"A sistematização de casas... dá um aporte familiar que, por vezes, a gente não tem na nossa família biológica."

Teresa Manicongo Jabutt e **Mila Manicongo Maverick** também apontam que, apesar das dificuldades, a comunidade tem mostrado resiliência e crescimento. Teresa enfatiza:

"A base da Ballroom Manaus é essencialmente periférica, trans, indígena e preta."

A partir disso, a discussão do tópico 1 do grupo focal, frente às características da cena local manauara, faz-se a discussão voltada aos tópicos de famílias, casas e à ideia de território. No sentido de compor o contexto de funcionamento desta comunidade no norte do Brasil, o conceito de “Casa” é um componente importante desta realidade, pois configura-se como um modo específico de ser família nesse cenário. Honorato (2021) aborda o arranjo familiar regional de um modo próprio, pois através da circulação de crianças, a família manauense se configura como uma unidade fluida do núcleo familiar. Nesse sentido, as responsabilidades de cuidar de uma criança são divididas por primas, tias, vizinhos e outros familiares.

Na Comunidade Ballroom na cidade de Manaus, os filhos das casas manauaras são como crianças, as lideranças são como primas, tias e vizinhas, e “criar as crianças” equivale a ensinar nossos filhos a dançar vogue, sobreviver nas ruas, fazer os “corres” e lutar contra as estatísticas, driblando e subvertendo as violências. As lideranças da comunidade passam não só seus ensinamentos técnicos e artísticos, mas também culturais. Elas ensinam, através de suas experiências, algumas artimanhas que facilitam o convívio social ou, minimamente, preparam seus filhos para lidar com as adversidades.

Mila Manicongo Maverick ressalta a necessidade de lideranças que promovam a educação e a empregabilidade dentro da comunidade:

"O movimento para desenvolver a cena de Manaus com editais, para fazer balls, para fazer dinheiro realmente... ainda está começando."

Mother Simas Zion Maverick, uma das fundadoras da cena em Manaus, enfatiza a importância de conhecer e respeitar a história da Ballroom:

"A gente precisa entender que a cena não pode mais parar pra esperar... a gente precisa ter interesse e disponibilidade realmente pra gente ir atrás da história."

A realidade social no norte do Brasil é fortemente marcada por violências sociais de cunho estrutural, como racismo antinegro e anti indígena, homotransfobia e misoginia desenfreada, que limitam algumas possibilidades de ação, trabalho, subversão e outras frentes artísticas. Ainda assim, a Comunidade Ballroom se mostra persistente ao realizar seus encontros e eventos, mesmo com as dificuldades materiais, que se mostram pela vulnerabilidade econômica, institucional e política da realidade manauara. Diante desse

cenário, o estudo, a compreensão e aprofundamento desses fenômenos através dos debates de interseccionalidade promovidos pelo feminismo negro são fundamentais para a compreensão crítica deste contexto.

Nesse sentido, Gonzaga (2022) afirma que a transformação de paradigmas hegemônicos é um processo de resistência fortalecida pelo ingresso de jovens negras/os, indígenas, periféricas/os, quilombolas e das zonas rurais dentro das universidades. A presença de pessoas diversas transitando entre o ambiente acadêmico e a Comunidade Ballroom em uma mesma cidade representa a continuidade potente da transformação desses paradigmas hegemônicos, que são propositores de perspectivas limitantes da diversidade humana frente à sua realidade social, histórica e política.

A comunidade, as famílias, os processos artísticos e os nomes dos eventos são movimentos que surgem pela necessidade de enfrentar as violências estruturais em busca de lugares de acolhimento, pertencimento e respeito às subjetividades. As famílias na Comunidade Ballroom nascem para dar conta das violências que as famílias biológicas projetam em cima de seus filhos de gênero e sexualidade dissidentes e entre si, cuidam, apoiam, ensinam e sobrevivem aos perigos das ruas e às violências estruturais, como o racismo, a misoginia, transfobia, homofobia e tantas outras formas de negação de direitos e desumanização.

2. NARRATIVAS PESSOAIS E O IMPACTO NA VIDA DOS MEMBROS

Aritana Tibira Shaolin fala sobre a importância das casas como estruturas familiares alternativas que oferecem apoio emocional e social, ajudando os membros a superarem as violências enfrentadas em suas famílias biológicas:

"Penso que a sistematização de casas... é bastante fortalecedor."

Teresa Manicongo Jabutt compartilha sua jornada de encontrar pertencimento na cena manauara, destacando a importância de ver pessoas semelhantes a ela:

"Aqui é o único lugar que eu me senti que não era a única. Acho que muitas pessoas gostam muito de ser únicas nos lugares que elas estão. Só que pra mim é muito amedrontador eu chegar num lugar e eu ser a única."

A Ballroom é uma expressão cultural popular de origem periférica nos Estados Unidos, que se desenvolveu como uma tecnologia de resistência para grupos minorizados potencializarem seus percursos diaspóricos, protagonizados na região amazônica pela retomada da identidade indígena. Nota-se a importância pessoal para os membros da comunidade, ao verem as relações sociais presentes nesse contexto como fortalecedores

enquanto rede de apoio, tornando-se um dos fatores protetivos para saúde mental de pessoas negras, indígenas, trans de zonas periféricas de Manaus. Compreender e discutir o território da Ballroom na realidade manauara é fundamental para a análise crítica desta pesquisa, frente à descrição de periferia atribuída aos locais frequentados pela cena na capital amazonense.

Santos e Silveira (2021), na obra “O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI”, buscam oferecer aos estudiosos um guia para compreender a utilidade do território, o movimento em conjunto de suas partes e o dinamismo da sociedade. Nesta obra, os autores definem a territorialidade como “aquilo que nos pertence”, se estendendo aos próprios animais e pressupondo a preocupação com o destino e a construção do futuro. Na região norte do Brasil, a questão de território é tradicionalmente uma luta dos povos indígenas e quilombolas, que também estão presentes na Comunidade Ballroom de Manaus. Esta pesquisa discute questões relativas à territorialidade de forma interseccional e interdisciplinar, visando à produção de um saber local, popular e emancipatório, para que os membros dessa comunidade tenham outras formas de lidar com as adversidades da vida ou até mesmo serem convidados a refletir sobre suas vivências, através das análises contidas nestas discussões. Pensar Ballroom é um enfrentamento de corpo e mente.

Mila Manicongo Maverick enfatiza a necessidade de lideranças que promovam a educação e a empregabilidade dentro da comunidade, apontando para a falta de recursos e apoio financeiro como desafios persistentes:

"A cena tem muitos problemas ainda... as lideranças daqui elas não se comoviam para fazer algo para a cena e que trouxessem empregabilidade, que trouxessem educação."

Lorde do Caos 007 fala sobre sua experiência de crescimento e aprendizado dentro da Ballroom, destacando a importância do respeito mútuo e da construção coletiva:

"A Ballroom é formada por pessoas diversas, de diversos lugares da cidade, com diversas experiências... a gente não teve preparo, a gente não teve base, a gente não teve subsídio, a gente teve que crescer como a gente podia."

Mother Perspica Shaolin aborda a questão do pertencimento e como a cena Ballroom serve como uma válvula de escape e um espaço de autoafirmação para muitas pessoas:

"A gente precisa buscar esse pertencimento e isso vem de cada um de nós... a nossa cena surgiu pra muitas, junto com a transição."

Princesa Maresia Jabutt ressalta a importância de cada indivíduo encontrar seu próprio caminho dentro da cena, utilizando suas características únicas e experiências de vida para contribuir com a comunidade:

"Quando a gente entende que o percurso da Ballroom é nosso... a gente pode colocar as nossas características que a gente já vem dessa Manaus periférica."

Sendo a territorialidade um conceito que corresponde àquilo que nos pertence, é importante compreender os aspectos na realidade amazônica que são pertencentes à Comunidade Ballroom em Manaus, para pensarmos o que se relaciona ou não, o que faz ligações e desligamentos, ou é pertinente à comunidade. As pessoas que compõem essa comunidade se reúnem a fim de dar conta de uma desterritorialização acometida aos nossos corpos pelo processo de colonização, ou seja, nos tiraram nossa cultura e formas de viver, deixando como opção as normativas europeias embranquecidas ou a discriminação social, insidida nos povos indígenas e negros da nação.

O Brasil, construído em solo indígena, banhado também pelo sangue negro, à custa da destruição da fauna e flora nativas e demonização dos povos originários, desenvolveu lógicas de funcionamento das relações humanas que resultam no apagamento desses povos e das expressões de gênero e sexualidades não hegemônicas que diferem de um ideal heterossexual, patriarcal, masculino e branco. Assim, para compreender um pouco da metrópole na qual a Comunidade Ballroom está inserida na Amazônia, na obra de Santos e Silveira (2021), os autores descrevem a Zona Franca de Manaus como sendo um forte polo econômico da cidade:

Em 1957 foi estabelecido em Manaus um porto livre, e dez anos depois criou-se a Zona Franca, com centro nessa cidade e uma área de 10 mil quilômetros quadrados. Mas em 1968 ampliava-se o território regulado por essas condições a todo o estado do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima. Com 2.191.522 quilômetros quadrados, a Zona Franca de Manaus acaba por incluir 25% do território nacional. O comércio de mercadorias importadas foi a função central até os anos 1980, momento em que se induziu o crescimento de quatro polos produtivos: eletroeletrônicos, relojoeiro, óptico e veículos de duas rodas.

Princesa Dally Maverick destaca o momento atual de acolhimento e crescimento da comunidade, incentivando novos membros a se dedicarem e aprenderem com as experiências dos mais velhos:

"A nossa cena agora está sendo totalmente sobre acolhimento... é isso, é procurar estudar, aproveitar que a cena está nesse momento."

Viqui Jabutt compartilha sua jornada de inclusão e aprendizado, destacando o impacto positivo do acolhimento e da representatividade na cena:

"Eu comecei a sentir um acolhimento, comecei a olhar pras pessoas... e isso hoje pra mim tá sendo uma aula, um momento de parar, sentar e ouvir e aprender sobre a ball, sobre a cena."

Por fim, o acolhimento e o sentimento de pertencimento aparecem como fatores de proteção para a saúde das pessoas que frequentam a Comunidade Ballroom de Manaus. Apesar de muitas violências sociais acabarem sendo reproduzidas dentro desse contexto social, a possibilidade de pensar sobre a própria expressão enquanto se aprende elementos de uma cultura na presença de pessoas que compartilham objetivos semelhantes contribui para a sensação de bem-estar. Pessoas que vivenciam o gênero e a sexualidade de forma dissidentes nesta sociedade costumam passar por situações de violência dentro das famílias, escolas e sociedade em geral. O senso de pertencimento na Ballroom surge do lugar de exaltação de figuras negras, indígenas, trans e pessoas de classes populares que ocorrem nos bailes

3. INICIATIVAS E O FUTURO DA CENA BALLROOM EM MANAUS

A partir de 2024, iniciou-se a atividade conhecida como Club Ballroom, promovendo encontros semanais para a realização de treinos guiados pelas lideranças das Casas da Comunidade Ballroom de Manaus, no Curupira Mãe do Mato, no Centro da cidade. Esses encontros têm sido uma oportunidade para os membros da comunidade aprimorarem suas habilidades e fortalecerem seus laços. **Mother Simas Zion Maverick** destaca a importância de tais iniciativas:

"A galera da Jabutt está aí... estamos disponibilizando materiais de prevenção e saúde sexual. Usem e conversem sobre isso, eu acho legal."

Mother Simas Zion Maverick também destaca a necessidade de continuar evoluindo e prosperando como uma cena:

"A gente precisa parar e refletir no momento em que estamos agora, o que a gente está fazendo agora para a nossa comunidade."

Mother Simas Zion Maverick e outras lideranças também reconhecem a importância de valorizar a própria cultura e desafiar o fatalismo:

"Manauara é um povo que não se valoriza, não se revolta, que aceita. É isso."

O futuro da cena Ballroom em Manaus parece promissor, com uma crescente diversidade de membros e uma maior visibilidade das questões enfrentadas por pessoas trans, não-binárias, indígenas e negras. A colaboração contínua, o respeito mútuo e o compromisso com a educação e a empregabilidade serão fundamentais para o crescimento e a

sustentabilidade da comunidade. **Viqui Jabutt** compara a trajetória da cena com a fluidez de um rio:

"Quando uma pessoa negra, quando uma pessoa trans, sua representatividade se movimenta, eu acho que todo mundo se movimenta junto."

Com a união de esforços e a valorização das experiências únicas de cada membro, a Cena Ballroom em Manaus tem o potencial de se tornar um exemplo de resistência, inclusão e celebração da diversidade. A Cena Ballroom manauara também é ampla na sua multiplicidade artística, pois existem diversas pessoas que fazem parte da comunidade e atuam em outras frentes e movimentos artísticos pela cidade, qualificando a Comunidade Ballroom local como multiartística. Exemplos de integrantes incluem *Mother* Odara Konda, Aritana Tibira Shaolin, *Mother* Xuri La Plata (atualmente 007), Brenner Maverick, Agnes Shaolin, também conhecida como Morgana Shaolin, Princesa Maresia Jabutt e *Mother* Ariska Derí Konda, todes atuando em várias áreas artísticas, desde dança e música até artes visuais e performances.

No mesmo dia da aplicação do grupo focal, após o encerramento deste, as pessoas presentes retornaram ao *Treino Pré-Ball Ursinhos Carinhosos: Baile dos Namorados*. Dançamos Vogue Femme sobre o linóleo. Aqui, proponho mais uma analogia: Pokémons são uma espécie de monstros com características fantásticas e animais, possuindo habilidades especiais que utilizam elementos da natureza como força de ataque. Sua origem provém de um anime de mesmo nome e de produções relacionadas, com origens em jogos japoneses. Existem diversos tipos de pokémons que, em distintas fases de amadurecimento, acabam por “evoluir”.

Assim, os caminhos trilhados na Comunidade Ballroom de Manaus são diversos, complexos e incertos, tornando o futuro desta cena cheio de potencialidades, carecendo de um acompanhamento detalhado e profundo das trilhas percorridas por lideranças, pessoas e membros. Seja na arte, na política ou na sociedade, pessoas que enfrentam a adversidade encontraram na Ballroom a possibilidade de reescrever suas histórias conforme sentem necessidade.

Percebe-se que os eventos da Comunidade Ballroom acontecem em grandes centros urbanos, metrópoles e capitais. Vale questionarmos: onde nos centros urbanos? Em quais zonas das metrópoles? Em que lugares, prédios ou espaços das capitais?

Para além dessas perguntas que versam o sentido macroestrutural da sociedade, cabe questionarmos ainda no sentido micro-subjetivo, local e de cidadania: como as pessoas da comunidade se deslocam para esses lugares? Sendo pessoas de sexo-gênero dissidentes, sentem-se de alguma forma asseguradas em sua integridade física, emocional e psicológica?

Essas pessoas se alimentam antes, durante ou após os eventos da comunidade? Quais acessos de direitos básicos são garantidos a quais grupos da sociedade?

Essa dinâmica interacional de estruturas macro e micro sociopolíticas são complexos e dinâmicos. Contudo, vê-se a necessidade de compreender como as violências estruturais incidem na realidade de sujeitos em situação de vulnerabilidade, a fim de dar continuidade no processo de colonização. Ou seja, o processo de colonização se atualiza constantemente para manter os sujeitos subalternizados no lugar de opressão, enquanto esses sujeitos desenvolvem formas de resistência e enfrentamento através da cultura, organização política e luta social.

Núñez (2022) aponta de forma crítica a reação de monoculturas impostas nas formas de se relacionar pelo processo de colonização, cujo funcionamento se dá a partir de noções únicas e “válidas” de existência, tidas como naturais, esperadas e apreciadas. Essas formas de relação estão ligadas ao sistema econômico, amoroso, laboral e social, explícitas pelas lógicas monoteístas, capitalistas, cisheterossexistas e pela noção de posse também reforçada pelo cristianismo. Essas formas “únicas” impostas na sociedade, não contemplam as diversas formas de expressão existentes na Comunidade Ballroom, pois nota-se em Manaus uma presença significativa de pessoas negras e indígenas detentoras de diversas outras formas de relação que não corresponde às imposições monoculturais das sociedades ocidentais, esbranquiçadas e colonizadas, cujo único objetivo é a exploração da mão de obra das classes dominadas.

“Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário” (Santos, 2020. p, 25.). As relações econômicas, baseadas na exploração da mão de obra pelo sistema capitalista no nosso país, resultaram num processo de urbanização desequilibrado em relação à questão ambiental. Segundo o autor, o Brasil passou por processos de desruralização e migrações brutais, resultando numa urbanização intensa e concentrada, formando uma verdadeira megalópole do tipo brasileiro no Sudeste.

Para Santos (2020), a cultura é uma forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, resultado das relações profundas do ser humano com o seu meio. Ainda na mesma obra, o autor diz que a cultura é o que nos dá consciência de pertencer a um grupo, destacando o caráter regional da pesquisa. “A linguagem regional faz parte desse mundo de símbolos e ajuda a criar essa amálgama, sem a qual não se pode falar de territorialidade.” (Santos, 2020. p. 82). A regionalidade é uma característica muito forte na cultura da região Norte, envolvendo dialetos que vem dos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e florestais, influenciando as diferentes formas de relação interpessoal e de funcionamento. Seja no sentido íntimo ou social, a rede de apoio gerada em comunidade é permeada por laços de afeto.

Segundo Leitão (2016), os “laços de solidariedade” estão relacionados às lógicas de funcionamento e proximidades de pessoas que habitam o território. Na comunidade Ballroom, esses laços podem ser encontrados no sistema de casas, nos eventos competitivos e nos treinos, auxiliando nas categorias de disputa com palmas, gritos ou no empréstimo/confecção de acessórios. Leitão trabalha em sua tese a ideia de espaço e território, abordando a violação do espaço pessoal de crianças e adolescentes no contexto de violência. A presente pesquisa propõe também a ideia de corpo-território para compreender as violências coloniais como violação da subjetividade humana, habitada no corpo-território de sujeitos que vivem essas experiências no Brasil.

Cabe também à psicologia questionar as formas que essas violências assumem no contexto amazônico e como elas se manifestam no dia a dia da população. Mostra-se necessário o aprofundamento nas temáticas de solidariedade e corporeidade que a Comunidade Ballroom desenvolve relativos ao conceito de território, pois estas são também maneiras de subverter as lógicas de violências estruturais, construídas na sociedade pelo processo de colonização.

Assim, esta pesquisa ressalta a importância do desenvolvimento de uma psicologia interdisciplinar, crítica, desenvolvida a partir de autores e lugares que pensem as realidades brasileiras e amazônicas, sendo possível através de estudos sobre a territorialidade da comunidade Ballroom em Manaus. O estudo crítico de tal realidade nos aproxima da compreensão de sujeito amazônida, que tem no seu desenvolvimento subjetivo elementos do território amazônico, resultando em formas de viver e se relacionar específicas da região.

Em 2021, Manaus foi o território que acolheu a primeira Casa com pessoas indígenas da região Norte do Brasil. A *Kiki House of Matagal*, foi a primeira casa de Ballroom da região a destacar de forma evidente a presença de pessoas negras e indígenas da Cena. A primeira *mother* assumidamente indígena da cena foi Mura Matagal, da etnia Mura, protagonizando eventos nas categorias de artesanato, corporeidade e identidade.

Destacar a presença de pessoas e lideranças indígenas na Comunidade Ballroom é um combate direto as formas de invisibilização e opressão que os povos indígenas sofrem na história, desde o período da colonização até os dias atuais. Mesmo dentro da comunidade, nota-se que, dos Estados Unidos ao Brasil, os povos originários parecem não ocupar o lugar de protagonismo que merece nas lutas de reconhecimento e combate às violências de raça, gênero, sexualidade, território, direitos humanos, classe e etnia.

É um apagamento muito grande se referir aos povos originários apenas como “latinos”, generalizando a pluralidade de corpos, culturas e etnias nas Américas. Dos rituais espirituais, as formas de relação com bichos, rios e matas, a compreensão das terras e solo para produção,

moradia e desenvolvimentos por vezes se assemelham às formas de manifestação cultural dos povos originários brasileiros com os norte-americanos, bem como alguns povos africanos e asiáticos, como a compreensão de outras formas de identidade de gênero para além das opções binárias de homem ou mulher. Dos cultos politeístas às formas de amor não-monogâmico, a identidade dois-espíritos parece ser uma expressão que resiste à colonialidade binária e cisgênera imposta pela colonização europeia. Povos nativos no Havaí, na Ilha Tartaruga no Canadá, alguns povos africanos e povos indígenas em território brasileiro, apresentam uma terceira forma de identificação de gênero, não correspondente a cisgeneridade binária. Essa “terceira forma”, não correspondente a “homem” ou “mulher”, seria experimentada por pessoas com uma maior sensibilidade espiritual, atravessadas por energias tidas como “masculinas e femininas”, variando de acordo com as tradições locais, mas semelhantes nesse sentido. Tais experiências não correspondem às normativas hegemônicas de gênero e carecem de maior aprofundamento em vivências, encontros, discussões e continuidade no processo de retomada da identidade indígena da autora.

No ano de 2023, debutou na Comunidade Ballroom de Manaus a *Kiki House of Jabutt*, sendo uma casa composta atualmente majoritariamente por pessoas negras e indígenas, com cerca de 4 pessoas que se identificam como dois-espíritos. A primeira pessoa autodeclarada dois-espíritos conhecidos pela autora é Uyra Sodoma, artista indígena que luta pela causa ambiental, mestre em ecologia e Estrela na Comunidade Ballroom de Manaus. Capri Onça, ou Capri Santo, como é conhecida na Cena, já compôs a Casa Matagal e foi a primeira *drag* a sair em uma capa da revista *Vogue Brasil*, em 2020.

Nota-se que essa identificação tem relação mais próximas com as culturas dos povos indígenas e que esta terminologia não é oficialmente reconhecida por todas as etnias e pessoas indígenas. Destaca-se que os povos indígenas são múltiplos, plurais e específicos em suas tradições e crenças, mas compartilham alguns valores e relações semelhantes, reconhecendo-se como “parentes” aqueles que são descendentes indígenas.

Entende-se que os diversos processos de opressão resultaram em um apagamento das culturas indígenas nos meios midiáticos e nas relações sociais. A Ballroom, sendo esse movimento de reencontro diaspórico para pessoas negras, é fundamentalmente importante quando relacionada à causa indígena, pois o protagonismo dos povos originários na comunidade oferece uma oportunidade de reconexão, reidentificação, quebra de estigmas e estereótipos, além de repensar preconceitos. No espaço que ocupam, há uma oportunidade de reescrever a história do Brasil através das manifestações artísticas e do fortalecimento cultural, quebrando a lógica de selvageria, do não-belo e do oprimido ensinadas pelo colonizador. O ser

humano guiado pelas lógicas de destruição “civilizatórias” vê as florestas como inimiga do progresso, os indígenas como mão-de-obra escrava e a noção de (des)envolvimento como única forma possível de existência (Albuquerque, 2017; Tosold, 2020; Nunez, 2022).

Em julho de 2023, ocorreu em Brasília a primeira ball indígena do mundo, organizada dentro de um acampamento no Palácio do Planalto na presença de parentes de todo o Brasil, em luta pelo direito ao território e contra a PL do Marco Temporal. Em novembro de 2023, aconteceu no estado do Amazonas a segunda ball indígena já registrada. A ball “Espíritos Ancestrais” foi promovida pela Casa Jabutt em parceria com o coletivo indígena de jovens LGBTQIAPN+ no Amazonas, Miriã Mashã, em frente ao Largo São Sebastião, em um restaurante local no centro de Manaus. O evento contou com a presença de artistas, representantes e lideranças indígenas da capital, cidades e municípios próximos, oferecendo espaços para valorização das pessoas presentes, das etnias e da cultura local.

PARA CONCLUIR

As características da Comunidade, do Território e das Casas Ballroom na cidade de Manaus são complexas e distintas, evidenciando que as formas de enfrentamento e estratégias de subversão de violências, tanto a níveis macro quanto microestruturais, são diversas. As posturas adotadas por lideranças, casas e membros de uma mesma família expõem a complexidade das forças opressivas resultantes de um passado colonial e escravista. Essas forças se atualizam de forma ampla para manter determinados grupos em situação de subalternidade. Assim como as formas de opressão são estruturalmente complexas em seus aspectos históricos, sociais e políticos, as formas de subversão e resistência também são complexas, porém suas estratégias partem de aspectos culturais, comunitários e de afetivos, além dos aspectos estruturais da sociedade. As casas Ballroom de Manaus, por exemplo, enquanto tecnologias de subversão, mostram-se distintas em suas composições e características.

Quando pensamos numa perspectiva cultural hegemônica, observamos que a América do Norte e Europa dominam as lógicas econômicas e, consequentemente, os modos de vida em diversas partes do mundo, como é o caso do Brasil. Nesse sentido, as lógicas de hegemonia contemporânea criam uma dinâmica hierárquica de lógicas opressivas e seus subordinados. Tanto na América do Norte quanto na Europa, existiram pessoas que vieram antes de nós e já enfrentaram essas dinâmicas em outros contextos de tempo e espaço. Essas pessoas desenvolveram formas de enfrentamento e organização social para lidar com a realidade

dominante. A Comunidade Ballroom e suas configurações de funcionamento social, comunitário, familiar, artístico e político são tecnologias de enfrentamento organizadas por aqueles que vieram antes e sofreram condições semelhantes às que enfrentamos atualmente na Amazônia, mais especificamente em regiões de periferia na cidade de Manaus, Amazonas, na região Norte do Brasil.

Destacar que nossos ancestrais, parentes ou semelhantes em outras partes do mundo, sendo estes os povos originários, pessoas trans, negras, indígenas, de classes populares vivendo em zonas de periferia de grandes centros urbanos, como nas periferias do Harlem, de Paris ou de Manaus, experienciam essas dinâmicas de opressão em seus diferentes contextos, onde cada território tem uma historicidade, organização e funcionamento específicos. Portanto, é necessária a compreensão a partir de suas realidades específicas.

Ao olharmos para o conjunto complexo de organização, características, funcionamentos e propostas, enxergamos de forma concreta a complexidade de uma comunidade em seu funcionamento político e sua importância na justiça social e reparação histórica. Ao aglutinar e potencializar pessoas socialmente marginalizadas, por meio da sociabilização, do amor familiar e da potencialização através de uma atmosfera de identificação e arte, esses corpos insurgem-se em uma sociedade que insiste em nos esconder.

A diversidade de características das casas também explicita um cenário globalizado referente ao multiculturalismo do mundo atual (Hall, 2019). Compreender detalhadamente em profundidade a diversidade dessas casas nos permite enxergar a abrangência da força de resistência contra a dominação que exerce influência em diversos espaços sociais.

Por fim, as categorias de competição na Ballroom podem ser entendidas como uma forma de reprodução de lógicas eurocêtricas, que, atribuem através de comparação e eleição de vencedores, fortalecem a noção de certo/errado e melhor/pior na rivalidade, sustentada por lógicas capitalistas. Ainda assim, esses espaços oferecem grandes oportunidades para o protagonismo e defesa dos direitos dos povos originários, indígenas, quilombolas, negros, da diversidade LGBTQIAPN+, mulheridade e das questões de territoriais do Norte do Brasil. Cabe às lideranças honrar a memória de nossos ancestrais e trabalhar para um futuro possível as próximas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, intitulada *Intersecções Amazônicas: Uma Etnografia da Comunidade Ballroom em Manaus*, foi dividida em dois estudos. O Estudo 1 discutiu as lógicas

de reprodução e subversão de violências, bem como as maneiras de enfrentar e se proteger das estruturas sociais que projetam valores racistas, misóginos e transfóbicos. A compreensão desses fenômenos foi importante para discutir as relações de poder a partir da maior diversidade de perspectivas/categorias possíveis, através da interseccionalidade e reflexividade etnográfica. A dinâmica dessas discussões reforça o quanto a cultura pode ser usada como uma forma de resistência política frente ao cenário abordado.

Já o Estudo 2 propôs a discussão de território, interseccionalizando as Casas Ballroom nas discussões de família, lugares que ocupam na cidade de Manaus e as características da cena local por meio de um grupo focal. Os resultados dessas discussões levam ao entendimento de que estratégias de enfrentamento a violências sociais são intensificadas através de aspectos culturais, coletividade e afetos.

Nesse sentido, as construções de diálogos nesta dissertação vão ao encontro do objetivo geral do projeto de pesquisa, que é compreender a dinâmica de funcionamento da Comunidade Ballroom em Manaus. Os objetivos específicos referentes ao mapeamento das casas, eventos e locais de treino, bem como o destaque de fenômenos sociais e, por fim, a discussão de território em Manaus, também foram contemplados nos dados apresentados. Assim, entende-se que a dinâmica de funcionamento da Comunidade Ballroom em Manaus é o encontro de pessoas com uma diversidade de talentos que se reúnem para expressar suas vivências através da arte. Essas pessoas se organizam em famílias ou grupos que formam um coletivo, criando espaços possíveis de expressões autênticas, originais e mais livres, em comparação com a sociedade tradicionalista e conservadora que impera no Amazonas.

Esse encontro de pessoas que utilizam a arte para fortalecer suas vidas reproduz dinâmicas opressivas que podem se manifestar em microviolências. Em contrapartida, o resultado gerado nas possibilidades de acolhimento, pertencimento familiar e um futuro possível faz com que a Comunidade Ballroom de Manaus combata direta e indiretamente os índices referentes à saúde mental do povo brasileiro, especialmente de pessoas negras, indígenas, LGBTQIAPN+, mulheridade e pessoas de classes populares. A existência dessa organização social e cultural reflete na manutenção da vida de pessoas em situação de vulnerabilidade que o Estado não consegue auxiliar em seus direitos básicos, não só quanto à saúde, mas também à educação, cidadania, segurança e lazer.

Ainda quanto à coletividade da Ballroom brasileira, vê-se a junção de diversas famílias que se organizam em comunidade para se proteger de violências marcadas pela questão racial. Aqui, faz-se um paralelo com a organização dos quilombos no Brasil, que, a depender da região, variam de tamanho, complexidade e quantidade de famílias presentes nestes territórios,

que abrigavam pessoas negras, indígenas, brancas pobres que vivenciavam situações de violência e demais pessoas que não se enquadravam nas normativas coloniais. Estudar, proteger e fortalecer essas comunidades, além de constituir uma reparação histórica, é garantir um futuro que abranja uma diversidade de culturas e povos, ao invés de se fechar em valores coloniais eurocêntricos.

Dando continuidade à história das pessoas que, após a invasão colonial, lutaram para preservar suas culturas, a Comunidade Ballroom em Manaus não só se fecha em sua bolha, mas estoura barreiras sociais ao alcançar diversos espaços na sociedade, galgando, através de luta, conquistas importantes para uma grande coletividade de pessoas através do país.

Realizamos uma discussão de território nesta dissertação a fim de torná-la um jardim de terra fértil, regando as ideias basilares de psicologia antirracista e aquilombamento, para que germinem como saberes emancipatórios e contribuam para o bem-estar de pessoas em diversos lugares da sociedade. Os estudos futuros dessa pesquisa serão guiados pelos saberes da psicologia antirracista voltados para as ideias de aquilombamento, em parâmetro com o sistema de casas na Ballroom. Ressalta-se que, inicialmente, a discussão estava voltada para a compreensão de violências e entende-se que a dinâmica de reprodução de violências e subversão é uma característica presente na Comunidade Ballroom de Manaus. A forma de lidar com essas lógicas é a reprodução e subversão contínuas até que a cena local desenvolva outras formas de manejo quando ocorrerem conflitos, desentendimentos e questionamentos internos.

Vale destacar ainda que o percurso cultural trilhado pela Ballroom, das periferias dos Estados Unidos, Europa, América Latina e Belo Horizonte até chegar em Manaus – Amazonas, é semelhante às formas como os rios se formam em seus caminhos. Crystal Labeija foi nossa foz, hoje somos rios e igarapés que nutrem, alimentam e pulsam vida dentro das florestas amazônicas. E, como vidas que se organizam e fluem pelos rios, nos encontramos nas margens da sociedade, reunimos, organizamos e seguimos para os centros urbanos, carregando nas costas, cascos, patas e asas a força de gerações que, nestas terras, lutam até os dias de hoje pelo direito ao território.

Acrescento ainda que a continuidade desta pesquisa vê como guia os saberes construídos pela psicologia antirracista para embasar as discussões no doutorado, pois a importância da continuidade dessa pesquisa frente à tese será contribuir para uma ciência crítica contextualizada na realidade Amazônica.

A solidariedade, humildade, empatia, coragem e amor são nossas estratégias de enfrentamento mais poderosas. Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Agradeço pessoalmente a todas as pessoas e lideranças que compõem a Comunidade Ballroom de Manaus e que contribuíram para o desenvolvimento e execução desta pesquisa.

Laroyê Exu. Okê Arô meu pai.

REFERÊNCIAS

- Abu-Lughod, L. (2008). *Writing Women's Worlds: Bedouin Stories*. University Of California Press.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen.
- Almeida, S. L. de. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Ataídes, I. M. M., Barbato, S., Macena, M. S. (2023). Produção de Significados de Estudantes LGBTs Artistas na Crise da Pandemia. In. Urnau, L. C., Zibetti, M. L. T. (orgs.). *Percursos de Jovens no Ensino Superior - Análises à luz da Psicologia*. Alexa Cultural.
- Batista, L. E., Santos, M. P. A. de, Cruz, M. M. da, Silva, A. da, Passos, S. C. da S., Ribeiro, E. E., Toma, T. S., Barreto, J. O. M. (2022). Produção científica brasileira sobre saúde da população negra: revisão de escopo rápida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), p. 3849–3860. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.07782022>
- Benevides, B. (Org). (2022). *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Distrito Drag, Antra. <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>
- Bento, C. (2022). *O pacto da Branquitude*. Companhia das Letras.
- Bento, M. A. S. (2022). *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Borba, B. L. (2022). *A dança Vogue Femme: análise cinesiológica do elemento DIP na articulação do Joelho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Butler, J. (2021). *A força da não-violência: um vínculo ético político*. Boitempo.
- Collins, P. H., Bilges, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.
- Conselho Federal De Psicologia. (2022). *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume1*. CFP.

- Conselho Federal De Psicologia. (2022). *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume 2*. CFP.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, 10(1), p. 171-88.
- Evaristo, C. (2003). *Ponciá Vicêncio*. Mazza Edições.
- Estevam, A. L. G., Geraldles, E. (2021). Vogue, logo, existo: a comunicação política-corporificada da Ballroom. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, 15(1). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2021.186046>
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, UK: Routledge.
- Fanon, F. (2006). *Os condenados da terra*. UFJF.
- Fanon, F. (2023). *Pele negra, máscaras brancas*. Editora UBU.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Editora Vozes.
- Foucault, M. (2020). *História da sexualidade: a vontade do saber*. 11. ed. Paz & Terra.
- Foucault, M. (2021). *Microfísica do Poder*. 13. ed. Paz & Terra.
- Fravet-Saada, J. (2005). Ser afetado. *Cadernos de campo*, 13(13), p. 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>
- Geertz, C. (2008). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Geertz, C. A *Interpretação das Culturas*. Editora LTC.
- Gomes, H. V., Jesus, L. A. de, Silva, C. P. G. da, Freire, S. E. de A., Araújo, L. F. de. (2022). Suicídio e população trans: uma revisão de Escopo. *Ciências Psicológicas*, 16(1), e-2501. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i1.2501>
- Gonzaga, P. R. B. (2022). Interseccionalidade: Uma Contribuição do Feminismo Negro Para a Construção de Práticas e Conhecimentos Antirracistas em Psicologia. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume 1*. CFP.
- Gonzalez, L. (2020). *Por Um Feminismo Afrolatino Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Zahar.
- Hall, S. (2016). *Cultura e Representação*. Editora PUC - Apricu.
- Hooks, B. (2000). Vivendo de Amor. In: Werneck, J., Mendonça, M., White, E. C. (Orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Pallas/Criola.

- Honorato, I. B. (2021). *Entre idas e vindas: arranjos familiares e circulação de crianças no Amazonas*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
- Jesus, J. G., Alves, H. (2010). Feminismo Transgênero e Movimentos de Mulheres Transexuais. *Revista Cronos*, 11(2), p. 8-19. <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>
- Klitgard, M. (2019). Family Time Gone Awry: Vogue Houses e Queer Repro-Generationality na(s) Interseção(ões) de Raça e Sexualidade. *Debate feminista*, 57, p.108-133. <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2019.57.07>
- Leitão, C. L. (2016). *Limites e Possibilidades: uma tentativa de aproximação antropológica com a realidade de adolescentes em situação de exploração sexual na Cidade de Manaus*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
- Magalhães, I., Martins, A. R., Resende, V. M. (2017). *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Editora Universidade de Brasília.
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), p. 11–29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
- Martins, H. V. (2022). Raça, Colonialismo e Discurso Decolonial: Resistências e Ressonâncias Negras na Psicologia. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume 1*. Brasília: CFP.
- Mattos, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In Mattos, C. L. G., and Castro, P. A. (orgs). (2011). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. EDUEPB, pp. 49-83.
- Missiatto, L. F. (2021). *Colonialidade Normativa*. Appris.
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., Souza, E. R. (2006). *Avaliação por Triangulação de Métodos Abordagem de Programas Sociais*. Fiocruz.
- Minayo, M. C. S. (2002). *Pesquisa social*. 21.ed. Editora Vozes.
- Moraes, A. C. R. (1999). Notas sobre formação territorial. *Revista Território*. 6(7), p.43-50. https://biblio.fflch.usp.br/Moraes_ACR_13_1086344_NotasSobreFormacaoTerritorialEPoliticAmbientaisNoBrasil.pdf
- Nogueira, C. (2017). *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Editora Devires.
- Núñez, G. (2022). Efeitos do Binarismo Colonial na Psicologia: Reflexões Para Uma Psicologia Anticolonial. In: Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia Brasileira na Luta Antirracista: volume 1*. CFP.
- Onocko, R. C. (2011). Fale com eles! O trabalho interpretativo e a produção de consenso na pesquisa qualitativa em saúde: Inovações a partir de desenhos participativos. *Physis*, 21(4), 1269-1286. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000400006>

- Passos, I. C. F. (2019). A análise foucaultiana do discurso e sua utilização em pesquisa etnográfica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42), p. 377–391. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>
- Raabe, C. (2020). *O que é cultura Ballroom? Histórias e Elementos da Ballroom*. House Of Raabe. <https://houseofraabe.alboompro.com/post/46681-culturaballroom>
- Rocha, I. R., Senna, M. I. B., Oliveira, J. S. de, Paula, J. S. de. (2023). Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: a construção (in)completa da política em um município de grande porte no Brasil. *Saúde Em Debate*, 47(136), p.110–125. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313607>
- Santos, H. C. (2018). *A transnacionalização da cultura dos Ballrooms*. Dissertação (mestrado Linguística aplicada na área de Linguagem e Sociedade), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Santos, M. (2020a). *Espaço e Método*. 5.ed. Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2020b). *Espaço do Cidadão*. 7.ed. Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M; Silveira, M. L. (2021). *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. 22º ed. Editora Record.
- Santos, T. H. R. dos, Scudeller, P. de A. P. (2020). “I am Ballroom”: Tensões, Reiteraões e Subversões na Partilha do Sensível da Cultura Ballroom Midiatizada. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 9(2). <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3997>.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascessão Social*. 6º Reimpressão. Editora Zahar.

ANEXOS

Anexo A – Roteiro do grupo focal

- **Primeiro Momento:** Apresentação da pesquisa e do grupo focal;
- **Segundo Momento:** Explicação e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como explanação do apoio psicológico por um profissional capacitado, em caso de qualquer desconforto experimentado pelos participantes;

Compreender a dinâmica de funcionamento da comunidade Ballroom em Manaus;

4.2 Objetivos específicos:

- Mapear Casas Ballroom, eventos e treinos desta cultura na cidade através da interseccionalidade;
- Destacar os fenômenos sociais através da reprodução e subversão existentes na cultura Ballroom no Amazonas;
- Discutir os conceitos de território na região Norte do Brasil e zona metropolitana do Amazonas;
- **Terceiro Momento:** Leitura de perguntas de acordo com os objetivos do segundo estudo, sendo estas:
 - Como você descreveria a cena Ballroom de Manaus?
 - Onde costumam ser os eventos e encontros da comunidade?
 - O que diferencia a cena Ballroom de Manaus de outras regiões?
 - Quais reproduções da estrutura social ocorrem dentro da ball? (família, violências, relações, organizações)
 - O que tem nas cenas nortistas que não estão presentes nas outras comunidades Ballroom ao redor do país?
 - Quais as identidades de vocês e que outras identidades estão presentes na cena Ballroom de Manaus?
- **Quarto Momento:** Abrir para perguntas e demais falas;
- **Agradecimentos e encerramento;**

ANEXO B – TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Vossa Senhoria está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa *Interseções Amazônicas: Uma Etnografia da Comunidade Ballroom em Manaus*, cuja pesquisadora responsável é Caní Jakson Alves da Silva. O objetivo principal da pesquisa é: Compreender a dinâmica de funcionamento da comunidade Ballroom em Manaus.

Vossa Senhoria tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. Neste caso, você pode entrar em contato com a pesquisadora Prof. Dra. Consuelena Lopes Leitão, a qualquer tempo para informação adicional no endereço eletrônico consuelena@gmail.com ou através do número de telefone (92) 98205-8475/ e sua orientanda Caní Jakson Alves da Silva, e-mail: psijaksonalves@gmail.com e no telefone (92) 98183-6249.

Em conformidade com a Resolução Nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, Vossa Senhoria tem direito a decidir se sua identidade poderá ser revelada ou não no estudo e quais dos dados fornecidos poderão ser ou não divulgados, ressaltando a plena liberdade de escolha em participação ou não nesta pesquisa. Ressalta-se ainda que a presente pesquisa atenderá os processos legais e éticos quanto ao respeito à dignidade humana. Caso aceite participar da pesquisa, você fará parte de um grupo focal, no qual consiste em responder perguntas abertas em um grupo de pessoas da mesma comunidade. Serão utilizados métodos de coleta de informações sobre as interações da pesquisadora com os participantes em atividades de campo, além do consentimento de gravação em áudio do grupo focal, preenchimento de dados em documentos, para garantir um processo seguro e ético. Os documentos necessários de assinatura são: Este termo de Consentimento Livre e esclarecido e o Termo de Consentimento de Pós Informação. É importante enfatizar a privacidade que envolve participantes de uma pesquisa científica, o direito à proteção da imagem e o sigilo das informações durante todas as fases da pesquisa. Estima-se que o tempo de aplicação do grupo focal tenha a duração média de 1h e 20min.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos possíveis podem ser situações de desconforto devido ao seu caráter pessoal, onde podem vir à tona emoções e sentimentos direcionados à determinadas vivências, memórias ou discursos. Explicitamos que caso haja necessidade, a sua participação pode ser suspensa em prol de sua saúde psíquica e bem-estar geral. É esperado como benefício com esta pesquisa, a

contribuição científica sobre relações sociais, processos e formas de enfrentamento de violência e saberes a respeito da comunidade Ballroom de Manaus. Se julgar necessário, você dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudar-lhes na tomada de decisão livre e esclarecida. Conforme a Resolução 466/2010 – CNS, é garantido o ressarcimento de eventuais despesas de participantes relativas à pesquisa e a indenização por eventuais danos causados.

Garantimos a você, o apoio nas despesas devido sua participação na pesquisa (transporte e lanche). Asseguramos o direito de assistência integral gratuita, devido à necessidade de apoio emocional decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário. Caso necessite conversar com alguém, em função de conteúdos mobilizados pela pesquisa, a pesquisadora responsável acionará a psicológica ODLACI REBECA DUARTE LIMA CRP 20/06409, que fara seu acompanhamento gratuito. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Caní Jakson Alves da Silva, e-mail: psijaksonalves@gmail.com e no telefone (92) 98183-6249, orientanda da Prof. Dra. Consuelena Lopes Leitão, a qualquer tempo para informação adicional no endereço eletrônico consuelena@gmail.com ou através do número de telefone (92) 98205– 8475.

Você também terá total liberdade de entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E- mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pela sua pessoa ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um. Declaramos ao Comitê de Ética em Pesquisa e aos participantes dessa pesquisa que as despesas oriundas de transporte e alimentação dos participantes no dia da coleta de dados e demais despesas de natureza emergencial, quando for o caso, serão ressarcidos e resguardados de qualquer prejuízo.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Termo de Consentimento de Pós Informação

Declaro que concordo em participar da pesquisa intitulada Intersecções Amazônicas: Comunidade Ballroom em Manaus.

Assinatura de Participação

Manaus, ____/____/____

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Manaus, ____/____/____

Anexo C – Termo de atendimento com a psicóloga

DECLARAÇÃO

Segundo a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados e quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes.

Com isso, a metodologia dentro do escopo metodológico da pesquisa intitulada **INTERSECÇÕES AMAZÔNIDAS: COMUNIDADE BALLROOM EM MANAUS** de Caní Jakson Alves da Silva, pesquisadora vinculada a Universidade Federal do Amazonas - UFAM, podem trazer riscos de desconforto emocional, constrangimento, e outros de ordem psicológica ou psicossocial.

Por isso mesmo que a Resolução 466/2012 ainda estabelece que o pesquisador, o patrocinador e as instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa devem proporcionar assistência imediata, bem como responsabilizarem-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa.

Assim, eu Odlaci Rebeca Duarte Lima, psicóloga com CRP 20/06409 me responsabilizo em prestar assistência integral e acompanhamento psicológico em quaisquer situações de risco psicológico ou emocional envolvendo os sujeitos entrevistados na pesquisa em questão.

Manaus, 17 de Outubro de 2023.

Odlaci Rebeca Duarte Lima
Psicóloga CRP- 20/06409